

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Arlete Inocência Menezes Leal Granados

**A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR DURANTE A
PANDEMIA DA COVID-19**

Belo Horizonte
Junho de 2022

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA

Arlete Inocência Menezes Leal Granados

**A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR DURANTE A
PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação de mestrado da Universidade do Estado de Minas Gerais como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha 1 - Culturas, memórias e linguagens em processos educativos.

Orientadora: Profa. Dra. Santuza Amorim da Silva

Belo Horizonte
Junho de 2022

G748m

Granados, Arlete Inocência Menezes Leal

A mediação de leitura na biblioteca escolar durante a pandemia da COVID-19 /
[manuscrito] Arlete Inocência Menezes Leal Granados – 2022

CD-ROM, 1 recurso online.,128 f.; il.,color

Orientadora: Santuza Amorim da Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade
de Educação.

Referências: f. 104-112

Apêndices: f. 113-128

1. Bibliotecas escolares – Teses. 2. Livros e leitura – Teses. 3. Pandemia. 4.
Educação – Teses. I. Título. II. Silva, Santuza Amorim da. III. Universidade
do Estado de Minas Gerais. Faculdade de Educação.

CDD: 372.4

Arlete Inocência Menezes Leal Granados

**A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR DURANTE A
PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana, Linha de Pesquisa 1 – Culturas, Memórias e Linguagens em Processos Educativos, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais para exame de defesa.

Prof. Dr^a Santuza Amorim da Silva - UEMG (Presidente/Orientadora)

Prof.^a Dr^a Raquel Miranda Vilela Paiva- UFMG (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr^a Janayna Alvez Brejo - UEMG (Banca Examinadora)

Prof.^a Dr^a Aracy Alves Martins - UFMG (Suplente)

Prof.^a Dr^a Daniela Perri Bandeira - UEMG (Suplente)

Belo Horizonte, 21 de junho de 2022

DEDICATÓRIA

À memória de meu pai, Orlando Menezes, que me contou as primeiras histórias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que não permitiu que eu desistisse quando tudo parecia impossível.

À minha mãe, Ivanilde, que sempre acreditou no meu potencial e incentivou meus estudos. Sem ela, eu definitivamente não teria chegado até aqui. Obrigada pelo tempo e fé investidos em mim e por ser um exemplo de perseverança e disciplina.

Ao meu pai, Orlando, quanta saudade! Obrigada pelo amor e carinho dedicados a mim. Foi a primeira pessoa que me contou “historinhas” que faziam minha imaginação fervilhar. Sei que foi meu principal admirador. A saudade será eterna!

Ao meu marido, meu amado Josué, que está comigo nos momentos bons e difíceis. Meu companheiro de vida e exemplo de pesquisador acadêmico. Gratidão por sua presença contínua, por nossos projetos em comum e por seu amor.

À Dr^a Santuza Amorim da Silva, minha orientadora, que desde o processo seletivo do mestrado acreditou em minha proposta, me acolheu com tanto carinho! Com extrema dedicação e cuidado, ajudou a viabilizar a concretização desta pesquisa. Obrigada por todos os ensinamentos.

Ao Dr. José Eustáquio Brito que com muita sensibilidade, tornou minha trajetória no mestrado mais amena. Sempre com palavras certas, no momento oportuno, desde a época da Afirmção na Pós. Obrigada, professor!

Aos membros da banca, Dr^a. Raquel Paiva e Dr^a. Janayna Brejo que acreditaram no potencial desta pesquisa e contribuíram com dicas valiosas durante o processo de qualificação.

À Dr^a Aracy Alves Martins e à Dr^a Daniela Perri Bandeira, por aceitarem fazer parte da banca e contribuir para minha jornada acadêmica.

Aos professores e colegas de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana da UEMG, pelo acolhimento.

Aos meus familiares e amigos que marcaram a minha vida com intensidade distintas. Sou grata por cada reconhecimento, apoio, conselhos e intervenções.

Aos mediadores de leitura e profissionais atuantes na biblioteca escolar, principalmente aos que colaboraram para a concretização desta pesquisa, obrigada! Vocês contribuem ativamente para a construção e formação de uma nação leitora.

“Assim como nunca atravessamos o mesmo rio, também nunca lemos o mesmo texto. No transcurso que fazemos ao transitar por um texto o que vale é a nossa liberdade no transporte dos desejos. Afinal, o texto jaz e nós leitores o ressuscitamos através da leitura”.

Batista de Lima.

RESUMO

A pandemia da covid-19 gerou grandes mudanças na metodologia de trabalho, em nível mundial, devido ao distanciamento social. Neste contexto pandêmico, tencionou-se investigar as estratégias e ações em mediação de leitura para a formação do leitor empreendidas na biblioteca escolar no Brasil, visando, sobretudo, explorar as ações de mediação e incentivo à leitura que foram colocadas em prática de maneira remota, bem como detectar os recursos utilizados nesse processo. Construiu-se o referencial teórico a partir da temática proposta e demais assuntos que coadunam para o enriquecimento do estudo, como a importância da leitura, cultura digital, a biblioteca e a covid-19 que deram subsídios para o desenvolvimento da pesquisa. Metodologicamente, foi empreendida uma pesquisa de caráter quanti-qualitativa. Para melhor entendimento da pesquisa, utilizou-se como aporte teórico: Silva (1995) (1999); Soares (2002); Chartier (1998) (2002); Freire (2009); Butlen (2012) (2015) (2016) (2017); Campello (2008) (2010); Bortolin (2008) (2010); Petit (2008) (2009); Vygotsky (1993) (2003); Almeida Júnior (2008) (2009); Paulino (2001) (2004) (2005) (2009) (2010); Cosson (2004) (2006) (2009). Como técnica de coleta de dados, aplicou-se um questionário eletrônico semiestruturado para os profissionais que estão à frente das bibliotecas escolares do país. Em seguida, executou-se uma entrevista semiestruturada com quatro respondentes desse questionário. Desta forma, pôde-se constatar que as bibliotecas escolares presentes na região sudeste desenvolveram mais ações de incentivo à leitura durante a pandemia da covid-19. Os sujeitos da pesquisa relataram os sucessos e as dificuldades em realizar atividades de promoção à leitura sem contato físico com os usuários-leitores e reconhecem a importância da leitura, da biblioteca escolar e da mediação da leitura em qualquer período. Os resultados indicaram que os profissionais atuantes na biblioteca escolar conseguiram, na medida do possível, relacionar a biblioteca escolar, a formação do leitor e o meio digital e, que ao despendar tempo e planejamento, é possível lograr em mediar a leitura mesmo com o distanciamento social.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Covid-19. Formação do leitor. Mediação de leitura.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has generated major changes in work methodology, worldwide, due to social distancing. In this pandemic context, it was intended to investigate the strategies and actions in reading mediation for the formation of the reader undertaken in the school library in Brazil, aiming, above all, to explore the mediation and reading incentive actions that were put into practice remotely, as well as detect the resources used in this process. The theoretical framework was built, based on the proposed theme and other subjects that contribute to the enrichment of the study, such as the importance of reading, digital culture, the library and COVID-19 that provided subsidies for the development of the research. Methodologically, a quantitative-qualitative research was undertaken. For a better understanding of the research, the following theoretical contributions were used: Silva (1995) (1999); Soares (2002); Chartier (1998) (2002); Freire (2009); Butlen (2012) (2015) (2016) (2017); Campello (2008) (2010); Bortolin (2008) (2010); Petit (2008) (2009); Vygotsky (1993) (2003); Almeida Júnior (2008) (2009); Paulino (2001) (2004) (2005) (2009) (2010); Cosson (2004) (2006) (2009). As a data collection technique, a semi-structured electronic questionnaire was applied to professionals who are in charge of school libraries in the country. Then, a semi-structured interview was carried out with 4 (four) respondents of this questionnaire. In this way, it was possible to verify that the school libraries present in the Southeast region developed more actions to encourage reading during the Covid-19 pandemic. The research subjects reported successes and difficulties in carrying out activities to promote reading without physical contact with user-readers and recognize the importance of reading, the school library and reading mediation in any period. The results indicated that professionals working in the school library were able, as far as possible, to relate the school library, reader training and the digital environment, and that by spending time and planning, it is possible to mediate reading even with the distance Social.

Keywords: School library. Covid-19. Reader training. Reading mediation.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Trabalhos selecionados nos Anais da ANPEd	54
QUADRO 2 - Trabalhos selecionados na Base de Dados Brapci	55
QUADRO 3 - Trabalhos selecionados no catálogo do Portal CAPES	56
QUADRO 4 - Trabalhos selecionados na Biblioteca de Teses e Dissertações do IBICT	57
QUADRO 5 - Dados mais relevante dos sujeitos da entrevista	93

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Função dos participantes na biblioteca escolar	62
TABELA 2 - Tipo de instituição onde está inserida a biblioteca escolar.....	63
TABELA 3 - Quantitativo das bibliotecas separadas por regiões brasileiras.....	64
TABELA 4 - Resistência em não poder acessar materiais impressos da biblioteca	66

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Convite Clube de Leitura	121
FIGURA 2 - Informativo Clube de Leitura	122
FIGURA 3 - Cronograma Clube de Leitura	123
FIGURA 4 - Questões discutidas no Clube de Leitura	124
FIGURA 5 - Alguns comentários dos leitores	125
FIGURA 6 - Alguns comentários dos leitores 2	126
FIGURA 7 - Palestra na semana da Biblioteca	127
FIGURA 8 - Minicurso no YouTube	127
FIGURA 9 - Print da palestra síncrona no YouTube	128
FIGURA 10 - Convite Clube do Livro	128

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Banco Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEALE	Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COVID	Corona Virus Diasese
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PETs	Planos de Estudos Tutorados
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
RPN	Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS QUE PERMEIAM AS QUESTÕES E O OBJETO DE PESQUISA.....	22
1.1 OS CAMINHOS DA LEITURA	22
1.2 MEDIAÇÃO DE LEITURA: UMA PRÁTICA QUE EXTRAPOLA O ESPAÇO FÍSICO	28
1.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS: COMO ELAS SE RELACIONAM COM A LEITURA E A BIBLIOTECA?	36
1.4 A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO LOCAL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	40
1.5 A BIBLIOTECA E A COVID-19: O QUE SE SABE ATÉ AGORA?.....	46
2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO	53
2.1 MAPEAMENTO DA TEMÁTICA DA PESQUISA NA ANPEd, BRAPCI, CAPES E IBICT	54
2.2 COLETA DE DADOS: TRIAGEM NAS REDES SOCIAIS EM BUSCA DAS(O) SUJEITAS(O) DA PESQUISA	59
3 O CONTEXTO DA BIBLIOTECA ESCOLAR AO LONGO DA PANDEMIA: APRESENTAÇÃO DOS DADOS	62
3.1 COMPILAÇÕES DO QUESTIONÁRIO.....	62
3.1.1 Formas de mediação	65
3.1.2 O que se entende por mediação?	66
3.1.3 Que valor se atribui à leitura?.....	67
3.1.4 Leitores críticos na pandemia	68
3.1.5 Projetos de promoção de leitura	70
3.1.6 Mediador como leitor	72
3.1.7 A biblioteca escolar mediante a crise: erros e acertos	74
3.2 A ENTREVISTA: conhecendo as(o) sujeitas(o) da pesquisa.....	76
3.2.1 Perfil das(o) entrevistadas(o).....	78
3.2.2 Conhecendo as ações de mediação de leitura dos participantes.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE.....	113
APÊNDICE B: Questionário de pesquisa – a mediação de leitura na biblioteca escolar durante a pandemia da covid-19.....	115
APÊNDICE C: Roteiro de entrevista	119
APÊNDICE D: Material disponibilizado pela entrevistada número 1 e pelo entrevistado número 2.....	120

INTRODUÇÃO

A biblioteca escolar tem um lugar de destaque em minha vida. Foi e é essencial em minha formação e construção pessoal e profissional.

Como a maioria das crianças, eu gostava de livros: ver suas ilustrações e ouvir histórias. Mas livros eram caros e meus pais não tinham condições de comprá-los. As bibliotecas públicas não eram acessíveis para mim, pela questão da distância e falta de recursos para frequentá-las. Sem falar que as bibliotecas eram vistas (pelo menos no contexto em que eu vivia) como um local para grandes estudiosos, não para pessoas comuns.

Até os 10 anos de idade, estudei em uma escola estadual de Minas Gerais e sua biblioteca era simples, sem funcionários regulares, com livros pouco atraentes, arcaicos e desorganizados. O que se chamava de biblioteca, na verdade, estava mais para um depósito de livros velhos. E assim, acabei perdendo o interesse por livros e pela leitura. Só fazia empréstimo de algum título se era obrigada, fingia que lia para cumprir as atividades escolares e, mesmo assim, fazia mal feito, sem capricho. Buscava resumos com os colegas ou inventava qualquer coisa de acordo com o título e a sinopse da história. Levava os estudos como algo chato e sem importância, uma atividade a ser realizada por obrigação.

Tudo se transformou quando, aos 11 anos de idade, mudei de bairro e passei a morar em um conjunto habitacional para famílias de baixa renda e sem casa própria. Tivemos uma moradia mais digna e, nessa época, também mudei de escola: fui estudar na Escola Municipal Henriqueta Lisboa, em Belo Horizonte - MG.

Quando conheci a biblioteca desta nova escola, fiquei encantada! Era linda, bem organizada, bem equipada, as funcionárias estavam lá diariamente, davam dicas de leitura, os livros eram bem organizados e novos, o espaço físico adequado, mesas e cadeiras em bom estado, livros atraentes e condizentes à minha faixa etária. Tomei gosto pela leitura! Não parava de ler, falava sobre os livros que lia, contava para meus colegas de classe sobre os livros, recomendava os mais legais, eles aceitavam as minhas recomendações, e foi se formando uma rede de leitores. A auxiliar da biblioteca da escola me incentivava, propunha atividades, escutava as minhas ideias, tentava comprar os livros que os usuários pediam, auxiliava nas pesquisas...

Além de leitora, tornei-me uma boa estudante. Eu estudava por gosto de aprender e me comprometia com as disciplinas. Queria e quero aprender cada vez mais.

A partir desta vivência, aproveito este espaço para trazer uma reflexão: frequenta a biblioteca quem é um bom estudante ou tem chances de se tornar um bom estudante quem passa a frequentar a biblioteca?

Amava ver e ouvir histórias do contador de histórias Roberto Carlos Ramos¹ por meio dos *DVD's*² que a escola disponibilizava. Aos 12 anos de idade, em conversa com a auxiliar de biblioteca, Kelly (responsável pela biblioteca da escola que eu estudava, pois a bibliotecária transitava entre várias escolas da região), revelei a ela que um dia também gostaria de atuar em biblioteca para ficar no meio dos livros e ajudar outras crianças e adolescentes a ler. Ela logo disse: “então você deve fazer Biblioteconomia”. Aquilo ficou na minha memória e, aos 18 anos, ingressei na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG –, no curso de Biblioteconomia. Tornei-me bibliotecária e hoje acompanho de perto as delícias e os desafios da formação leitora. No anseio de refletir sobre a o incentivo à leitura e a formação leitora de crianças, jovens e adultos, almejei o mestrado em Educação e Formação Humana na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG –, bem como acompanhar e fazer parte da incessante reconstrução e dos avanços da biblioteca escolar no Brasil, para além do período da pandemia da covid-19³, na condição de pesquisadora, já que a pandemia trouxe inúmeras mudanças que fazem investigações como esta extremamente necessária.

Em meados do mês de março de 2020, o Brasil precisou reformular os métodos de exercer suas atividades por causa da pandemia do novo coronavírus, cientificamente chamado COVID-19 (SARS-CoV-2).⁴ A Organização Mundial da Saúde – OMS – definiu a doença como infecciosa, podendo levar à morte das pessoas infectadas. Dessa forma, a pandemia foi considerada pela OMS como de alto risco de contágio para a população. Os estados brasileiros criaram vários decretos para orientar os cidadãos e para tentar conter as aglomerações e o avanço da covid-19. (CUETO, 2020).

As medidas restritivas de isolamento e distanciamento social culminaram com o fechamento das instituições de ensino do país, no final de março do ano de 2020, acarretando a suspensão das atividades escolares presenciais. A forma de ensinar precisou passar por mudanças até que muitas instituições aderiram ao formato *online*,

¹ Considerado um dos dez melhores contadores de histórias do mundo, é um pedagogo natural de Belo Horizonte/MG.

² Sigla de "Digital Versatile Disc", (em português, Disco Digital Versátil) e seu formato digital "Digital Video Disc" para arquivar ou guardar dados de som e voz e imagem, criado no ano de 1995.

³ O nome “covid” é a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus". Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados.

⁴ Sigla do inglês que significa coronavirus 2 da síndrome respiratória aguda grave.

com aulas virtuais síncronas ou assíncronas⁵, disponibilizadas nas plataformas das escolas ou até mesmo utilizando recursos disponíveis no *YouTube*⁶ e outras redes sociais. O ensino trouxe suas adaptações e termos como *blending learning*⁷ e *open access*⁸, na modalidade *online*, começaram a ganhar sentido e propuseram uma mudança qualitativa nas estratégias de virtualização.

As aulas em formato *online* ministradas durante a pandemia tentaram manter a proximidade com as aulas presenciais do período anterior a 2020, no que se refere ao conteúdo disponibilizado por série e disciplina. A leitura e a escrita perpassam os ensinamentos de todas as disciplinas. Muitas vezes, o processo de escolarização de um indivíduo é tido como sinônimo de aprendizagem de leitura e escrita, sobretudo, da educação infantil ao término do ensino fundamental. Essa leitura que se trabalha na escola não deverá ser apenas um instrumento de alfabetização, mas um suporte para que, ao vivenciá-la, o indivíduo tenha um senso crítico mais aguçado, de modo a tornar-se mais sensível às questões do cotidiano. Muito do conteúdo disseminado nas aulas *online*, focou na importância da escrita e da leitura como um todo e, mesmo no modelo remoto, a formação do leitor não pôde deixar de ser uma meta.

É importante frisar que a formação do leitor não é feita exclusivamente na sala de aula e mediada por professores, ela também pode ser feita na biblioteca e pelos profissionais que nela atuam. Diante disso, vale ressaltar a importância da biblioteca escolar na promoção e mediação de leitura. Muitos percebem este espaço como um local apenas para realização de tarefas escolares obrigatórias e para guardar materiais. Torna-se, então, imprescindível afirmar e reconhecer a biblioteca escolar como propícia para múltiplas e importantes ações de mediação para a formação do leitor e que pode transcender o espaço físico, chegando às casas dos usuários no formato *online*, afinal, a mediação de leitura pode ser feita no formato digital, audiovisual e oral. Nesse contexto, as bibliotecas são vistas como mecanismos disseminadores e provedores de informação;

⁵ “Síncrona” indica algo que acontece simultaneamente. Nas aulas, refere-se que há a possibilidade de o aluno interagir em tempo real, ao vivo. “Assíncrona”, em contrapartida, não tem essa opção e as aulas são disponibilizadas de forma gravada.

⁶ YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

⁷ É um derivado do "*e-learning*". Refere-se a um sistema de formação no qual a maior parte dos conteúdos é transmitido em curso a distância, normalmente pela internet, entretanto inclui necessariamente situações presenciais, daí a origem da designação "*blended*", algo misto.

⁸ Disponibilização *online* e de livre acesso aos resultados de múltiplas investigações científicas.

e as instituições educacionais, como formadoras. Ambas foram compelidas a reformular suas práticas e estratégias enquanto aguardam o "novo normal".⁹

Nesse marco em nossa história, a biblioteca escolar precisou se reinventar. Nessa reinvenção, é válido apropriar-se dos processos tecnológicos, das redes, ou seja, acompanhar as mudanças temporais. É fundamental nos socializarmos tecnologicamente. Não se deve pensar a tecnologia apenas como uma ferramenta, mas sim como um canal educativo e formativo. À vista disso, Sousa e Maçaneiro (2018) afirmam que a midiatização da leitura e da escrita requer da escola um redimensionamento de seu papel, para que assuma com competência renovada o ofício da lição.

Nesse contexto, almejou-se investigar, vinculado ao Programa de Mestrado em Educação, as experiências de mediação e incentivo à leitura, visando a formação de leitores (mesmo a distância), filtrando as ações divulgadas pelos profissionais atuantes em algumas bibliotecas escolares de distintas regiões do país nas mídias, como *Instagram*¹⁰, *Facebook*¹¹ e *WhatsApp*¹², durante a pandemia da covid-19. Em meio à pesquisa, utilizou-se como aporte teórico produções de autores relevantes para a área. Dentre eles, destacam-se: Silva (1995) (1999); Soares (2002); Chartier (1998) (2002); Freire (2009); Butlen (2012) (2015) (2016) (2017); Campello (2008) (2010); Bortolin (2008) (2010); Petit (2008) (2009); Vygotsky (1993) (2003); Almeida Júnior (2008) (2009); Paulino (2001) (2004) (2005) (2009) (2010); Cosson (2004) (2006) (2009). Para dimensionar a relação da teoria com a prática, propôs-se análises e reflexões em artigos, teses e dissertações selecionadas a partir de uma revisão bibliográfica da temática desejada, entre 2015 e 2021, nos Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, a ANPEd; na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – Brapci –; no catálogo do Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); e na biblioteca digital do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, o IBICT. Por intermédio dessa pesquisa, objetivou-se compreender as possibilidades de

⁹ Termo cunhado para designar um novo padrão comportamental e de estado após uma crise, neste caso, após a pandemia da covid-19.

¹⁰ O Instagram é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em outras redes sociais.

¹¹ É mídia social e rede social virtual que permite a interação entre os usuários e o compartilhamento de fotos, textos, vídeos, etc.

¹² WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

mediação de leitura no âmbito desta instância escolar, a biblioteca, num momento em que tais ações não puderam ser realizadas de modo presencial.

Para fins deste estudo, cabe fazer algumas ponderações que justificam esta proposta. A biblioteca escolar destaca-se como um importante recurso para auxiliar e complementar as atividades de ensino-aprendizagem nesse ambiente, uma vez que ela pode contribuir para o fomento à leitura e colaborar na concretização do projeto pedagógico escolar. Em vista disso, e mesmo no cenário pandêmico, é essencial que a biblioteca escolar continue a exercer suas atividades na prestação do serviço de referência, na disseminação da informação, na formação do leitor, no suporte pedagógico, entre outros.

O surgimento da covid-19 forçou as bibliotecas a aprimorarem – ou em alguns casos, a criarem – seus canais virtuais para estender os seus ofícios e atividades na prestação de serviços, por conseguinte, tornou-se imprescindível investigar as práticas de mediação, principalmente, no que se refere à promoção do livro e da leitura durante a pandemia do novo coronavírus, a partir do ano de 2020. Tais ações e atividades poderão, no futuro, culminar para o estabelecimento de mais um passo na evolução da biblioteca escolar no Brasil.

Há muito material produzido, durante a pandemia da covid-19, sobre os desafios do ensino remoto no Brasil, inclusive, na Educação Básica, mas ainda há uma grande lacuna sobre o serviço de mediação de leitura prestado pela biblioteca escolar neste período. Portanto, espera-se contribuir em relação a este setor e às implicações em torno da formação do leitor.

No intuito de conhecer esta realidade que impactou o sistema educacional, muitos questionamentos surgem, afinal todo este processo de migração do presencial para o remoto exigiu muita adaptação e mobilização de novas práticas por parte de quem atuava nesse ambiente. Assim, nesse contexto de tantas dúvidas e incertezas, esta pesquisa tenciona contribuir para elucidar questões como: o que as bibliotecas escolares têm feito no que concerne à formação do leitor? Como os profissionais que atuam neste espaço continuaram seu trabalho de mediação da leitura e da informação no formato remoto? Quais são as práticas de mediação de leitura empreendidas no âmbito deste *locus* em um momento tão peculiar? Em qual(is) região(ões) do Brasil ocorreu(ram) mais ações de mediação de leitura tendo a biblioteca escolar como protagonista? Como isso foi manejado?

Para tanto, delimitou-se assim o seguinte objetivo geral: “Investigar as estratégias e ações em mediação de leitura adotada para a formação do leitor, empreendidas na biblioteca escolar no período da pandemia da covid-19”. Foram delineados os seguintes objetivos específicos: identificar quais são as ações de mediação e incentivo à leitura realizadas nas bibliotecas escolares averiguadas que podem incentivar a apropriação da informação e a formação do leitor; detectar quais meios, mídias e redes sociais são mais utilizadas no ambiente digital para a mediação de leitura; verificar como são utilizados tais meios digitais; elencar quais regiões do Brasil desenvolveram mais ações de mediação de leitura, no formato remoto, durante a pandemia da covid-19.

É importante ressaltar que, com esta investigação, pretende-se buscar caminhos que mostrem como os profissionais atuantes no âmbito da biblioteca escolar se reinventaram num período tão difícil e delicado em nossa história, se esforçando em dar prosseguimento ao trabalho desenvolvido em relação às práticas de leitura. Busca-se com isso, compreender, o impacto na formação do leitor e fornecer subsídios e reflexões para futuras pesquisas que possam vir a se ocupar dessa nova perspectiva que se abre e contribuir para o avanço e o debate nos estudos acerca da biblioteca escolar.

Portanto, o objeto de estudo desta dissertação será *a mediação de leitura realizada no ambiente da biblioteca escolar durante a pandemia de covid-19, com vistas à formação do sujeito leitor.*

O trabalho se estrutura com a introdução, na qual se faz uma contextualização do cenário contemporâneo no qual a pesquisa se estabelece. Destacam-se alguns autores que forneceram embasamento teórico para a construção do saber, apresentam-se a justificativa e as questões que permeiam o problema de pesquisa.

Para dar embasamento a este trabalho, apresenta-se, no capítulo 1, o referencial teórico, com ênfase na relevância da leitura, seus desdobramentos, conceitos e aplicações. Abordou-se ainda as atribuições, implicações e versatilidade na mediação de leitura. O capítulo abrange ainda as tecnologias digitais e como elas se relacionam com biblioteca, já que têm se demonstrado essenciais durante a pandemia. Em seguida, expõe-se a biblioteca escolar, seus aspectos históricos e a sua importância na formação do leitor. Por fim, contextualiza a biblioteca com o período histórico hodierno, levando-se em conta o impacto que a covid-19 causou nos serviços prestados pelas bibliotecas.

Posteriormente, apresenta-se o capítulo 2, que concerne à metodologia, no qual explanam-se os caminhos da pesquisa. Explicita o percurso tomado na realização da

seleção de materiais para a revisão de literatura, ou seja, o levantamento bibliográfico, demonstram-se as ferramentas utilizadas na pesquisa quanti-qualitativa e a triagem realizada em redes sociais em busca dos sujeitos deste estudo.

O capítulo 3 compreende a análise dos dados e abrange as compilações resultantes do questionário semiestruturado aplicado. Em seguida, apresenta-se a análise dos dados a partir das respostas dos participantes, fazendo comparações pertinentes com autores da área, ou seja, com materiais que já foram publicados, dando subsídios científicos e teóricos para os apontamentos. Nesta análise, objetivando uma melhor compreensão, optou-se por transcrever, literalmente, algumas das respostas abertas do questionário em questão. Encontra-se ainda a análise da entrevista semiestruturada, realizada com quatro respondentes ao formulário enviado anteriormente. Dos quatro entrevistados, dois tiveram sucesso nas ações de formação do leitor, promovidas pela biblioteca durante a pandemia e dois consideraram os resultados insatisfatórios.

Posteriormente, encontram-se as considerações finais desta pesquisa, em que foi possível responder aos objetivos. A partir dos dados analisados, constatou-se que a região Sudeste do Brasil foi a região em que ocorreram mais ações de mediação de leitura; certificou-se que diversas ações de mediação de leitura, com o objetivo de formar leitores, foram realizadas, sendo as redes sociais as protagonistas neste processo. Elucidou-se ainda que a tecnologia despontou como importante aliada para favorecer a mediação de leitura, sendo que os meios mais utilizados para concretização do incentivo à leitura em meio à pandemia foram: *WhatsApp, Instagram, Facebook, YouTube e E-mail*. A pesquisa abre caminho para outras investigações, que consistiria em averiguar a situação das bibliotecas escolares no período pós-pandemia, no que concerne às atividades presentes nesse ambiente e, sobretudo, as ações de mediação de leitura para a formação do leitor, observando como elas ocorrem no semipresencial, na forma híbrida ou no remoto.

Por fim, encontram-se as referências, seguidas pelos apêndices.

1 AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS QUE PERMEIAM AS QUESTÕES E O OBJETO DE PESQUISA

Almejando atender aos objetivos estabelecidos para esta pesquisa, qual seja, investigar as estratégias e as ações em mediação de leitura adotadas para a formação do leitor, empreendidas na biblioteca escolar no período da pandemia da covid-19 – que se iniciou em 2020 e até o momento da concretização desta pesquisa ainda está em presente –, cabe aqui um apontamento sobre os trabalhos selecionados antes de efetuar a análise criteriosa dos dados colhidos em campo, pois a pesquisa preliminar realizada permitiu aspirar de forma mais eficaz o campo de estudo. Buscou-se o referencial teórico com enfoque em diversas áreas que, de certo modo, permeiam e dialogam com este estudo, como o campo da Educação, da Ciência da Informação e da Letras. A partir disso, apresentamos algumas reflexões postuladas por este referencial no âmbito dessa discussão.

1.1 OS CAMINHOS DA LEITURA

A leitura e suas práticas de mediação na biblioteca escolar, visando a contribuição para a formação do leitor, são os focos desta pesquisa no Programa de Mestrado em Educação. A leitura pode ser algo de elevado significado para o sujeito, acrescentando-lhe novas experiências, criando e reformulando ideias já existentes, relacionando a informação apreendida com suas vivências, pois cada sujeito leitor tem sua forma de ler. Existe uma leitura de pesquisa/acadêmica que está diretamente relacionada aos processos de estudo. Outra leitura com objetivos informacionais, que mantém o sujeito atualizado acerca dos acontecimentos que ocorrem. Há também a leitura de fruição, de deleite, na qual seus horizontes são diversos. A leitura, quando se torna reveladora da palavra e do mundo, se constitui em mais um instrumento de domínio da argumentação, além de promover o combate à ignorância e à alienação. Vale frisar que se trata de uma prática social e histórica, sofrendo, assim, transformações com o passar dos tempos. Na antiguidade, a leitura era destinada somente aos homens da classe dominante e, mesmo assim, era realizada de maneira controlada, na tentativa de evitar que as pessoas obtivessem uma grande quantidade de conhecimento por meio dos livros.

Sobre esse momento, Abreu (2020) esclarece sobre um fato curioso: que ler em voz alta era a norma quando muitos nobres dependiam da oralização das palavras para

compreensão de um texto. Ler em voz alta era uma forma de sociabilidade comum. Esse tipo de leitura, além de permitir o contato com ideias codificadas em um texto, era uma forma de entretenimento e de encontro social. Ler bem era o mesmo que falar bem e era imprescindível para se destacar na época. A autora traz ainda que se supunha que, em todas as épocas, ler implicava pensar sobre textos e interpretá-los, exigindo habilidades superiores à capacidade para decifrar os sinais gráficos da escrita.

Mas a leitura vai além da decodificação de palavras, acerca disso, Lajolo (1982) conceitua a leitura como:

Uma atividade que está muito além da decifração de signos linguísticos: ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982, p.59).

Freire (2009) descreve que o ato de ler precisa ser uma prática consciente. A leitura de mundo por parte do leitor sempre foi fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrever; transformando o texto através de uma prática consciente. O leitor deve aplicar uma significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador.

Silva (1995) define que a leitura mais produtiva é aquela capaz de gerar a reorganização das experiências do leitor ao nível individual e ao nível coletivo. Aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações, isto porque esse tipo de leitura, além de permitir a liberdade de interpretação e expressão, faz com que os leitores se enriqueçam mutuamente através de elucidações e justificativas constantes conseguidas através da discussão e do debate.

Ler, em certa medida, pode ser um ato de transformação e conhecimento. Cardoso (2015) acredita que o ato de ler transforma o indivíduo e essa mudança é refletida na sociedade. Lê-se em comunidade, sempre tendo como parâmetro o contexto cultural e social que cerca a produção e a recepção de textos. Por meio da leitura, seja de um jornal, de uma revista, de um artigo científico ou de uma tese de doutorado, é possível acessar e rever os significados do código escrito. Em sua definição, leitura é a construção de significados, além de ser um elemento-chave para o aprimoramento intelectual do indivíduo. Quando se é conquistado pelo texto e entende-se a

complexidade e variações dos significados, é possível compreender melhor o mundo e a si mesmo.

Ressalta-se que, em muitos casos, a leitura é vista como uma prática discursiva através da qual o leitor interage com o autor por meio dos textos. Não podemos inferir-lhe um sentido meramente a partir dos seus aspectos formais, mas de suas condições de produção sob o conjunto das relações que permeiam essa prática, as relações entre os sujeitos e destes com aspectos histórico-sociais. Ou seja, o leitor atribui o sentido ao que é lido. Este sentido depende do suporte textual que determina o modo pelo qual o texto atinge o seu legente¹³. Muitas vezes, o mesmo texto terá leituras diferentes por parte de leitores diferentes, ou até mesmo pelo mesmo leitor em momentos diferentes de sua vida. Sobre isso, Bourdieu e Chartier (2001, p. 242) travam um debate, no qual é dito: “Quando o livro permanece e o mundo em torno dele muda, o livro muda”.

Neste sentido, Silva (1999) estabelece que a riqueza maior de um texto reside na sua capacidade de evocar múltiplos sentidos entre os leitores. Quando um texto inicia a sua circulação em sociedade, não existe forma de prever que sentido(s) ele terá. Então, para o autor, cabe a compreensão de que repertórios diferentes produzirão diferentes sentidos durante a leitura, a menos que, conforme muitas vezes ocorre na escola, um único significado em relação ao conteúdo do texto seja o eleito para seguimento de reprodução e avaliação.

Para Butlen (2012), a possibilidade de que os leitores evoquem múltiplos sentidos ao texto e que se tenha variedade de recepção e interpretação na leitura, resulta numa nova concepção da formação de leitores. Ele atenta que:

A prioridade não é mais dada como na concepção clássica ao autor e à suas intenções, ou ainda ao texto, à sua estrutura, ao seu estilo, a ênfase é dada desta vez ao próprio sujeito colocando-o no centro da cena educacional e cultural, dando-o de maneira deliberada um poder face aos textos que o levam a sério e que podem ser descritos como resistentes na medida em que eles oferecem situações de problemas de leitura, desencadeiam conflitos de interpretação, ou abrem pelo menos a possibilidade de debates interpretativos que podem ocorrer com formas e objetivos diferentes em sala de aula, na biblioteca escolar e na seção juvenil das bibliotecas públicas. (BUTLEN, 2012, p. 8).

De acordo com Chartier (1998), a leitura refere-se à produção de significados, pois, para o autor, ela sempre será sempre apropriação, criação. Toda a história da leitura conjectura esta liberdade do leitor que desloca e dissuade aquilo que o livro lhe

¹³ Aquele que lê; ledor, leitor.

pretende impor. Essa liberdade deriva de hábitos, contexto social, econômico, aspecto temporal e outros. A compreensão do que se lê passa pelo filtro cultural do leitor, o relacionamento do leitor com a leitura dependerá do texto lido e dependerá também do leitor, de suas competências e práticas, e do formato em que está o texto a ser lido. Chartier (1998) complementa ainda que não há modos “equivocados” ou “acertados” de se realizar uma leitura, mas formas diversificadas de apropriação. E ressalta que não há livro sem leitor.

Ainda explorando os apontamentos de Chartier (1998), o autor destaca, em seu trabalho, que os que são considerados não leitores também leem, mas leem coisas diferentes daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. Aspecto corroborado por Butlen (2016) que afirma que adolescentes e jovens são muito mais leitores do que se imagina, no entanto, os textos escolhidos para suas leituras não atendem às expectativas desejadas pelos mediadores e professores. O incentivo à leitura e à formação do leitor moderno não podem se realizar contra a identidade dos sujeitos.

Butlen (2016) explica que saberes cognitivos e metacognitivos em relação à interpretação de texto fazem a diferença na qualidade das leituras. Quanto mais um leitor tiver o domínio das estratégias de leitura, mais terá o domínio do letramento de forma eficaz. Letramento, segundo Soares (2002), cujo o núcleo de seu conceito são as práticas sociais de leitura e de escrita, está para além da aquisição do sistema de escrita, ou seja, para além da alfabetização. A autora ainda disserta que a leitura explora as dimensões sociais, cognitivas e culturais. Em suma, as práticas de leitura alimentam as outras práticas culturais, com elas dialogam, combinam-se permanentemente: com a literatura, a poesia, o teatro, a música, a pintura, as artes visuais, a fotografia, o cinema.

Interligando, com esta ideia, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a leitura é trabalhada com o objetivo de ampliar o letramento já iniciado na Educação Infantil e na família, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura, compartilhada e autônoma, em textos de diferentes complexidades.

Não existe uma única definição sobre o que é leitura. Como já dito, sabe-se que ela percorreu um grande caminho em relação à sua disponibilidade e formato. Soares (2002) aclara que todas as formas de escrita, resultando na leitura, são espaciais. Nos primórdios da história da escrita, o espaço de escrita foi a superfície de uma tabuinha de argila ou madeira, ou a superfície polida de uma pedra; depois, usava-se um rolo de papiro ou de pergaminho, que o escriba dividia em colunas; finalmente, a superfície branca da página de papel. No século XXI, com a escrita digital, há o espaço de escrita

na tela, seja do computador, *tablet* ou *smartphone*¹⁴. Há estreita relação entre o espaço físico e visual da escrita e as práticas de escrita e de leitura. Pode-se concluir assim, que, partindo de um viés mais técnico, em relação à decodificação de símbolos escritos, pode-se compreender que a escrita foi – desde a leitura de rolos, papiros, até a era digital – revolucionando os campos do saber e os modos de ler. A figura do leitor assimilou novos e diferentes suportes para a leitura: o texto manuscrito, o livro impresso e a leitura eletrônica. Além disso, há inúmeros estilos literários e leituras de massa para todos os gostos e idades.

A leitura literária pode vir a ser objeto de grande prazer, dependendo de como ela é apresentada e da receptividade do leitor, sendo muito utilizada nas escolas. No entanto, Silva (2009) elucida que, por muitas vezes, a Literatura Infantil ainda é utilizada como instrumento de processo da formação da criança, no sentido de inculcar valores e normas de comportamento social. Era vista como um material utilitarista e ainda não é incomum que muitos mediadores utilizem o livro literário para trabalhar gramática ou fazem uso das fichas de leitura¹⁵, interpretações de texto fechadas e sem espaço para criação e discussão e debate por parte dos estudantes, em que os alunos não podem dizer suas percepções sobre a história, personagens e contexto.

Ao afirmar a importância da leitura literária, Zilberman (1988) aponta:

A leitura é importante, todos sabemos: a leitura ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e à sua circunstância, a ter suas próprias ideias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas. Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação. (ZILBERMAN, 1988, p. 146).

Já Paulino (2005) enfatiza que “o texto literário, além de acumular esteticamente muitos outros textos, revela e questiona também convenções, normas e valores sociais” (PAULINO, 2005, p. 60). Desta forma, afere-se ao leitor literário o papel de compreendê-lo como um processo estético de interlocução e interatividade. A literatura ocupa uma posição relevante em relação à formação do leitor. Incumbe-se ao texto literário “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006, p. 17).

¹⁴ Significa “telefone inteligente” e é usado para designar celulares que combinam recursos de computadores, com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas executados pelo seu sistema operacional. Em termos simples, um *smartphone* une em um aparelho compacto as funcionalidades de um aparelho telefônico e de um computador.

¹⁵ A ficha de leitura é um registro simples e fechado sobre os dados da obra, o autor, o resumo do enredo.

Ainda no viés literário, Brejo (2021) sinaliza que é possível trabalhar contos literários de forma lúdica com as crianças, despertando a imaginação e o entendimento de si e do mundo que a cerca. Uma experiência de um projeto de extensão universitária, “O conto que as caixas contam”, propõe, a partir de contos da Literatura Infantil e Juvenil, apresentar estratégias lúdicas para contar histórias na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse cenário, Parreiras (2011) corrobora com a iniciativa de Brejo:

Quanto ao leitor, a leitura de uma obra literária lhe traz a possibilidade de viver situações imaginárias, de outras personagens, de outros cenários. Ao ler e estabelecer conexões com a sua própria vida, com outras obras lidas, ele se subjetiva, se refaz. Ele se recria, reinventa a sua vida. A ficção nos permite nos reinventarmos e reinventarmos uma vida nova a cada dia. (PARREIRAS, 2011, p. 28).

Ainda discorrendo sobre a relevância da literatura na formação do leitor, cabe, mais uma vez, citar Paulino (2004). Para a autora, a leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação. Essa interação proporciona uma vivência que abrange, além do interesse intelectual, o envolvimento emocional, despertando imaginação, desejos, medos e admirações.

Larovere e Peres (2015) dissertam sobre a leitura que transforma, instiga a tal ponto que leva o legente ao questionamento, a mudanças, a rever seus posicionamentos, a transpor o conhecimento a serviço da dúvida, da inquietação. Logo, se essa leitura marca e instiga, é porque ela está vinculada a uma experiência particular, subjetiva, que foi constituída no vivido e que pode vir a se configurar em experiência(s) de leitura, uma vez que o leitor leu, atribuiu sentido, foi tocado, inquietou-se e transformou a leitura em experiência.

Para Francisquete (2014), a leitura auxilia no domínio da escrita, pois, quem lê bastante consegue ter uma maior desenvoltura na hora de escrever, porque incorpora modelos de estruturação de ideias, amplia o repertório e conhece mais palavras. Para a autora, a escola tem um papel muito importante na formação de bons leitores, pois é o lugar ideal para conscientizar os alunos da importância da leitura e de colocá-los em contato com diversos tipos de textos.

Neste posicionamento, Britto (2011) disserta com maestria:

A especificidade da leitura está na condensação de conteúdos, na atitude reflexiva/introspectiva de exame de si e das coisas com que se interage, no autocontrole da ação intelectual. E, vale a pena repetir, na inclusão do sujeito num determinado “modo de cultura” e na disseminação de hábitos, práticas e formas de cultura mais densas e elaboradas. Nesse sentido, leitura passa a ser entendida como prática social circunstanciada, favorecendo o alargamento do espírito e das possibilidades de atuação e intervenção na sociedade (BRITTO, 2011, p. 20).

É importante compreender que fazer uma leitura eficaz de um texto significa apreender a relação dinâmica que ele mantém com determinado contexto, bem como perceber criticamente, relacionar suas vivências em sua própria condição. Vale enfatizar que a leitura é uma prática cultural, como já dito. Ao caracterizá-la assim, exigindo esforço e trabalho por parte do leitor, não quer dizer que ela esteja desvinculada do prazer. Deixar fluir o texto e crescer pessoalmente ou transformar-se politicamente são partes de um mesmo ato.

1.2 MEDIAÇÃO DE LEITURA: UMA PRÁTICA QUE EXTRAPOLA O ESPAÇO FÍSICO

Existe uma relação entre biblioteca, livro – em diversos formatos e suportes – e a leitura. O desafio consiste em estabelecer uma conexão entre esses três elementos e a formação de leitores competentes, incluindo a biblioteca escolar e a equipe que nela atua como ponte para estabelecer essa conexão. É importante pensar nos projetos de práticas de leitura como forma de valorizar a biblioteca escolar e fazer com que os alunos também a valorizem. É essencial incentivar o uso de diferentes tipos de fontes de informação, através do planejamento de atividades que busquem despertar nos alunos o interesse pela leitura. Em relação a isso, Abreu (2019) credits:

A mediação de leitura planejada, considerando como fundamental o espaço da biblioteca para realização de trabalhos direcionados à leitura e à escrita de alunos na formação leitora, proporcionará um aprendizado significativo, amplo, com recursos lúdicos e interessantes. Dessa maneira, é fundamental que o processo de formação de mediadores de leitura pressupõe a capacitação de profissionais da informação, também como sujeitos leitores. Atuando como leitores e escritores do mundo a partir da inserção e da interpretação de suas próprias realidades, estarão, também, ampliando seus horizontes, conhecimentos e capacidades de compreensão leitora e de escrita através das linguagens artísticas e do acesso aos saberes e à produção cultural universal. (ABREU, 2019 p. 39).

Mas é importante mencionar que a mediação de leitura pode acontecer com atores fora do ambiente escolar, como: familiares, jornalistas, livreiros, editores, etc.

Destaca-se que a formação cultural e familiar tem um grande impacto na formação do leitor (Butlen, 2016). Durante a pandemia, os familiares se tornaram peças-chave no elo entre o que era ministrado por professores, bibliotecários e demais educadores aos estudantes, a fim de melhorar a apreensão destes.

O Glossário CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da UFMG), traz o conceito de mediador de leitura:

Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. A experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida, esses livros que nos fascinam e que nos vão transformando em leitores paulatinamente, não tem uma rota única nem uma metodologia específica; por isto os mediadores de leitura não são fáceis de definir. No entanto, basta lembrar como descobrimos, nos primeiros anos da vida, esses livros que deixaram rastros em nossa infância e, talvez, aparecerão nítidas algumas figuras que foram nossos mediadores de leitura: esses adultos íntimos que deram vida às páginas de um livro, essas vozes que liam para nós, essas mãos e estes rostos que nos apresentavam os mundos possíveis e as emoções dos livros. Os mediadores de leitura, conseqüentemente, não estão somente na escola, mas no lar, nas bibliotecas e nos espaços não convencionais como os parques, os hospitais e as ludotecas, entre outros. Durante a primeira infância, quando a criança não lê sozinha, a leitura é um trabalho em parceria e o adulto é quem vai dando sentido a essas páginas que para o bebê não seriam nada, sem sua presença e sua voz. Por isso, os primeiros mediadores de leitura são os pais, as mães, os avós e os educadores da primeira infância e, paulatinamente, à medida que as crianças se aproximam da língua escrita, vão se somando outros professores, bibliotecários, livreiros e diversos adultos que acompanham a leitura das crianças. O trabalho do mediador de leitura não é fácil de reduzir a um manual de funções. Seu ofício essencial é ler de muitas formas possíveis: em primeiro lugar para si mesmo, porque um mediador de leitura é um leitor sensível e perspicaz, que se deixa tocar pelos livros, que desfruta e que sonha em compartilhá-los com outras pessoas. Em segundo lugar, um mediador cria rituais, momentos e atmosferas propícias para facilitar os encontros entre livros e leitores. Às vezes, pode fazer a Hora do Conto e ler em voz alta uma ou várias histórias a um grupo, mas, outras vezes, propicia leituras íntimas e solitárias ou encontros em pequenos grupos. Assim, em certas ocasiões, conversa ou recomenda algum livro; em outras permanece em silêncio ou se oculta para deixar que livro e leitor conversem. Por isso, além de livros, um mediador de leitura lê seus leitores: quem são, o que sonham e o que temem, e quais são esses livros que podem criar pontes com suas perguntas, com seus momentos vitais e com essa necessidade de construir sentido que nos impulsiona a ler, desde o começo e ao longo da vida. (GLOSSÁRIO CEALE, 2021).

Seria oportuno retomar o conceito de letramento proposto por Soares (2002), como sendo “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento” (SOARES, 2002, p. 145).

De acordo Vygotsky (1993), as interações sociais são essenciais para a constituição dos indivíduos e, durante a trajetória do ser humano, o conhecimento

acumulado acontece em um processo de mediação entre os sujeitos. No contexto escolar (e aqui cabe também a biblioteca), essa perspectiva redimensiona a relação entre os envolvidos na mediação, o que implica o diálogo que dá margem para o compartilhamento das ações realizadas durante o processo de construção do conhecimento, favorecendo as trocas e as ideias que vão se desenvolvendo para o capital intelectual humano.

Para Bortolin (2010), a mediação de leitura pode ser definida como um meio, geralmente realizada por um indivíduo, que facilita a relação entre o leitor e o texto. Essa mediação pode acontecer em vários locais, mas no ambiente escolar, normalmente, se favorece o ambiente da sala de aula. No entanto, é imprescindível afirmar e reconhecer a biblioteca escolar como propícia para múltiplas e importantes ações de mediação para a formação do leitor, ou seja, para eventos de letramento, como contação de história, empréstimo de livros, roda de leitura, pesquisa bibliográfica, colagens poéticas, incentivo à redação e escrita, saraus literários, propostas de leitura dos mais diversos gêneros literários, elaboração de *clipping*, debates literários, incentivo à pesquisa científica, encontro com o escritor e muitas outras. Todas essas atividades de mediação podem ser feitas no espaço da biblioteca por bibliotecários com a parceria de professores e educadores em geral. A autora ressalta ainda que “o bibliotecário não pode se esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de se informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos e eletrônicos) aos leitores de uma biblioteca”. (BORTOLIN, 2010, p. 115).

Nos moldes pandêmicos que exige o distanciamento social, é possível realizar muitas atividades, valendo-se da tecnologia. O bibliotecário e demais profissionais atuantes na biblioteca podem efetuar a mediação de leitura de forma não presencial por meio de contação de história, bate-papo *online* com escritores, transmissão virtual de teatro de fantoche, criação de história narrada a partir de imagens, narrativas literárias em formato oral, saraus de poesias, clube de leitura, debates, declamação de textos, produção de textos para *blogs*¹⁶ e demais meios *online*, exposição de temas relevantes para o contexto do educando, leitura digital interativa, hora do conto, empréstimo de

¹⁶ Blogs são páginas *online*, atualizadas com frequência, que podem ser diários pessoais, periódicos ou empresariais. Dessa forma, são formas de comunicação de pessoas e de instituições com o mundo.

livros em formato de *e-book*,¹⁷ criação de *clipping* digital,¹⁸ etc. Portanto, fica evidente que a mediação do leitor na biblioteca escolar pode ser feita tanto no formato tradicional, do qual já estamos habituados, por meio da leitura escrita em meio impresso, quanto em formato digital, audiovisual e oral. Nos estudos da informação e comunicação, a noção de mediação veio se transformando nos últimos anos, passando da ideia de transmissão unilinear, concebida nas teorias clássicas e alicerçada na figura de um mediador ou de uma mídia, a um processo onde intervêm diferentes agentes técnicos, sociais e culturais. (MARTELETO e COUZINET, 2013).

O distanciamento social forçou a todos a trabalharem com inovação. Exigiu do mediador criatividade para transformar um livro em um texto acessível a todos, que é o ponto de partida de uma ação cultural renovadora, além de garantir a participação atuante na sociedade letrada. “Quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e de escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição” (SOARES, 2001, p.36)

No viés da comunicação, a mediação oral pode ser amplamente trabalhada no contexto da pandemia para usuários-leitores de qualquer idade. Bortolin (2010) oferece uma clara definição sobre este tipo de mediação:

Nosso conceito de “leitor-narrador é todo indivíduo que medeia o encontro do leitor com diferentes textos (de origem escrita ou oral), utilizando o seu suporte vocal para ler ou narrar” e “leitor-ouvinte é todo indivíduo que tem a sua leitura mediada, isto é, que recebe a interferência oral de um mediador para se encontrar com diferentes textos, podendo também ser chamado de leitor que lê com os ouvidos” (BORTOLIN, 2010, p. 21).

Mesmo no contexto da leitura oral/visual vale salientar que ler é um ato, uma prática, um exercício. Só se aprende a ler, lendo. Por isso é essencial que os leitores em formação possam ter acesso a adequadas mediações com a língua viva, conduzidas pela equipe da biblioteca, dirigidas ao seu aprendizado, por diferentes suportes. O leitor-usuário não pode ter sua formação comprometida por não poder comparecer pessoalmente à biblioteca.

Torna-se oportuno identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na era digital, conduzem a uma condição diferente daquelas que conduzem as práticas de leitura, de escrita e letramento na cultura do papel. Mas é importante

¹⁷ O *e-book* — *electronic book*, ou livro digital — é um conteúdo em forma de texto e imagens como fotos e gráficos, apresentado no formato de um livro.

¹⁸ O *clipping* digital traz todas as notícias de mídia impressa digitalizadas.

frisar, que mesmo num contexto diferente do presencial e com materiais impressos, a mediação de leitura continua sendo vista como o conjunto de diversas ações que instigam a prática leitora, tais como: ler o livro e indicá-lo para outros leitores, ajudar o leitor de acordo com seu perfil no amadurecimento da tipologia de textos a serem lidos, na construção de sentidos e múltiplas interpretações.

Rasteli¹⁹ (2013) *apud* Abreu (2019) fortalece que a mediação de leitura vai ao encontro de questões que sempre estiveram presentes em diversos campos de estudos, como da cultura, informação e comunicação. Pode ser entendida

Como processos de inclusão cultural e de emancipação de grupos e indivíduos. Percebidas também como práticas essencialmente sociais e culturais, a leitura e a escrita apresentam duas faces distintas, mas inseparáveis, de um mesmo fenômeno, que expressam a multiplicidade de visões de mundo, interpretações que se reportam a amplos contextos. Constituem, assim, elementos fundamentais para a construção de sociedades democráticas, baseadas na diversidade, na pluralidade e no exercício da cidadania. (RASTELI, 2013, p. 54 *apud* ABREU, 2019, p. 40).

A leitura é uma prática cultural que deve ser bem manejada. É vital que o mediador de leitura mantenha um olhar e uma prática educativa multicultural. Ademais, que ele seja um reforçador de pensamentos questionadores que visam contribuir para o rompimento de modelos culturais homogêneos e elitizados. Neste processo, almeja-se, dentre muitas possibilidades, que o leitor-usuário valorize sua identidade e desafie a construção de estereótipos, proporcionando a formação de um senso crítico mais aguçado e uma maior participação diante das questões do cotidiano. O gosto pela leitura resulta das práticas de leitura, mas também se sujeita às regras encontradas no conjunto da estrutura social, pois é produzido socialmente.

Matos e Pinho (2019) ressaltam a importância do papel dos educadores como mediadores durante o processo de aprendizagem da linguagem. A mediação do educador, inclusive do bibliotecário como educador, cumpre o papel fundamental de possibilitar aos estudantes o contato com o mundo da escrita representado no texto por meio das práticas de leitura. Sendo assim, é importante citar Almeida Junior e Bortolin (2008), que assinalam que o mediador de leitura em um processo de interferência, no dia a dia do cidadão, promove o desejo e a necessidade desse indivíduo a ler e de buscar

¹⁹ RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

informação, para que, ao construir o seu conhecimento, possa desenvolver de forma mais assertiva suas demandas informacionais.

Para Britto (2011), o desafio do mediador está, precisamente, em respeitar o gosto conhecido (admitindo, portanto, a leitura de mundo do sujeito) e, ao mesmo tempo, estimular a autonomia (recusando o autoritarismo da referência absoluta), sem perder a dimensão política da formação do leitor. Em outras palavras, ao propor uma leitura aos alunos, o mediador deve considerar seu potencial de transcendência, de instigação de novas experiências e reflexões.

Pensando na construção de sentidos atribuídos à vivência do leitor e também do mediador, Butlen (2012) afirma que de um leitor a outro, tanto a recepção como a maneira de compreender variam. Em um contexto educacional, como na biblioteca, cabe ao mediador facilitar a expressão de cada recepção, de permitir que seja explanada cada interpretação. Aos leitores cabem apreciar as variantes interpretações, levando em consideração aquelas que pareçam mais com suas convicções. Para o autor, “é, portanto, a ocasião de aprender a argumentar e a apreciar o interesse de compartilhar a leitura para eleger, após o debate, um ou mais sentidos possíveis, sempre aprendendo a ponderar e a apreciar os direitos do leitor sem se esquecer dos direitos do texto” (BUTLEN, 2012, p.8).

Campello et al. (2008) ressaltam que o mediador deve estar preparado para o confronto sempre renovado com a criança e o jovem por meio da leitura, sem cobranças mecânicas de compreensão do texto lido e sem fórmulas rígidas de indicação por idade. Neste viés, Almeida Júnior e Bortolin (2009) descrevem o mediador como um leitor atento, respeitoso e desprendido de preconceitos, sendo um paradigma a ser seguido, sem deixar, porém, de revelar as suas preferências.

Pires e Accorsi (2018) são profissionais da área de Letras e incentivam a formação do leitor literário na biblioteca escolar. As autoras acreditam que a formação do leitor literário requer, mais do que incentivar o hábito, preparar o leitor para essa experiência. Aconselha-se que o bibliotecário, juntamente com o professor, perceba a característica conotativa desse tipo de texto; conheça as características dos gêneros textuais e literários; contextualize o texto. Um bom aproveitamento de uma obra literária, conduzido pelo mediador, leva o legente mais além. Uma obra literária significativa é aquela que transforma os horizontes do leitor e permite que ele se sinta produtivo diante dela.

Em contrapartida, Almeida Júnior e Bortolin (2009) destacam que se faz necessário mediar a leitura a partir de um encabeçamento teórico, com criatividade e domínio para lidar com imprevistos, disponibilidade para o diálogo e atenção às necessidades dos usuários-leitores da biblioteca, almejando, assim, a aproximação do leitor com o texto, além da leitura literária. Para os autores, também é papel da escola, o estímulo à leitura informacional, causada pela curiosidade e não apenas pelo compromisso de aprender aspectos conteudistas.

Para Guida (2018), a mediação da leitura na escola, para que seja bem-sucedida, deve abranger diversos conhecimentos, dentre alguns deles estão: o conhecimento das obras a serem indicadas e trabalhadas, do gênero, do processo de ensino e do projeto educativo da escola. De fato, a mediação deve ser planejada por quem irá desenvolvê-la levando em consideração as concepções de leitura, de práticas pedagógicas e o espaço (inclusive o ambiente virtual) onde será desenvolvida.

Na mediação de leitura, Silva (1995) acredita que se faz necessário abrir espaço para o encontro significativo entre os alunos leitores e as obras, facilitando a discussão e a apreciação dos significados atribuídos aos textos, cruzando as interpretações.

A oferta e a variedade de bons materiais de leitura também são fundamentais para a formação do jovem leitor. O enriquecimento da oferta dos textos a serem lidos parece ser indispensável para alargar os horizontes de leitura. Butlen (2016) alerta que os limites das políticas de leitura resultam de um esquecimento: muitas vezes, pensa-se sobre os objetos e os espaços de leitura, mas esquece-se do sujeito leitor! Para se formar o leitor contemporâneo, é indispensável se trabalhar a partir das práticas de leitura e das práticas culturais “reais” dos jovens. Complementa ainda que as maneiras de se disponibilizar a leitura devem ser reconsideradas, pois, os destinatários da oferta devem ser levados em conta, bem como as práticas reais de leitura dos nativos digitais e as novas práticas culturais dos nativos digitais. Estes novos sujeitos podem ser assim caracterizados:

Indivíduos [que] caracterizam-se por uma geração que passou grande parte de seu tempo interagindo com aparelhos de televisão, computadores, telefones celulares, câmeras de fotografia e de vídeo digitais, *smartphones*, *tablets*, assim como *sites*, *blogs*, redes sociais, e outros recursos emergidos deste contexto (PRESNSKY, 2001, *apud* INDALÉCIO, 2016, p.10).

Fica evidenciado então, que a oferta de livros e de leitura tem que contemplar a recepção pelos novos públicos.

Já Souza et al. (2015) destacam a importância de se dinamizar o processo de leitura, tanto na sala de aula quanto na biblioteca escolar, pois constituem em espaços nos quais os alunos desenvolvem tanto suas capacidades leitoras, com o uso competente das estratégias de leitura, quanto o comportamento leitor, tornando-se capaz de socializar critérios de escolha e de apreciação estética de leituras. Pensando no contexto da pandemia em que a sala de aula e a biblioteca ganham proporções além dos muros da escola e se apropriaram do campo digital, esses conceitos tornam-se ainda mais necessários.

A promoção, a prática e a mediação de leitura não têm um caminho linear a ser seguido. No entanto, Becchetti-Bizot; Butlen (2012), destacam possibilidades de um plano de trabalho a serem adaptadas aos diferentes públicos, cabe destacar aqui:

- situar ou reforçar para todos os alunos um verdadeiro ensino das estratégias de leitura, para ensiná-los progressivamente a localizar, tratar, analisar, avaliar as fontes de informação, assim como a fazer os diversos tipos de inferências que permitem compreender, interpretar, apreciar, julgar os tipos de textos e de escritos que cada jovem pode encontrar em sua vida de aluno e de cidadão;
- desenvolver os saberes acerca dos atos de leitura;
- abrir novos horizontes na oferta cultural de leitura, reconsiderando a postura dos mediadores para estimular a variedade, a diversificação e o envolvimento em leitura;
- levar mais em conta as leituras reais dos jovens de 15 anos (muito frequentemente invisíveis no campo escolar), para estabelecer pontes entre seu habitus, seu universo e as práticas culturais legitimadas pela escola;
- reconhecer o valor da subjetividade do leitor: conceber um ensino que se preocupa não somente com o texto, mas também com a relação Texto/Leitor;
- revalorizar e buscar em aula a diversidade dos prazeres potenciais para um leitor polivalente: reconhecer e estimular o prazer de ler a literatura, assim como o de se apropriar dos textos informativos ou dos textos de comunicação. Em literatura, aceitar e encorajar as duas posturas complementares: a que provoca a emoção na adesão entusiástica, na identificação, na ilusão referencial, e a distanciada e mais erudita, que reside na análise literária e resulta necessariamente de uma aprendizagem contínua;
- adaptar a oferta didática segundo os tipos e perfis de leitores: trabalhar mais em função da recepção real dos textos e da diversidade social e cultural dos sujeitos leitores;
- organizar sociabilidades de leitura, promovendo os debates de recepção e de compreensão, a confrontação das maneiras de ler e das estratégias realizadas, os diversos desenvolvimentos de redes e de práticas intertextuais; – diversificar mais firmemente os suportes, utilizando as tecnologias atuais de informação e de comunicação (BECCHETTI-BIZOT; BUTLEN, 2012 *apud* BUTLEN, 2015, p. 31).

Em sua pesquisa, Butlen (2016) constatou que bons leitores gostam muito de falar dos livros que leram com outras pessoas, de trocar informações sobre a cultura da

escrita e da literatura. E fazem isso com muita boa vontade, com os amigos, com a família, com os adultos leitores e, cada vez mais na internet. Eles se inscrevem perfeitamente numa tradição de sociabilidade letrada. Afirmando a leitura como uma prática social, o autor acredita que as escolas têm que integrar novas tecnologias, principalmente as que abarcam a internet, para acarretar em novas possibilidades de construir o saber e as informações. Faz-se necessário articular as práticas antigas e tradicionais de mediação, que têm um valor; e as práticas novas, que se apoiam nessas novas tecnologias. Esse é um novo desafio (BUTLEN, 2017).

1.3 TECNOLOGIAS DIGITAIS: COMO ELAS SE RELACIONAM COM A LEITURA E A BIBLIOTECA?

Na contemporaneidade, as tecnologias digitais são instrumentos situados na história e na cultura da sociedade. Os indivíduos se apropriaram e se organizaram ao redor das tecnologias digitais para realizar suas atividades, pois estas permitem uma rápida comunicação, troca de dados e de informações. O desenvolvimento e a implantação cada vez mais rápida de inovações tecnológicas estão afetando em demasia a forma como as pessoas estudam, trabalham, divertem-se, leem, ou seja, altera o modo de viver. Essas inovações referem-se, principalmente, às tecnologias relacionadas à computação, tendo como principais características o aumento nas capacidades de geração, processamento e transmissão de informações em linguagem digital.

A cultura digital já fazia parte do contexto social no qual estávamos inseridos antes da pandemia, pois a vida contemporânea tem lugar na tela e vem interferindo drasticamente, nas últimas três décadas, nas maneiras de relacionar, refletir, trabalhar, produzir, construir conhecimentos e cultura. As bibliotecas, por exemplo, mesmo físicas, utilizam muitos recursos digitais em seu dia a dia. É comum ver em seus serviços a disponibilização do catálogo do acervo em formato virtual em que usuário pode consultar e reservar itens. Ao efetuar empréstimos e devoluções de livros e outros materiais, também é costumeiro fazê-los pelo computador por meio de um sistema informatizado de bibliotecas, por exemplo.

Nesse sentido, Lanzi et al. (2013) abordam sobre as vantagens de se investir em tecnologia e elementos digitais na biblioteca escolar. Em seu estudo, os autores comprovaram alguns resultados que puderam ser percebidos após alto investimento, relacionando tecnologia, aprendizado e biblioteca, como:

- uma biblioteca mais dinâmica;
- maior aproximação entre alunos e biblioteca, comprovada pelo aumento no volume de empréstimos de livros e periódicos disponibilizados no acervo;
- adesão e comprometimento maciço dos estudantes com os eventos da biblioteca do colégio;
- participação ativa dos usuários na captação de recursos para aquisição de livros e melhorias na biblioteca;
- disposição em dar opiniões e sugestões para o dia a dia da biblioteca em especial para aquisição de novos títulos;
- postura mais consciente nas pesquisas escolares e demais buscas em ambientes digitais; otimização do interesse para novas atividades com o objetivo de adquirir novos conhecimentos;
- envolvimento dos professores para se aproximar dos alunos e aprender com eles novos recursos tecnológicos;
- participação dos alunos na atualização do *blog* da biblioteca gerando buscas de informação para serem postadas;
- entrelaçamento entre as TICs²⁰ e o processo de ensino-aprendizagem e o favorecimento da integração entre a biblioteca e os demais ambientes educacionais. (LANZI et al., 2013, p. 184-185).

Dessa maneira, torna-se essencial pensar a tecnologia não apenas como uma ferramenta pedagógica, mas também como um canal que pode ser educativo e formativo. Ao analisar o contexto social no século XXI, há a Cultura Digital que surge dos costumes, práticas e maneiras de se interagir socialmente, a partir dos recursos da tecnologia digital e eletrônica. O intenso desenvolvimento das tecnologias digitais em rede vem transformando nossos modos de ser, estar e sentir o mundo, como já apontado.

Por tais motivos é importante que, além de fornecer a leitura em seu formato tradicional, é fundamental acompanhar as mudanças no cenário mundial, que abrangem também o âmbito educacional e possibilitar a leitura em diversos formatos e linguagens, democratizando o acesso ao livro e à leitura para todos. Segundo Silva (1995), sempre houve discriminação e marginalização no processo de formação de leitores. Não é algo recente, como o senso comum quer atribuir, dizendo que nas últimas décadas as pessoas não leem por interferência da tecnologia. As causas da crise da leitura não estão vinculadas à presença e à influência da tecnologia, mas sim à desigualdade ao acesso e a fruição dos conhecimentos veiculados pela escrita e das formas arbitrárias de conceber e de produzir a leitura. Por isso, o mediador deve, de maneira sábia, não só disponibilizar o acesso à leitura, mas sim conduzir o usuário-leitor, para ajudá-lo em sua construção enquanto cidadão legente.

²⁰ Tecnologia da Informação e Comunicação.

O usuário-leitor, que procura usufruir dos serviços inerentes à biblioteca escolar, está cada vez mais envolvido nos processos tecnológicos. Em sua tese, Paiva (2018) discorre sobre a biblioteca e os nativos digitais. A pesquisadora acredita que é preciso sensibilidade e astúcia para trabalhar com esta geração, a dos Nativos Digitais, que está quase sempre conectada e, muitas vezes, tem dificuldade em fazer a separação do real e do digital. Esta geração é formada por sujeitos que querem as informações de maneira ágil e estão adaptados a multitarefas.

No século XXI, a internet é utilizada por muitas crianças e jovens para ter acesso a uma infinidade de brincadeiras, jogos e interações comunicativas, como debates literários e clubes de leitura, por exemplo. Muitos estudantes já se organizam em redes *online* na busca de experiências de aprendizagem, como, por exemplo, nos grupos de discussão sobre vídeos, livros, e outras interações comunicativas presentes em redes e plataformas variadas. Nesse sentido, estar em rede pode potencializar o estar no mundo desses jovens, oportunizando a eles, nesse momento de isolamento, aquilo que acontece nos espaços de convivência física. Nesses espaços virtuais, as interações e as vinculações, podem acontecer até mesmo de forma mais flexível do que nos ambientes de convivência presencial, oportunizando possibilidades de aprendizagens sem que o tempo ou o espaço físico-geográfico seja um limitador (CANEN, 2007).

Soares (2002) disserta que o texto no papel é escrito e é lido linearmente. Já o hipertexto é escrito e é lido de forma multilinear, acionando-se links que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida. Tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique, a primeira tela termina quando o leitor fecha. Basta um conteúdo se tornar monótono para que este leitor se dirija a outro ou parar a leitura quando julgar que está satisfeito com as informações adquiridas. “A tela, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento”. (SOARES, 2002, p. 151).

O leitor em formação deverá estar atento às possibilidades e limites da leitura em ambiente hipertextual, que além de palavras escritas, possuem ícones, símbolos, sons e imagens disponíveis que podem auxiliar na compreensão da mensagem. Se bem conduzida, essa modalidade com links e textos que geram novos textos, motivará o aluno a ler, lhe proporcionando a construção de conhecimento e gosto pela leitura.

Esse novo ambiente de leitura, o virtual, no qual o ser humano está sendo inserido, “[...] propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação

com os textos, impondo uma nova forma de inscrição”. (CHARTIER, 2002). Chartier (1998) considera a possibilidade para o leitor de embaralhar, entrecruzar, reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica. Esses são traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito e, também, uma revolução nas maneiras de ler. A tela e o texto eletrônico tornam possível uma relação mais distanciada com o seu leitor, uma relação não corporal.

Ainda nesse sentido, ao tratar sobre a leitura no ambiente virtual, Novais e Freitas (2015) discorrem de maneira incisiva:

No mundo atual, dominar a leitura é uma capacidade primordial de existência, e com a vinda das tecnologias de informação e comunicação, principalmente a internet, ler bem, de maneira rápida e crítica é uma condição indispensável. Mas a leitura crítica não pode ser realizada de maneira mecânica, mas sim através da caracterização de um conjunto de exigências com as quais o leitor crítico se encontra, ou seja, exigirá no mínimo, a constatação, cotejamento e transformação de todas as informações presentes no texto (NOVAIS e FREITAS, 2015, p. 11).

Santos e Lopes (2017) argumentam que desafiar as mídias virtuais não é o melhor caminho, pelo contrário, é essencial agregar essas tecnologias informacionais no processo crítico de formação do indivíduo. Não basta mais disponibilizar informação, faz-se necessário capacitar bibliotecários e usuários para buscarem de forma autônoma a informação em sites confiáveis.

Como já mencionado, a mediação de leitura vai além do espaço físico da escola e da biblioteca, nesse sentido, vale citar o trabalho de Gnisci (2019) que retrata as redes de leitura, que contribuem na formação do leitor apreendida por meio dos *booktubers* – jovens que compartilham seus gostos literários como leitores e suas produções autorais a partir dos canais do *YouTube* – e podem ser de grande valia para uso de profissionais da biblioteca que desejam trabalhar a literatura com seus usuários-leitores por meio digital. Nesse caso, é fundamental que o profissional da biblioteca reconheça que vídeos que falam sobre livro e literatura no *YouTube* são de suma importância para a formação do leitor, além de serem uma excelente ferramenta para a consolidação de uma experiência de crescimento literário, de contrastar várias interpretações de um texto, desde que se saiba filtrar as boas informações, sendo este o trabalho essencial do bibliotecário.

Todas estas mudanças tecnológicas intervêm nas relações sociais e cognitivas, resultando no Letramento Digital:

Diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e *tablets*, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras. Ser letrado digital implica saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais. (GLOSSÁRIO CEALE, 2021).

É importante destacar que o mundo evoluiu e as formas de leitura acompanharam essa evolução. Há cada vez mais leituras em formatos não tradicionais, possibilitando práticas interativas, entre o leitor e a tecnologia, com computadores, *tablets* e celulares. Os mediadores de leitura não devem pensar que essas tecnologias são ameaçadoras, já que fazem parte de um movimento irrefreável, mas sim usar estas novas possibilidades a seu favor e a favor dos leitores em formação, ampliando seus horizontes ao se tratar de leitura e disseminação da informação.

1.4 A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO LOCAL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

A biblioteca escolar tem sua atuação intimamente ligada à educação e percorreu um grande caminho no cenário brasileiro. Assim como a educação, no Brasil, ela apresenta muitas lacunas em sua história.

Segundo Silva (2011), a biblioteca escolar no Brasil tem seu início com os Jesuítas no estado da Bahia, com o objetivo de instruir colonos e catequizar os índios. Pode-se afirmar que a relação inicial entre biblioteca e contexto escolar e educativo estava diretamente relacionada à igreja. Várias bibliotecas religiosas se instalaram pelo país, mas poucos tinham acesso a elas: somente religiosos e membros da elite, ademais, seu acervo era limitado a obras religiosas. Ao longo do século XX, a biblioteca escolar se expandiu, chegando às escolas consideradas mais carentes, especialmente as de caráter público. As reformas educacionais propostas pelo educador Anísio Teixeira ajudaram a legitimá-la no sistema de ensino. Nas décadas de 1940/50, houve a aproximação da biblioteca escolar com outros instrumentos escolares, como exigências políticas para sua instalação, a necessidade de se pensar o seu acervo – criando diretrizes para este – e a participação da comunidade escolar, ou seja, somente a partir desse momento, sinaliza-se a importância de adequar a criação das bibliotecas às necessidades educacionais.

Todavia, ainda faltava uma política nacional para bibliotecas que pudesse compor um conjunto de ações integradas, pois existiam apenas ações locais isoladas,

que foram perdendo força durante o transcurso histórico em virtude da falta de incentivo. Nas décadas de 1990 e na primeira década do século XXI, observam-se, em nível nacional, algumas políticas para o desenvolvimento da biblioteca escolar brasileira, como o Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE. (SILVA, 2011).

Em um levantamento bibliográfico com vistas a identificar as publicações a respeito da biblioteca escolar no Brasil, Granados (2020) constata que ainda permanece a ausência e a precariedade desta instância nas escolas. Uma expectativa de melhoria surge em 24 de maio de 2010, com a promulgação da Lei 12.244/10, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas. Se antes, exigiam-se bibliotecas para as Universidades, agora, tal premissa se estende também às escolas da Educação Básica. Além da educação de qualidade, o acesso a uma biblioteca escolar bem estruturada, tornou-se direito de todos. Porém, o Censo Escolar ²¹ do INEP ²² de 2019, revela que anos após a promulgação da Lei, ainda há certa “negligência” em relação à sua execução. Os dados apontam que o percentual de escolas de Educação Infantil com biblioteca é de 95,5% na rede federal, 31,6% na rede municipal, 64,9% na rede privada e 54,8% na rede estadual (BRASIL, 2021).

Butlen (2012) aponta em sua pesquisa que em muitos países a situação das bibliotecas escolares é tão precária que em certos casos é quase miserável. O autor compreende que isso ainda ocorre “porque o valor e a importância de um outro espaço de formação além da sala de aula não foi entendido ou aceito por razões ligadas tanto ao conservadorismo pedagógico quanto às políticas orçamentárias”. (BUTLEN, 2012, p. 4). Esta situação impacta negativamente o projeto pedagógico das escolas e os benefícios que a leitura, seja ela literária ou de outro tipo, podem proporcionar, além de prejudicar as condições para que o educador faça uso coletivo do acervo da biblioteca na formação dos alunos.

Mas, apesar de todos os percalços, a biblioteca escolar resiste e se reinventa. Luta-se para extinguir a noção de biblioteca como um museu estagnado ou como um receptáculo passivo que afasta o leitor. A biblioteca não deve ser vista “quase como depósitos de livros que acompanham um modelo de educação em que o professor e o livro-texto detinham todo o conhecimento que seria transmitido aos alunos”. (PAIVA e

²¹ O Censo Escolar da Educação Básica é um levantamento de dados estatístico-educacionais de âmbito nacional, realizado todos os anos e coordenado pelo INEP, abrangendo diversos níveis e modalidades de ensino. Coleta dados sobre estabelecimentos, matrículas, funções docentes, movimento e rendimento escolar das diferentes etapas e modalidades da educação básica: ensino regular (educação infantil e ensino fundamental e médio, educação especial e educação de jovens e adultos - EJA).

²² Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

DUARTE, 2017, p. 656.). Mas, sim, como uma forma de ensinar, um lugar interativo, contemporâneo e até tecnológico.

Algumas políticas públicas e programas de leitura reconhecem que a biblioteca é fundamental para o desenvolvimento de um programa de leitura eficiente, que pode formar leitores competentes e conscientes, e não leitores que leem por ler. A biblioteca, ao reunir para uso coletivo uma diversificada gama de textos, representa um recurso para a formação de leitores e para o avanço da educação brasileira.

Para Britto (2011), a biblioteca escolar deve funcionar como um lugar de aprender e de experimentar coisas diferentes daquelas que é possível desenvolver fora da escola. Isso não quer dizer que a biblioteca deva ser lugar de sofrimento e alienação, de autoritarismo e repetição; ao contrário, devem-se criar vínculos, produzir identidades e reconhecimentos, indagar, criticar, criar. O usuário-leitor, pode encontrar possibilidades de estudo, pesquisa, descoberta, leitura, e questionamento dos temas que estão aprendendo. Essa construção do aluno pode vir junto à equipe da biblioteca, para que, em consonância, não reproduzam mecanicamente o que lhes foi apresentado no espaço da aula, mas para que ampliem e tornem vivos e significativos destes aprendizados.

De acordo com Silva (1995), a escola não deve ver a equipe da biblioteca como subalternos ou como acessórios no processo educativo, do qual não podem enriquecer ou opinar no contexto escolar. O bibliotecário e todos aqueles que atuam na biblioteca escolar devem estar compromissados com a mudança e com a socialização do saber.

Para Fonseca (2021), alude-se então, sobre a contextualização da biblioteca, que faz parte da sua formação histórica e da construção das suas características sociais, a necessidade de adaptabilidade ao longo dos anos. Ao observar a biblioteca como uma unidade de informação que está imersa em uma constante transformação, é possível compreender que faz parte da sua natureza social a adaptação aos novos contextos informacionais.

A leitura e suas práticas de mediação na biblioteca escolar, principalmente no ambiente virtual, visando a contribuição para a formação do indivíduo e para o avanço educacional, são os âmagos desta pesquisa no Programa de Mestrado em Educação. Faz-se necessário então, conhecer as inúmeras possibilidades da biblioteca escolar, pois ela é factível de inúmeras realizações. Muitos pontos acerca dela devem ser repensados e outros afirmados.

Campello et al. (2010) designam que a biblioteca escolar deve acomodar uma série de itens, tendo como ponto de partida:

- acervo;
- os ambientes para serviços e atividades para usuários;
- os serviços técnicos e administrativos;
- possui materiais informacionais variados, que atendam aos interesses e necessidades dos usuários;
- tem acervo organizado de acordo com normas bibliográficas padronizadas, permitindo que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez;
- fornece acesso a informações digitais (internet) (CAMPELLO et al, 2010, p. 9).

Silva et al. (2019) enxergam a biblioteca escolar como um complemento à sala de aula. Para os autores, a leitura pode estimular na criança o interesse pelos livros e também, despertar a sua imaginação e criticidade. Essas são atividades que o bibliotecário e o professor podem desenvolver juntos, de diferentes maneiras, sendo uma delas, a parceria no desenvolvimento de projetos educativos. Portanto, a sala de aula e a biblioteca podem e devem ser ambientes complementares de aprendizagem. Entretanto, é preciso enfatizar que a biblioteca não se limita a apoiar o programa pedagógico do professor. Ela também pode ser protagonista no processo de ensino-aprendizagem, por meio da pesquisa escolar e demais serviços. Faz-se necessário desconstruir a concepção utilitarista da biblioteca, em que ela só serve para fornecer livros a qualquer hora, sem uma troca de ideias sobre as ações educativas que estão acontecendo na sala de aula, principalmente no que diz respeito às ações de leitura. Entre os vários recursos da educação, encontra-se na biblioteca escolar uma solução indispensável para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem e essencial para a constituição do bom leitor.

Corroborando com essa ideia, Silva (2015) afirma que o contato do aluno com a biblioteca impulsiona a formação do futuro leitor e do pesquisador e poderá estimular sua aprendizagem e formação individual. Principalmente, rompe com a tradição de centralizar a aprendizagem do educando basicamente no professor.

Para Motoyama (2020), uma biblioteca é um espaço que abriga livros e documentos, mas esta não é sua principal função. Ela também é um espaço para disseminar a informação de modo dinâmico, a fim de que alcance todos os cidadãos democraticamente. Destaca ainda:

Uma biblioteca escolar bem organizada, além de oferecer elementos para a reflexão da realidade em que os estudantes vivem e atuam, tais como acesso a textos literários, a materiais de pesquisa sobre o conhecimento historicamente construído e fontes sobre dados da atualidade etc., democratiza as relações da escola à medida que retira do centro o saber do professor e suas práticas e transforma-se em fonte de pesquisa dos estudantes, mediando as atividades de estudo dos sujeitos. (MOTOYAMA, 2020 p. 73).

Fica evidente que a biblioteca vai muito além do armazenamento de materiais e que sua funcionalidade pode transpassar os muros da escola, mediando a informação a seus usuários-leitores de maneira eficaz, promovendo práticas culturais essenciais, desde que sua equipe esteja bem capacitada, empenhada e disponível, afinal, o bom atendimento ao usuário é vital, construindo práticas estimulantes e oferecendo atividades diversificadas. A biblioteca escolar é uma base estável de prática cultural, ela não poderia permanecer indiferente à formação de leitores (BUTLEN, 2012).

Travassos (2019) consolida que a biblioteca escolar pode ser um lugar para o compartilhamento de práticas sociais, culturais e educativas, que envolvem a leitura e os sujeitos que estão na escola. Espaço que se movimenta, que pode alterar os leitores que com ela se relaciona e ser por ela modificado. É importante ressaltar que em seu trabalho, a autora agrupa na mesma tabela as bibliotecas e salas de leitura, mas estas se diferem em aspectos organizacionais, físicos, pessoais e em seu acervo.

Quando se pensa em biblioteca, logo vem à mente suas estantes recheadas de livros. O acervo da biblioteca é essencial no incentivo à leitura. A equipe da biblioteca tem que se preocupar com a qualidade de seu acervo, pois a leitura tem compromisso com a transformação das pessoas. Para Silva (1995), o trabalho da biblioteca não é neutro, por isso, deve se preocupar com aquilo que o usuário está buscando. A formação e dinamização de bons acervos colocam-se como verdadeiros desafios das bibliotecas escolares.

O papel da biblioteca escolar, por vezes, ainda é considerado confuso e este setor ainda não tem uma definição precisa. Neste sentido, Reis e Alves (2016) fazem reflexões sobre o papel amplo e complexo dela. Os autores defendem que esse espaço seja considerado como um lugar social, de cultura e de lazer, propício ao desenvolvimento das sociabilidades contemporâneas para diferentes segmentos geracionais. Ou seja, é importante que a biblioteca escolar e toda a equipe que atua nesta instância, cumpram o seu dever no empreendimento dos processos de mediação e formação do leitor, que são possíveis nesse espaço, independentemente do suporte.

Entende-se que a biblioteca, dentre muitas outras funções, é um espaço apto a influenciar o gosto pela leitura e contribuir na formação do sujeito autônomo, como já dito. Por isso, é recomendando que ela seja um local de fácil acesso aos livros e aos materiais disponíveis, inclusive, de maneira remota. Investir em pesquisas que mostrem a importância da mediação de leitura promovida pela biblioteca escolar no campo digital, é sugerir alternativas para a disseminação da informação com qualidade e sem barreiras físicas e geográficas, impactando a vida de usuários-leitores e diminuindo barreiras de disparidades sociais que podem nos ajudar a lidar com a realidade.

Para Bortolin (2010), a biblioteca como instância mediadora deve ter uma postura ativa e dinâmica e o material de leitura deve fluir até o leitor com qualidade do acervo e serviço prestado aos seus usuários, além de democratizar seu acesso e planejar programas socioculturais.

Neste viés, Bari et al. (2018) afirmam que a atuação da biblioteca deve estar voltada para as questões pertinentes à formação do leitor e à satisfação das diferentes necessidades informacionais do usuário, assim como a competência literária e informacional. A biblioteca escolar pode ser internalizada como um agente de atenção e apoio às desigualdades e de compensação social.

Butlen (2017) coloca a biblioteca escolar numa posição de destaque no que se refere à formação do leitor. Para o autor, a biblioteca pode ser o espaço de formar o leitor polivalente, o leitor de literatura, mas também um leitor capaz de tratar das informações, de se apropriar delas, de utilizá-las na sua vida e em seus projetos, de ter, no final das contas, uma cultura da escrita, da informação e literária. Se a escola é o lugar da aprendizagem e do ensino das práticas de leitura, então a biblioteca é o lugar da vivência dessas práticas de formação permanente e da aprendizagem dessa cultura da formação. Para vivenciar estas práticas de formação de maneira plena, pode-se fazer uso das bibliotecas físicas, bem como das bibliotecas virtuais.

Com toda evolução tecnológica e alteração na forma de busca pela informação, as bibliotecas veem adaptando seus serviços. Esta inovação da biblioteca é natural e urgente, não somente na disponibilização do acervo, mas também na postura de toda equipe da biblioteca. Portanto torna-se necessário, na sociedade da internet e da informação, uma redefinição das políticas de leitura para as bibliotecas, assim como a reformulação de seus projetos.

A pandemia nos fez refletir em como continuar utilizando os serviços da biblioteca escolar de maneira satisfatória, tendo as necessidades informacionais

atendidas e a formação do leitor continuada. O atendimento virtual é algo que pode e deve prosseguir concomitantemente com o atendimento presencial, podendo satisfazer os anseios de mais usuários, sobretudo dos nativos digitais, e seguir a tendência do uso das tecnologias na mediação da informação.

1.5 A BIBLIOTECA E A COVID-19: O QUE SE SABE ATÉ AGORA?

A pandemia do novo coronavírus gerou grandes mudanças nos métodos de trabalho, estudo e lazer em nível mundial, devido à exigência da quarentena, a fim de evitar a propagação da covid-19. Isso afetou diretamente a prestação de serviço das bibliotecas e de outras instituições de cunho cultural. Nesse marco em nossa história, os processos educativos, optaram, em grande escala, em se apropriar dos elementos tecnológicos, das redes. Ou seja, foram demandados a realizar suas práticas de forma virtual, acompanhando a população e a amparando no momento de isolamento social, garantindo sua continuidade. Nesse cenário pandêmico, a biblioteca teve que aprimorar – e até mesmo criar – seus canais virtuais para estender seus serviços.

Segundo a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias – *International Federation of Library Association - IFLA* (2020), as bibliotecas, em todo o mundo, foram impactadas pela pandemia da covid-19. Quase todas as bibliotecas tiveram que fechar suas portas e suspender seus serviços presenciais, ofertando seus “produtos” remotamente, de modo que não houvesse qualquer prejuízo para o seu usuário. Ainda de acordo com a IFLA (2020), grande parte das bibliotecas pelo mundo passou a oferecer os seus serviços de forma *online*, ampliaram datas de empréstimo, e suspenderam as multas. Muitas bibliotecas, ofertaram assinaturas digitais gratuitas e a liberação de serviços integrados.

Em seu trabalho, Blanco (2020) explica que no isolamento social, preventivo e obrigatório, as bibliotecas fizeram uma transição do atendimento presencial para o ambiente virtual. Para reduzir distâncias; novos caminhos e formas de atender aos usuários têm sido explorados. Embora não se trate de uma biblioteca escolar, esta autora apresenta o caso da biblioteca argentina que distribuiu livros de porta em porta em Godoy Cruz. Esta biblioteca fez questão de aproximar a leitura de seus usuários e atingiu 135 empréstimos em apenas três dias. Para iniciar esse projeto voluntário, eles usaram os recursos disponíveis, como mensagens instantâneas para fazer os pedidos, enquanto todas as medidas de higiene foram aplicadas, para eliminar qualquer vestígio de infecção. Além de apresentar exemplos de sucesso na disseminação da informação e na

formação do leitor em tempos de pandemia, a autora ratifica que, como profissionais da informação atuantes na biblioteca, é importante ajudar no combate das *fake news*²³ e da desinformação, que tomaram grande proporção no período pandêmico. Segundo Blanco (2020), é primordial que a biblioteca ajude a combater a “infodemia” – disseminação rápida e abrangente de informações precisas e imprecisas de algo como uma doença –, divulgando informações verificadas de evidências científicas no combate à covid-19.

Seguindo nesse viés, Frota et al. (2020) apresentam o Projeto COVID 19/Carro Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais, que leva informação às comunidades periféricas, de forma remota, através das redes sociais e de um programa de rádio, que abordam assuntos sobre a doença covid-19, além da literatura por meio de contação de histórias. Os autores acreditam que “acesso à informação e a educação científica é um direito difuso e coletivo e, portanto, é dever das instituições públicas contribuírem para a efetivação desse direito, sobretudo para comunidades com acesso precário às políticas públicas” (FROTA, et al., 2020, p. 242).

Além de levar informação, promover o lazer e contribuir na formação de leitores, a biblioteca e os projetos de leitura podem contribuir para a construção da cidadania científica da população.

Fonseca (2021) investigou as ações realizadas pela biblioteca universitária no período de pandemia. O autor observou que praticamente todas as bibliotecas pesquisadas passaram por dois processos desde o início da pandemia: adaptabilidade dos seus serviços informacionais e imersão tecnológica no uso de ferramentas e plataformas de *streaming*²⁴. As bibliotecas, independente da sua tipologia, foram diretamente impactadas pelas mudanças no planejamento anual, o que interferiu na gestão e no calendário de programação das atividades, exigindo que as bibliotecas criassem estratégias de inovação e uma gama de ideias para modificar a abordagem na mediação da informação com os usuários. Foram promovidas *lives*²⁵, bate-papos com especialistas, eventos científicos *online*, clubes de leitura, atendimento virtual, etc. Essa necessidade de adaptabilidade desencadeou uma nova imersão no uso de plataformas digitais. As bibliotecas precisaram imergir no uso do *streaming* para captar usuários

²³ Notícias e informações falsas (desinformação), distribuídas deliberadamente via meios impressos, audiovisuais e online.

²⁴ Forma de distribuição digital que possibilita a transmissão de conteúdos pela internet, sem a necessidade de o usuário fazer *download*, ou seja, é oposta à descarga de dados.

²⁵ Transmissão ao vivo.

potenciais e atender aos usuários reais, de modo que o planejamento das atividades não fosse totalmente prejudicado.

O autor discute ainda outro aspecto que está relacionado às questões sobre visualidade institucional e a necessidade de evitar que a biblioteca caia na obsolescência. As bibliotecas procuraram ser espaços dinâmicos, imersas em uma gama de atividades constantes. A busca pela adaptabilidade e pelo uso de recursos de *streaming*, também pôde ser verificado como uma estratégia de visibilidade da instituição, na busca pela audiência e maior engajamento. Muitos aderiram a essas plataformas digitais para que o usuário-leitor não fosse prejudicado e também para que a equipe da biblioteca não visse seu trabalho “apagado” no período em que as atividades presenciais não eram possíveis.

Quispe-Farfán (2020) relata exemplos de bibliotecas ao redor do mundo, principalmente as europeias, que aumentaram o número de empréstimos de livros e revistas eletrônicas, audiolivros, filmes e demais recursos digitais. Muitas bibliotecas instalaram o serviço de *drive-thru*, levando o livro até os usuários, respeitando normas sanitárias. Também aconteceram promoções de muitas conferências virtuais, *chats* com o bibliotecário, recitais, clube de livros virtuais, etc. Naple Members²⁶ (2020) *apud* Quispe-Farfán (2020) demonstra a importância da biblioteca no período da pandemia, que ainda enfrentamos, exemplificando simples atitudes: a situação da covid-19 levou bibliotecas a ressurgirem com o uso de um dispositivo praticamente obsoleto: o telefone fixo. Este tem sido um aparato essencial na época de quarentena, especialmente para pessoas que não dominam as tecnologias digitais. Algumas bibliotecas brindam seus usuários com a leitura de livros por meio de ligações.

Todavia, as ações rápidas para implementar seus serviços foram transferidas para o mundo digital. O uso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter* ou das plataformas como *Youtube* e *Spotify*, tem sido extenso, e essas redes se tornaram as melhores formas de se comunicar com seus usuários. Essas foram as melhores ferramentas para que as bibliotecas enfrentassem os desafios do século XXI. A apropriação das plataformas virtuais e digitais durante a pandemia de covid-19 tem sido fundamental para que as bibliotecas ofereçam seus serviços, tendo-se em vista a necessidade de manter o distanciamento social e seguir com todos os protocolos recomendados pela OMS.

²⁶ NAPLE Members. **Public Libraries in Europe and COVID-19: Findings from NAPLE Members**, April, 2020.

No entanto, nem tudo é perfeito. Muitas bibliotecas enfrentaram problemas como desligamento de pessoal, internet de má qualidade e algumas sequer têm acesso a um serviço de internet. Quispe-Farfán (2020) evidencia que, na América Latina, há pouco investimento em bibliotecas e em serviços de informação. Ao passo que muitas bibliotecas puderam prestar serviços de forma remota, outras tantas ainda estão com suas portas fechadas nesta crise pandêmica. Ao longo dos anos, grande parte dos gestores de bibliotecas concentrou-se no acervo físico, quando as bibliotecas também podem funcionar no meio digital, pois também são “cultura, educação e informação digital”. Não dá mais para continuar com essa visão reduzida. A pandemia só evidenciou que é necessário que as bibliotecas manejem os meios tecnológicos, bem como projetem serviços virtuais e semipresenciais.

Já o trabalho de Sala et al (2020) buscou retratar a biblioteca universitária e o serviço de mediação da informação num cenário de crise, mais especificadamente, a crise causada pela pandemia da covid-19. Para os autores, a biblioteca universitária deve ser um espaço de conscientização, inclusive, em tempos de pandemia, valendo-se das principais formas de informação para compreensão de seus usuários. Reforçam ainda que neste cenário, afirma-se que as bibliotecas estão, ou deveriam estar, na linha de frente, com a sua função social no combate à desinformação que gera ignorância e negação da ciência.

Torna-se então, imprescindível resgatar o papel social das bibliotecas, levando todas as reflexões de como podem ofertar serviços informacionais que possam contribuir para que a sociedade enfrente a crise da melhor maneira durante o período pandêmico.

O estudo conclui que a relação usuário-biblioteca, via web, não é exclusividade dos tempos ora vivenciados de distanciamento social. Contudo, o estado de crise tem forçado que seus profissionais busquem condições para que o processo de mediação continue a acontecer. Diante dessa nova realidade, diversas resoluções começaram a surgir, buscando ampliar a atuação das bibliotecas. Dentre as iniciativas tomadas pelas bibliotecas universitárias as que mais se destacam são o uso dos *sites* e das redes sociais para disseminação de informações sobre medidas de controle e prevenção à covid-19, comunicação e orientações de acesso às plataformas de conteúdo *online*, divulgação de fontes de informações científicas, além da divulgação de novos serviços criados com o intuito de contribuir com o aprimoramento de conhecimentos produzidos durante o período de distanciamento social.

O estudo aborda a questão da mediação informacional, mas que fornece subsídios para o estudo da mediação de leitura, promovidas pela biblioteca no cenário de crise pandêmica.

Acredita-se que investigar as ações para a formação do leitor, promovidas no âmbito da biblioteca escolar durante a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), no qual os serviços de mediações de leitura não puderam ser realizados presencialmente, podem contribuir para problematizar a prestação de serviços do setor no âmbito digital. Dessas experiências partilhadas, podemos encontrar alternativas, novos caminhos, sentidos, novas mudanças, possibilidades e novos conhecimentos em formação do leitor e disseminação da informação, trazendo novas percepções sobre o lugar que a biblioteca pode ocupar nos espaços escolares, sobretudo no ensino remoto.

O estudo de Wellichan e Rocha (2020) propõe uma discussão a respeito do que poderá ser a retomada da rotina nas bibliotecas. O artigo foi escrito em maio de 2020 quando não tinha nenhuma perspectiva de abertura das bibliotecas e prestação dos serviços presenciais. As autoras acreditam que para orientar a comunidade em relação a serviços informacionais será necessário que a equipe da biblioteca implemente um plano de comunicação para alcançar o público.

Para isso, as redes sociais têm se mostrado uma importante fonte de comunicação com os usuários, como o *Instagram*, o *Facebook* e o *WhatsApp*, que poderão ser utilizados pelas bibliotecas. Dentre as diversas ideias implementadas em algumas bibliotecas, durante a pandemia, está o *drive-thru* de livros (já citado anteriormente). O usuário que deseja utilizar esse sistema, deverá enviar um e-mail ou mensagem pelo *WhatsApp*, em seguida, um funcionário da biblioteca verificará o pedido no acervo e deixará a obra disponível e higienizada para retirada na portaria. A comunicação com o usuário será mantida de forma efetiva, comunicando quando a obra estiver à sua disposição.

Para as autoras, a ação cultural tão presente nas bibliotecas também precisará ser repensada, pois, eventos, exposições e atividades que podem gerar aglomerações precisam ser evitados temporariamente. Desse modo, os eventos virtuais poderão contar com a colaboração das bibliotecas, pois por meio dos serviços de videoconferência – tecnologia que permite o contato visual e sonoro entre pessoas que estão em lugares diferentes – será possível trocar informações e ampliar a cultura e formação da comunidade.

As pesquisadoras concluem que a pandemia apresentou uma oportunidade para as bibliotecas aumentarem e aprimorarem suas atividades. Serviços digitais devem caminhar junto aos tradicionais, e novos produtos e serviços devem surgir da nova realidade que está por vir. As bibliotecas podem criar um sistema consciente e participativo dos processos que o envolvem, para que a biblioteca não fique alheia ao momento vivido.

Curti e Wellichan (2021) contextualizam o período da pandemia em que as escolas tiveram que adaptar suas atividades ao modelo remoto, principalmente *online*. Em seu trabalho, defendem a importância da leitura, principalmente para crianças. Como já explanado nesta pesquisa, em virtude das aulas *online*, as atividades que envolvem a leitura, antes realizada presencialmente, tiveram que se modificar e se inserir durante o período em que o estudante estiver conectado.

As autoras defendem que em períodos especiais como o da pandemia da covid-19, a leitura tem sido uma escolha benéfica para a saúde mental de várias idades. Elas contextualizam que o mercado editorial apontou um significativo aumento de vendas em livros impressos e *e-books*, o que aponta a leitura como uma atividade saudável de relaxamento e distração.

Parceira na formação de leitores e na prática da leitura, alguns serviços da biblioteca foram incluídos como parte do ensino remoto. Especialmente nas bibliotecas escolares, com trabalhos colaborativos com professores, os bibliotecários estão buscando novas formas para continuar apresentando a leitura para seus usuários. Cada setor que trabalha com a promoção da leitura ou oferece serviços a ela relacionados, possui especificidades e, durante a pandemia, tiveram que se ressignificar para continuar a oferecer condições de atuação.

Algumas das ações realizadas pelas bibliotecas escolares durante a pandemia foram destacadas por Curti e Wellichan (2021), baseadas nos estudos de Pasini, Carvalho, Almeida²⁷ (2020); Oliveira²⁸ (2020); Yoshida²⁹ (2020):

As bibliotecas escolares investiram em serviços técnicos tradicionais realizados à distância como capacitações e orientações, além das criações de clubes da leitura, páginas de contações de história e oficinas com orientações

²⁷ PASINI, C.G.D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L.H.C. A Educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. Texto para discussão. Universidade Federal de Santa Maria. 2020.

²⁸ OLIVEIRA, J. B. A.; GOMES, M. ;BARCELLOS, T. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. [online], v. 28, n. 108, p. 555-578, 2020.

²⁹ YOSHIDA, S. Quebra de padrões, modelos de ensino híbrido e as heranças da pandemia para a Educação. Nova Escola, 12/08/2020.

sobre a pesquisa. Uma boa oportunidade também para ser explorada nesse período foi a criação de canais específicos em redes sociais e plataformas de livre acesso, com conteúdo variado (resenhas de livros, palestras, entrevistas, clube do leitor, eventos...), além da exploração desses meios pelas bibliotecas ao divulgar serviços e orientações diversas. A recomendação de livros em formato digital, seguida da recomendação de encaminhar um vídeo contando sobre a obra; a separação de livros impressos e higienizados disponibilizados para empréstimos domiciliares e a participação de escritores em vídeochamadas também são ações relatadas e desenvolvidas. [...]. Experiências presenciais ou semipresenciais, como o atendimento via drive-thru para empréstimos e devoluções, também foram inovações e estão sendo divulgadas nas redes sociais de várias bibliotecas e bibliotecários. (CURTIS; WELLICHAN, 2021, p. 10).

Reforçam que no período da pandemia – a partir do ano de 2020 – a palavra de ordem é inovação e acreditam que, após esse período, ela será essencial, pois com inovação e com o uso da tecnologia, é possível atualizações e correções na base de dados da biblioteca, ampliação ou inserção da biblioteca escolar no universo das redes sociais, criação de tutoriais para pesquisa, acesso e orientações *online* no combate a *fake news*. Como as ações desenvolvidas tiveram bons resultados, essa forma de atuação na biblioteca deve se estender no pós-pandemia. Finalizam alertando que ninguém está livre de novos momentos singulares na sociedade, como o vivenciado pela pandemia da covid-19. “Em tempos de tanto negacionismo, as bibliotecas escolares são grandes armas para esclarecimentos, descobertas, formação e conscientização. É preciso investir nelas sempre! ”. (CURTIS; WELLICHAN, 2021, p. 12).

Durante o processo desta investigação foi encontrado somente este estudo – Curti e Wellichan (2021), já referenciado acima – relacionando a biblioteca escolar e pandemia da covid-19. Isto coloca em evidência uma lacuna que demonstra a relevância desta pesquisa e convoca pesquisadores a investigarem e relatarem experiências e acontecimentos que transcorreram nesse importante setor da escola num período marcante da sociedade. Tais estudos podem contribuir para o avanço educacional e para as pesquisas em torno da leitura e mediação de leitura, dando subsídios para realização de novas formas de incentivar a formação de leitores ou aprimorar as maneiras já existentes.

Para dar prosseguimento a este estudo, propôs-se uma conjunção de distintas ferramentas metodológicas, que serão detalhadas no capítulo 2.

2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO

A pesquisa científica é o exame, a inquirição intensiva que objetiva encontrar, definir e compreender fatores que estão inseridos ou que compõem uma determinada realidade. O pesquisador necessita debruçar-se sobre o seu campo de investigação e analisar os dados que serão construídos a partir de sua interação com os demais participantes da pesquisa científica (Cf. BARROS; LEHFELD, 2003).

Neste capítulo será abordado o percurso metodológico realizado nesta dissertação. Procurou-se descrever como se empreendeu a coleta e a análise de dados, com ênfase na abordagem quanti-qualitativa, as categorias analíticas e o delineamento da pesquisa.

Ao pesquisar ações de mediação de leitura na biblioteca escolar, o estudo preocupa-se com o seu sentido e realidade e, por isso, faz-se necessária uma pesquisa exploratória, que tem como função trazer embasamento científico. A abordagem será quanti-qualitativa, que é o tipo de abordagem que usa tanto os métodos quantitativos quanto qualitativos, para a realização de uma análise muito mais aprofundada sobre o tema pesquisado.

Segundo Marconi e Lakatos (2008), a pesquisa quantitativa evidencia a valorização dos fenômenos, estabelece ideias e demonstra o grau de fundamentação. As pesquisas quantitativas apresentam dados de estudos descritivos, que se fará imprescindível em partes desta pesquisa, pois será necessário descobrir e classificar dados obtidos, principalmente no que se refere a dados numéricos.

Mas se tratando de pesquisas qualitativas, Minayo (2001) disserta que este tipo de pesquisa se aprofunda numa realidade que não é visível, que necessita ser exposta e interpretada, sendo esta proposta também exploratória e descritiva. A autora especifica:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p.22).

Essa categoria de pesquisa possibilita um cruzamento maior dos dados e o peso da pesquisa aumenta em conjunto com a validação de todas as informações. A partir do levantamento e do cruzamento desses dados será possível delinear alguns pressupostos para as eventuais causas dos resultados obtidos, que será fundamental para o sucesso desta pesquisa.

2.1 MAPEAMENTO DA TEMÁTICA DA PESQUISA NA ANPEd, BRAPCI, CAPES E IBICT

Seguiu-se o planejamento inicial da pesquisa ao realizar uma busca de literatura – ou revisão bibliográfica exploratória – em artigos, teses e dissertações, à procura de estudos e ideias relacionadas ao tema, no sentido de situar como ele está sendo investigado e quais são as principais questões problematizadas nesses trabalhos. Com isso, houve embasamento científico e um maior envolvimento e familiaridade com a temática. Buscando coletar dados contextualizados, cujo objetivo estipulado foi investigar ações de mediação e incentivo à leitura, durante a pandemia da covid-19, em seu modo de operar, ou agir, em bibliotecas escolares, visando detectar as características mais relevantes realizadas pela equipe destas bibliotecas, que podem contribuir para a formação de leitores.

De acordo com Zanella (2013), a revisão de literatura, trata-se de um tipo de averiguação com âmagos no levantamento e coleta de materiais bibliográficos por meio de fontes de informação, para embasamento do estudo a partir de dados e informações relevantes sobre um determinado tema. Já a pesquisa descritiva consiste na análise, classificação e interpretação no estudo, sem a interferência do pesquisador, de maneira que possibilite a investigação de eventos, além de descrever as suas características e a sua natureza.

Objetivando um estudo exploratório, de abordagem qualitativa, e visando a busca do estado de conhecimento da nossa problematização da pesquisa no Programa de Mestrado em Educação, efetuou-se o levantamento de publicações nos Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, a ANPEd, no catálogo do Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), no banco de teses e dissertações do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), no período de 2015 a 2021. Houve este recorte temporal, a fim de contextualizar o problema com pesquisas recentes e com teóricos contemporâneos que possuem uma visão mais abrangente da biblioteca escolar, além de abordar o possível uso de tecnologias nesta instância, já que essas evoluem com grande rapidez.

Essas fontes de informação e pesquisa foram selecionadas por sua relevância na disseminação da produção científica com a temática específica em Leitura, Biblioteca e

Formação do leitor. Ainda que seus autores sejam de diversas áreas do conhecimento, o conteúdo destes trabalhos contribui para o avante da área de Educação.

Em virtude do objetivo traçado para esse trabalho, de mapeamento das produções sobre a temática “leitura e formação do leitor no âmbito da biblioteca escolar, no período da pandemia, nos anos 2020 e 2021, do novo coronavírus (COVID-19)”, em todas as plataformas utilizaram-se os seguintes descritores: “biblioteca escolar”; “formação do leitor”; “leitura”, “mediação de leitura”, “pandemia e educação” e “covid e educação”.

Ao efetuar a recuperação de tais trabalhos, pretende-se concretizar a análise de conteúdo, com o objetivo de construir um conhecimento analisando o discurso, a disposição e os termos utilizados. Para Bardin (1977):

O termo “análise de conteúdo” designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN³⁰, 1977 *apud* GODOY, 1995, p. 23).

A análise foi iniciada por uma consulta aos Anais disponibilizados nos sites dos congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, a ANPEd. Criada em 1978, ela é uma organização sem fins lucrativos que reúne docentes e discentes vinculados a programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em educação e é referência em pesquisa e fomento científico no âmbito educacional no Brasil. A Anped possui 23 Grupos de Trabalhos, os GTs. A busca estabeleceu-se em sete GTs: GT 02 – História da Educação; GT 07 – Educação de Crianças de zero a seis anos; GT 10 – Alfabetização, Leitura e Escrita; GT 12 – Currículo; GT 13 – Educação Fundamental; GT 14 – Sociologia da Educação; GT 16 – Educação e Comunicação. Os congressos nacionais da ANPEd são bienais. Sendo assim, foram levantados trabalhos publicados nos anais dos congressos de 2015, 2017 e 2019, respectivamente, 37^a, 38^a e 39^a Reunião Nacional da ANPEd. Buscou-se por textos que citavam, em específico, a biblioteca escolar e por trabalhos que abordavam a temática da formação do leitor no ambiente digital. Somente nos GTs 10, 14 e 16 encontraram-se produções relevantes para esta pesquisa, sendo selecionados quatro artigos. Os detalhes são apresentados no quadro abaixo:

³⁰ BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

QUADRO 1 - Trabalhos selecionados nos Anais da ANPEd

Autores	Título	GT	Reunião/Ano
LAROVERE, Andrea Del; PERES, Selma Martines.	Experiências de leitura de alunos no contexto escolar e extraescola.	10	37 ^a /2015
TRAVASSOS, Sônia M. M. de F.	O lugar da sala de leitura e da biblioteca na escola.	10	39 ^a /2019
MATOS, Rosângela da Luz; PINHO, Fabiola Chafin G. de.	Práticas de leitura nos anos finais do ensino fundamental.	14	39 ^a /2019
GNISCI, Vanessa Monteiro Ramos.	Redes de leitura e diálogo entre <i>booktubers</i> e seus seguidores.	16	39 ^a /2019

Fonte: Elaborado pela autora com dados das reuniões.

Um levantamento foi realizado na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – Brapci –, que se constitui como o produto de informação de um projeto de pesquisa, criado em 1995, cujo objetivo é subsidiar estudos e propostas na área de Ciência da Informação. Nessa base foram encontrados dez artigos científicos relevantes para este estudo, publicados de 2015 a 2021. Nenhum artigo relevante para esta pesquisa foi encontrado no ano de 2016 na Brapci. Abaixo se encontra o quadro 2, com detalhes dos textos selecionados na base de dados:

QUADRO 2 - Trabalhos selecionados na Base de Dados Brapci

Autores	Título	Periódico	Ano
SILVA, Rovilson. José da.	Formar leitores na escola: o projeto pedagógico, a biblioteca escolar e a mediação.	Informação & Informação	2015
SANTOS, Marcos P.; LOPES, Jurema R.	Desafios da biblioteca diante das redes sociais no processo de formação de leitores.	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	2017
PAIVA, Raquel M. Vilela; DUARTE, Adriana Bogliolo S.	O bibliotecário escolar diante dos nativos digitais.	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	2017
PIRES, Michelle Claudino; ACCORSI, Ana Maria Bueno.	Formação do leitor literário como missão da biblioteca escolar: contribuições da teoria da estética da recepção.	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	2018
SILVA, Fernanda. C.	Projetos de leitura e escrita:	Revista ACB:	2019

L.; SANTOS, Camila. P.; FURTADO, Fernanda. R. N.	parcerias, (in)formação e encantamento.	Biblioteconomia em Santa Catarina	
FROTA, Maria. Guiomar. C. et al.	Informação sobre a covid-19 em comunidades periféricas.	Revista Fontes Documentais	2020
QUISPE-FARFÁN, Gabriela. A.	Las bibliotecas públicas peruanas frente a la crisis de la COVID-19: servicios, reflexiones y desafíos.	Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia)	2020
SALA, Fabiana. et al.	Bibliotecas universitárias em um cenário de crise: mediação da informação nas redes sociais durante a pandemia de COVID19.	Revista Informação em Pauta	2020
WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro; ROCHA, Ednéia Silva Santos.	As bibliotecas diante de uma pandemia: atuação e planejamento devido a covid-19.	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2020
CURTI, Beatriz Silva; WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro.	Leitura na pandemia: ações possíveis de incentivo e prática para os pequenos leitores.	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2021

Fonte: Elaborado pela autora com dados da base de dados.

Visando ainda o levantamento de artigos científicos, realizou-se a triagem dos trabalhos disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Esse portal foi criado no ano de 1990 pelo Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de fortalecer a pesquisa no Brasil. O catálogo abrange periódicos de diversas áreas do conhecimento. Após a busca pelos indicadores e a análise dos títulos dos artigos, realizada nessa etapa, houve o direcionamento inicial para a seleção do material. Após delinear, analisando os resumos e elementos do texto, cinco trabalhos pertinentes a esta pesquisa foram selecionados, pois foram os que, com mais apreço, relacionaram a biblioteca escolar com a formação do leitor. Vale ressaltar que nos anos 2017 e 2019 não se encontraram trabalhos expressivos a esta pesquisa. No Quadro 3 há o detalhamento dos trabalhos selecionados no Portal de Periódicos da CAPES:

QUADRO 3 - Trabalhos selecionados no catálogo do Portal CAPES

Autores	Título	Periódico	Ano
SOUZA, Renata. J. et al.	Espaços de formação do leitor: a leitura na sala de aula e na biblioteca escolar.	Textura	2015
REIS, Magali	Leitura, Informação, Lazer e Ludicidade	Educação em	2016

dos; ALVES, Vânia Noronha.	nas Bibliotecas Escolares: Contribuições da Biblioteca Mário de Andrade/SP.	Foco	
BARI, Valéria A. et al.	A biblioteca escolar como espaço de lazer cultural e formação do leitor.	Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação	2018
BLANCO, Nancy	Bibliotecas, libros y lecturas a traves del COVID-19.	Library Research Institute	2020
FONSECA, Diego Diego L. de Souza	O streaming e a virtualização dos serviços de informação: uma análise sobre a adaptação das bibliotecas frente à pandemia de Covid-19.	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	2021

Fonte: Elaborado pela autora com dados do catálogo.

Por fim, realizou-se um levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que está vinculada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, o IBICT. Essa Biblioteca Digital foi concebida em 2002 e possibilita que a comunidade científica publique e difunda teses e dissertações produzidas no Brasil e no exterior, dando maior visibilidade à produção acadêmica nacional. Foi necessário fazer uma seleção criteriosa. Portanto, o caminho seguido foi uma análise textual dos trabalhos encontrados após a pesquisa pelos descritores, resultando na escolha de seis teses e dissertações das áreas de Educação, Letras e Ciência da Informação, que relacionaram de maneira mais contundente a biblioteca escolar com práticas de mediação de leitura. Nos anos de 2016, 2017 e 2021, nenhum trabalho pertinente a este estudo foi encontrado. Os detalhes das teses e dissertações selecionadas estão apresentados no Quadro 4:

QUADRO 4 - Trabalhos selecionados na Biblioteca de Teses e Dissertações do IBICT

Autor	Título	Tipo	Área/ Instituição	Ano
CARDOSO, Aline C. R.	O papel da biblioteca escolar na formação de leitores na Rede Pública Municipal de Criciúma (SC).	Dissertação	Educação/ UNESC	2015
QUEIROZ, Solange P. de	Práticas de leitura da biblioteca de uma escola do campo: possibilidades, limites e contradições.	Dissertação	Letras/ UNICENTRO	2015
GUIDA, Rosemarilany	A mediação da leitura literária na biblioteca escolar: uma	Dissertação	Educação/ UFG	2018

B.	experiência com alunos de 5º ano do CEPAE/UFG.			
PAIVA, Raquel M. Vilela	A biblioteca escolar e os nativos digitais.	Tese	Ciência da Informação/UFMG	2018
ABREU, Flávia F.	Mediação e leitura na biblioteca escolar: estudos de casos múltiplos.	Dissertação	Ciência da Informação/UFMG	2019
MOTOYAMA, Juliane F. M.	Bebeteca: engatinhando entre livros.	Tese	Educação/UNESP	2020

Fonte: Elaborado pela autora com dados da biblioteca digital.

Considerando a importância da construção teórico metodológica que subjaz uma pesquisa acadêmica, vale ressaltar que além dos trabalhos selecionados e indicados acima, para melhor entendimento da temática, foram utilizados como aporte teóricos outros autores importantes para a construção desta pesquisa, conforme mencionado na introdução deste trabalho.

O cenário pandêmico ainda é recente, o que justifica a pouca quantidade de trabalhos relacionando a biblioteca escolar e o período histórico hodierno. No entanto, percebem-se, também, poucos textos que abordam as possibilidades de uso da biblioteca escolar fora de um contexto presencial, algo que já é realidade nos serviços de referência nas bibliotecas universitárias (SILVA; BEUTTENMÜLLER, 2005).

2.2 COLETA DE DADOS: TRIAGEM NAS REDES SOCIAIS EM BUSCA DAS(O) SUJEITAS(O) DA PESQUISA

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP³¹ da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), deu-se início à pesquisa de campo. Foi desenvolvida uma triagem sistematizada nas redes sociais: *Instagram* e *Facebook*, buscando pelos descritores citados neste trabalho, sob o formato de *hashtags*³², com o intuito de sermos conduzidos até os profissionais atuantes nas bibliotecas escolares brasileiras. Deste modo, encontramos alguns profissionais e instituições, os quais receberam o formulário eletrônico por meio do próprio dispositivo de mensagem do *Instagram* e do *Facebook*.

³¹ É preciso aprovação desse órgão para os projetos de pesquisa, cuja fonte primária de informação seja o ser humano, que se aplica a este estudo.

³² *Hashtag* é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão. Quando a combinação é publicada, transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema.

No *Facebook*, pesquisou-se ainda em grupos de bibliotecas escolares. Em um dos grupos encontrados, anunciou-se a pesquisa e algumas pessoas se interessaram em participar. Uma dessas participantes elogiou a iniciativa, pois gostou muito do tema da pesquisa. A mesma achou que seria válido apresentar à pesquisadora um grupo de *WhatsApp* com muitos profissionais atuantes em biblioteca escolar. Assim, obteve-se contato direto com pessoas que tinham o perfil para participar deste estudo. Ao apresentar a pesquisa no grupo, percebeu-se que muitos de seus integrantes realizavam ações com vistas à formação do leitor durante a pandemia da covid-19, mas poucos respondiam, de fato, ao questionário eletrônico. Sendo assim, a opção foi entrar em contato diretamente com aqueles que se enquadraram no que fora proposto e solicitar a sua participação no formulário. Tal acontecimento foi algo totalmente inesperado neste percurso metodológico, mas que foi de grande ajuda, pois muitos sujeitos da pesquisa foram encontrados no referido grupo.

Planejava-se também buscar as redes sociais das bibliotecas escolares que fizeram uma ampla divulgação de seu trabalho durante o período pandêmico. Algumas bibliotecas deram retorno à nossa pesquisa ao contatá-las por meio de mensagem na própria rede social ou pelo telefone disponibilizado. Faz-se necessário enfatizar, que as bibliotecas escolares investigadas nesta pesquisa não foram identificadas.

Realizou-se a aplicação de um questionário (Apêndice B), por meio de um formulário eletrônico semiestruturado, durante os meses de julho, agosto e setembro de 2021, disponibilizado pela plataforma *Google Forms*³³. Acredita-se que este apresenta a abrangência necessária para englobar múltiplas variantes que possam surgir com as respostas dos sujeitos investigados. Os questionários continham perguntas abertas e fechadas, direcionadas aos profissionais atuantes na biblioteca escolar, sejam eles bibliotecários, auxiliares de biblioteca, etc.

Segundo Barbosa (2008), o questionário é um dos procedimentos mais utilizados para obter informações. É uma técnica de custo razoável, apresenta as mesmas questões para todos os sujeitos da pesquisa, garantindo seu anonimato. Se aplicada criteriosamente, esta técnica apresenta elevada confiabilidade. Ademais, podem ser desenvolvidos para medir atitudes, opiniões, comportamento, circunstâncias, etc.

Foi encaminhado, acompanhado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A), o formulário contendo 20 perguntas abertas e

³³ *Google Forms* é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas.

fechadas para 248 sujeitos de todo país, público-alvo deste estudo, por meio dos *chats* disponíveis nas redes sociais, ou por meio de conversa no *WhatsApp*, ou por e-mail. Entretanto, alguns participantes retornaram dizendo que encaminhariam para outros sujeitos que se encaixavam no perfil da pesquisa, impossibilitando, assim, saber a quantidade exata de questionários distribuídos.

No total, 77 pessoas responderam ao formulário, uma amostra significativa. Se considerar somente os questionários encaminhados diretamente pela própria pesquisadora, chega-se a uma amostra de aproximadamente 31,7% de retorno.

Após a análise dos questionários, fez-se necessário selecionar alguns profissionais atuantes na biblioteca escolar que responderam ao formulário, com o intuito de ampliar as informações e acessar a algum material utilizado durante as mediações que contribuam para a construção desta pesquisa. A escolha se deu por quatro profissionais que apresentaram disponibilidade e por acreditar-se que outras de suas contribuições seriam somadas à pesquisa. Dentre os selecionados, estão dois profissionais que tiveram sucesso nas ações de mediação de leitura e que no questionário deram respostas muito completas, o que justificou o interesse em saber mais sobre as ações realizadas e por outras duas que não obtiveram resultados satisfatórios, pois nas respostas do formulário eletrônico, as participantes foram enfáticas em dizer que nada do que se realizou durante a pandemia no que concerne à formação do leitor foi bom ou de grande relevância.

Os dados das entrevistas individuais foram analisados à luz do referencial teórico que dispõe da importância da mediação de leitura, da formação do leitor e das tecnologias e mídias sociais nesses processos. Assim, pôde-se investigar quais e como foram realizadas as ações de mediação de leitura em formato remoto e conhecer as particularidades de cada profissional entrevistado.

Mais adiante, no próximo capítulo, abordaremos os saberes construídos em torno das entrevistas.

3 O CONTEXTO DA BIBLIOTECA ESCOLAR AO LONGO DA PANDEMIA: APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Após as considerações elencadas no capítulo anterior, a seguir serão apresentados os resultados da pesquisa de campo relacionada aos 77 profissionais que atuaram na biblioteca escolar durante a pandemia da covid-19 em todo Brasil e que participaram desta pesquisa, respondendo ao questionário eletrônico. Os dados levantados sugerem que muitas ações realizadas podem continuar para além deste período em nossa história.

3.1 COMPILAÇÕES DO QUESTIONÁRIO

Muitos resultados surpreenderam durante a análise dos dados coletados. No primeiro momento, pôde-se observar que nem todos os participantes responderam à todas perguntas abertas, mas todos, sem exceção, responderam às questões fechadas do questionário. Os 77 respondentes garantiram estar de acordo com os termos da pesquisa e asseguram atuar em bibliotecas escolares.

Em relação a função dos participantes, na biblioteca escolar, houve certa variedade. Obteve-se as seguintes porcentagens nas respostas:

TABELA 1 - Função dos participantes na biblioteca escolar

Função	Porcentagem %
Bibliotecária(o)	80,3%
Professor(a) remanejado(a) para a biblioteca	6,5%
Professor(a) de biblioteca	5,3%
Auxiliar de biblioteca	5,3%
Estagiário(a) na biblioteca	1,3%
Técnico em Biblioteconomia	1,3%

Fonte: elaborada pela autora com dados da pesquisa.

Pesquisas apontam que a proporção de bibliotecas escolares que possuem o profissional bibliotecário é ínfima. Apenas 1,4% das instituições de ensino que possuem biblioteca, têm também a presença do profissional bibliotecário. Segundo Paiva (2018), muitos atribuem a função de bibliotecário como uma designação genérica para quem

está na biblioteca, podendo ser professor, aluno, ou funcionário remanejado de outra área da escola, que, independentemente do nível de formação, é chamado, erroneamente, de bibliotecário. (GARCEZ³⁴, 2007 *apud* PAIVA, 2018, p. 29-30).

Outra possível razão para que os dados apontem uma grande quantidade de pessoas que se intitularam como bibliotecários, é que alguns profissionais se autodenominam como bibliotecários somente por trabalhar numa biblioteca, mesmo que não tenha o curso de biblioteconomia.

Entretanto, nesta pesquisa, selecionou-se instituições em que boa parte dos participantes são formados em biblioteconomia. Isto está atrelado à rede de contatos do qual a pesquisadora está inserida, já que também é bibliotecária e assim, pôde contatar mais escolas que possuem o profissional bibliotecário. No entanto, a realidade brasileira demonstra que poucas bibliotecas escolares contam com a presença do bibliotecário, conforme aponta o estudo de Garcez (2007).

Vale ressaltar que o estudo, não se propôs a reunir durante o processo de coleta, todas as bibliotecas escolares brasileiras que desenvolveram e promoveram ações de mediação de leitura, com vistas à formação do leitor, no formato remoto durante a pandemia da covid-19, dadas as limitações de tempo, recursos financeiros e humanos, destinados a esta dissertação, que impedem que a triagem abarque por completo todos os profissionais que atuam em biblioteca escolar num país com o tamanho territorial do Brasil.

No caso dos professores, foi questionado qual a formação acadêmica dos mesmos. Os cursos citados foram: História, Letras, Normal Superior, Pedagogia e alguns tinham a formação em Pedagogia e Biblioteconomia. Em relação à instituição em que trabalham:

TABELA 2 - Tipo de instituição onde está inserida a biblioteca escolar

Instituição	Porcentagem %
Rede privada	60,5%
Rede municipal	17,1%
Rede federal	11,8%
Rede estadual	10,5%

Fonte: elaborada pela autora com dados da pesquisa.

³⁴ GARCEZ, Eliane. O bibliotecário nas escolas: uma necessidade. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 12, n.1, 2007.

Fica nítida a grande diferença entre a porcentagem de profissionais que atuam na rede privada para as demais categoriais. Se comparar a rede privada com a rede estadual, pode-se aferir que a rede privada possui em torno de cinco vezes mais bibliotecas. Estes dados corroboram com o estudo recente de (CAMPELLO et al., 2015) que investigou as reações à Lei 12.244/10 – que dispõe sobre a universalização das bibliotecas –, por meio da análise de artigos acadêmicos e outros materiais divulgados na Internet, constatando que o déficit de bibliotecas foi o tema em maior evidência. Citando dados do Censo Escolar da Educação Básica do MEC, os autores do referido estudo mostraram que a falta de bibliotecas atinge principalmente as escolas de ensino fundamental e que a rede privada está em melhor situação do que a pública. Ainda neste viés, há o trabalho de Travassos (2019) que analisou as práticas de leitura em escolas públicas. A autora relata que em muitas escolas públicas não há biblioteca, e as escolas são atendidas por salas de leitura. O que parece ser tendência, é a substituição das bibliotecas escolares pelas salas de leitura, local onde seu acervo é composto exclusivamente por livros e há basicamente empréstimo e devolução destes.

Objetivou-se alcançar o quantitativo das bibliotecas escolares, encontradas na pesquisa, que efetuaram ações de mediação de leitura, separadas por regiões brasileiras. Na tabela abaixo, aponta-se o percentual alcançado em cada região do país, de acordo com as respostas obtidas por meio da aplicação do formulário:

TABELA 3 - Quantitativo das bibliotecas separadas por regiões brasileiras

Região	Porcentagem
Sudeste	16,5%
Nordeste	13,2%
Sul	9,24%
Norte	2,64%
Centro-oeste	1,98%

Fonte: elaborada pela autora com dados da pesquisa.

Vale destacar o desempenho da região Nordeste no que concerne à quantidade de bibliotecas, ficando apenas alguns percentuais abaixo do Sudeste. Tal fato parece coadunar com o que foi apontado segundo a 5ª Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil³⁵. O estudo realizado a cada quatro anos pelo Instituto Pró-Livro revelou que a região

³⁵ Disponível em: < <https://www.prolivro.org.br/>>. Acesso em mar. 2022

Nordeste é a que mais lê. O critério para contagem foi o de quem leu pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa, feita entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, com oito mil pessoas de todos os estados brasileiros. Em João Pessoa, capital da Paraíba, a média foi de 4,09 livros no período. A pesquisa revelou que a região tem cinco entre as dez capitais brasileiras com maior percentual de leitores.

3.1.1 Formas de mediação

Como já fora dito, as bibliotecas tiveram que aperfeiçoar seus canais de atendimento para continuar a prestação de serviços no período pandêmico, e isso inclui a mediação de leitura. A pesquisa demonstrou que houve grande diversificação no uso de mídias sociais e demais plataformas digitais, sendo possível indicar mais de um meio utilizado para a realização de mediação de leitura, mas de acordo com os dados colhidos no questionário eletrônico, a plataforma mais utilizada foi o *WhatsApp*, seguida do *Instagram*, *Facebook*, *YouTube* e correio eletrônico (E-mail). Outros meios citados foram: *Twitter*; *Google Meet*³⁶; *Teams*³⁷; bibliotecas virtuais; aplicativo Conexão Escola; *Zoom*³⁸; Site da própria escola; *Google Sala de Aula (Classroom)*³⁹; RPN (Rede Nacional de Ensino e Pesquisa) e *Moodle*⁴⁰. Um dos participantes informou que fazia a mediação com material impresso aos estudantes, mas não especificou como isso foi realizado. Somente quatro pessoas, dos 77 respondentes disseram que não realizaram ações durante a pandemia, aguardando o retorno do modo presencial.

A internet e a tecnologia como um todo fazem parte do nosso cotidiano, e a biblioteca escolar não deve ficar alheia a este advento. Furtado⁴¹ (2013) *apud* Paiva (2018) alerta que a inserção da tecnologia, com a web 2.0⁴² faz com que a biblioteca escolar repense a sua atuação, frente aos alunos presentes na escola. Assim:

³⁶ É um aplicativo de videoconferência baseado em padrões que usa protocolos proprietários para transcodificação de vídeo, áudio e dados.

³⁷ É uma plataforma unificada de comunicação e colaboração que combina bate-papo, videoconferências, armazenamento de arquivos.

³⁸ Aplicativo de serviço de conferência remota.

³⁹ É um sistema de gerenciamento de conteúdo para escolas que procuram simplificar a criação, a distribuição e a avaliação de trabalhos.

⁴⁰ MOODLE é o acrônimo de "Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment", um software livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual.

⁴¹ FURTADO, José Afonso. "O Mito da Biblioteca Universal". **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação**, Nº 2, p. 37-55, 2007.

⁴² A Web 2.0 se baseia no desenvolvimento de uma rede de informações onde cada usuário pode não somente usufruir, mas sim, contribuir.

A atuação da biblioteca tinha como foco oferecer serviços informacionais, registrado sem produtos manufaturados, a um usuário indiferente e consumidor. Com o emprego da web social, tem-se a Biblioteca 2.0 a oferecer conteúdo e serviços digitais, mas, para além deste diferencial, o ponto que caracteriza a proposta é facultar serviços personalizados e ambientes de socialização, criação e partilha do conhecimento (FURTADO, 2013, *apud* PAIVA, 2018 p. 31).

A tese de Paiva (2018) demonstra ainda que alunos – os nativos digitais – utilizam os *smartphones* para atividades variadas, mas que há predileção por fazerem suas leituras em livros impressos. Neste viés, em relação ao tipo de material para efetuar a leitura, questionou-se se houve resistência por parte do usuário-leitor em não poder ler/utilizar livros e outros itens da biblioteca impressos – não ter acesso ao papel. A resposta a esse questionamento encontra-se na tabela abaixo:

TABELA 4 - Resistência em não poder acessar materiais impressos da biblioteca

Houve resistência	57,3%
Não houve resistência	28%
Não souberam responder	14,7%
Rede estadual	10,5%

Fonte: elaborada pela autora com dados da pesquisa.

Todavia, é fundamental que se incentive a leitura em diversos formatos e suportes.

3.1.2 O que se entende por mediação?

Dando prosseguimento ao estudo, convém dizer que as respostas às questões abertas serão numeradas de acordo com a ordem em que foram dadas, de forma crescente. Nesta etapa ambicionou conhecer aspectos em relação à formação do leitor na biblioteca escolar, que perguntas de cunho quantitativo não responderiam com plenitude. Fez-se necessário assim, uma abordagem qualitativa, para trazer mais elucidação.

Questionou-se o que os profissionais das bibliotecas escolares participantes da pesquisa entendiam acerca da mediação e incentivo à leitura. Dos 77 participantes, 73 pessoas responderam a este questionamento. Algumas respostas levaram a entender que

esta é a principal função de uma pessoa que trabalha em Biblioteca Escolar. Uma exorbitante quantidade de respostas atribuiu a mediação e o mediador como uma “ponte”, um elo entre o livro e o leitor. Muito se falou na importância do acervo neste processo. Outras respostas tiveram uma essência mecanizada, relacionando a mediação de leitura como o ensino de técnicas para se ler bem ou fazer estudos dirigidos e respostas tecnicistas:

Partindo do pressuposto da raiz das palavras. Incentivar pressupõe desmotivação ou desinteresse, logo incentivar à leitura é intrinsecamente criar metodologias de [sic] visem gerar uma demanda de interesse à atividade de leitura que foi constatada como insuficiente, muito embora se saiba que o termo é utilizado nas literaturas, voltadas para nossa área [área da biblioteconomia], como uma proposta de serviço que tem em si uma missão social e necessidade de planejamento e avaliação. Já mediação é uma terminologia que denota já haver um trabalho em desenvolvimento terminologicamente é mais adequado ao trabalho do bibliotecário escolar que é mediar a leitura, criar ligações significativas da comunidade escolar com o que é proposto como atividade didático social. Pressupõe trabalho em conjunto com o corpo pedagógico (RESPOSTA FORMULÁRIO 56).

Houve ainda respostas para uma formação educadora, que anuiu o ato de mediar como a contribuição para incentivar leitores a serem críticos, a lerem por prazer e incentivar reações cognitivas, emocionais e socioculturais, o que consoa com os estudos propostos por Vygotsky (2003). Para este autor, é por meio do processo de interação com os contextos e da mediação feita pelo outro, que o indivíduo se apropria dos objetos culturais e se eleva. Nessa perspectiva, o desenvolvimento humano é concebido como um processo de transformações, favorecido pelas relações dialógicas entre os sujeitos.

A mediação é um ato que pode favorecer a comunicação entre os sujeitos. De acordo com Bortolin (2010), é necessário abrir espaços – lacunas de tempo – de maneira a contribuir para trocas, sejam elas: científicas, culturais, afetivas, informacionais.

O que se almeja é que o leitor em formação esteja rodeado de bons mediadores de leitura. Dentre eles: familiares, amigos, professores, bibliotecários, editores, jornalistas, artistas, livreiros. Aqueles que saibam usufruir, incentivar e partilhar o gosto pela leitura.

3.1.3 Que valor se atribui à leitura?

Em relação à importância que os sujeitos da pesquisa dão à leitura, facilmente se percebe que todos reconhecem o seu valor e estão cientes que o ato de ler vai além da

decodificação das palavras. Todos os participantes deram sua opinião sobre a importância da leitura, muitos atribuíram um sentido de prazer, estética e aprendizado. Trouxeram também um senso de engajamento e poder que a leitura pode oferecer para conhecer o outro e a si mesmo.

Leitura no meu particular não é só trabalho, nem um *hobby* é um modo de vivenciar coisas que não conseguimos ainda, ou de superar algo por meio da palavra dos outros. E estar em mais de um mundo ao mesmo tempo, ser mais de uma pessoa e ter em quem se apoiar (RESPOSTA FORMULÁRIO17).

A leitura é uma prática social que não depende apenas do leitor, é necessário que haja um esforço mútuo para que ela aconteça, pois, segundo Perrotti (1990, p.63), “a leitura não é um ato natural, mas cultural e historicamente demarcado”.

A leitura do mundo é a sustentação para a relação entre locutor e interlocutor. Por meio desse intercâmbio de experiências, o leitor se apropria do texto e das ideias contidas nele, o que significa abertura de horizontes e favorecimento de uma visão plural da vida.

3.1.4 Leitores críticos na pandemia

Ao serem interrogados sobre acreditarem que seja possível contribuir na formação de leitores críticos durante a pandemia da covid-19, que impossibilitou o contato presencial, obteve-se as seguintes respostas. Um total de sete participantes disseram que não acham possível, ou que depende, mas não explicaram este posicionamento. Os outros 70 respondentes, ou seja, a grande maioria se mostra otimista, atribuindo essa possibilidade à força de vontade, trabalho árduo, cooperação de outros atores da escola e da família, fazendo bom uso das plataformas digitais disponíveis. Demonstrem ainda que essa tarefa não pode parar, pois, além de ser um processo que contribui para a educação, ainda pode proporcionar algum conforto num momento tão singular, além de ajudar a manter o cidadão bem informado. Como se vê nos extratos abaixo:

Não é impossível, mas é difícil. Nesse momento, a formação de leitores prescinde do uso de ferramentas tecnológicas, que, bem sempre são eficientes. Mas é possível. Interessante notar que, muitas das atividades mediadas pela tecnologia necessitam da leitura, mínima que seja. Esse leitor crítico de hoje, é aquele capaz de suspeitar de que nem tudo publicado, é verdade. É aquele que vai recorrer a diversas fontes para se manter informado. Mas, também é aquele que vai buscar nos livros (mesmo que e-

books) um alívio para esse momento tenso que estamos vivenciando (RESPOSTA FORMULÁRIO 44).

É possível formar leitores em qualquer momento. O nosso leitor tem várias faces e acesso a vários livros diferentes, lê em formato digital e tradicional. O leitor divide seu tempo entre inúmeros atrativos como celular, jogos de todo tipo, tv, estudos. É capaz de escolher os próprios livros e em se tratando de crianças e adolescentes tem uma forte ligação com coleções e livros de *YouTubers*. E o leitor formado agora tem uma vantagem: por estar em casa com acesso à internet pode acessar com facilidade a leitura questionadora comum nas redes sociais sobre questões atuais, como o tratamento da pandemia e as questões sócioeconômicas advindas dela (RESPOSTA FORMULÁRIO 31).

Sim, diante da avalanche de informações que circulam nas redes sociais, sites, mídias em geral, acredito que o leitor se torna crítico, pois em alguns momentos ele irá se deparar com notícias contraditórias, e isso pode despertar seu senso de observação e comparação. Por exemplo: a escolha da vacina nos postos de saúde. Tantas *fake news* disseminando a notícia falsa de que uma vacina é melhor que outra... um leitor com espírito crítico buscará notícias de fontes variadas e confiáveis! Quem é esse leitor? Aquele que vivenciou a leitura na escola e que tem na família incentivadores e exemplos de leitores (RESPOSTA FORMULÁRIO 5).

Para contribuir na formação de um leitor crítico, as palavras de Aguiar (2001) são significativas para o profissional mediador da leitura. A autora afirma que a adoção de uma estratégia de ensino de leitura dependerá, principalmente, do posicionamento do educador em relação ao seu educando: de qual tipo de leitor ele deseja formar; o que simplesmente assimila conteúdos e acumula informações ou o leitor crítico, que assume posições com independência. O primeiro se forma até mesmo sozinho, lendo aleatoriamente, já o segundo será formado a partir de um trabalho envolvido em estratégias bem construídas.

Cabe também destacar a recomendação de Bortolin (2010), posto que, em seu entendimento, profissionais que atuam no âmbito da biblioteca, para desenvolver e apoiar pesquisas e atuar como gestores de redes de informação e lidar com diferentes tecnologias, antes é preciso ter uma relação estreita com a leitura em suas múltiplas linguagens e diversificados suportes. Mesmo no contexto pandêmico, em que o trabalho do bibliotecário e demais profissionais atuantes na biblioteca escolar colocou em voga a relação com a tecnologia, a base leitora ainda é imprescindível.

Em suma, no contexto dessa pesquisa, vale trazer as reflexões de Petit (2009), para que, em tais contextos de crise, como este da pandemia, crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel da leitura na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma.

A própria pandemia em si trouxe aspectos que nos leva a refletir, seja em nível pessoal, profissional, psicológico ou outros. A leitura num momento como este, pode trazer mais informações para que estejamos conscientes dos fatos e também uma distração, uma diversão em meio à crise, tudo depende do gosto e intenção do leitor. Cabe ao mediador propor uma gama de opções de leitura e estratégias de mediação, para que o usuário-leitor analise seu contexto e faça sua escolha.

3.1.5 Projetos de promoção de leitura

No intuito de averiguar qual(is) projeto(s) a equipe da biblioteca desenvolveu de maneira remota durante a pandemia da covid-19, houve respostas diversificadas e interessantes que, com certeza, podem contribuir para que outros profissionais possam trabalhar com a mediação de leitura a distância, mesmo num período pós-pandemia, ou num período em que o distanciamento social não seja compulsório, ampliando assim, a sua atuação. As respostas indicam que muitos trabalhos realizados darão frutos contínuos e não foram algo momentâneo para suprir uma carência efêmera. Todos os sujeitos da pesquisa responderam a essa averiguação e indicaram que as atividades realizadas nesse período foram variadas e nenhuma se sobressaiu como a mais citada.

Realizaram-se Clubes de leitura; uso de biblioteca virtuais e plataforma de livros digitais; leitura e concurso de poesias de forma remota; momentos de contação de história; postagem de vídeos; dicas de leituras e postagem de cartazes informativos em grupos de mensagens instantâneas; saraus; lista de divulgação de obras; divulgação das normas da ABNT; explicação sobre variados gêneros literários; *drive-thru* com empréstimo de livros para os estudantes; hora do conto; encontro com autores e contadores de histórias por meio de plataformas digitais; empréstimo agendado; utilização de *e-books*; divulgação de sites de *FANFIC*⁴³ ou Mangás; promoção de *lives*.

A biblioteca desenvolveu projetos de incentivos a leitura, de diferentes formatos, de acordo com a faixa etária dos alunos. Assim, os alunos do 1º ciclo tiveram acesso a contações de histórias, assim como indicações de leituras seguidas de atividades de reflexão nos Fóruns (usamos o *Moodle* para isso). Os alunos do 2º ciclo tiveram atividades parecidas, a exceção da contação de histórias. Os alunos do 3º ciclo foram convidados a participarem de clubes de leitura. Além disso, com a assinatura por parte da Universidade da Árvore de Livros⁴⁴, toda comunidade foi convidada a aproveitar as diversas leituras possíveis e disponíveis. Foram feitos, ainda, trabalhos nas

⁴³ *Fanfiction*: é uma narrativa ficcional escrita e divulgada por fãs.

⁴⁴ Plataforma de leitura digital.

redes sociais da biblioteca, de indicação de leituras diversas (RESPOSTA FORMULÁRIO 24).

Super joia, participação por meio de atuação e colaboração no roteiro dos capítulos e gravação, minha e da minha auxiliar. Auxílio ao uso das tecnologias em sala de aula, criação de *backgounds* para contação de histórias do projeto de leitura da escola, estante virtual de livros livre de direitos autorais, criação do quadro de contação de histórias “123 História”, projetada por mim e desenvolvida pela minha auxiliar e algumas aulas sobre método de estudo, temas atuais como bolha social e mineração de dados, bem como a criação de um *e-book*, ainda em produção (RESPOSTA FORMULÁRIO 59).

Os depoimentos acima demonstram a gama de possibilidades em incentivar a leitura e promover ações de formação do leitor, valendo-se das tecnologias, com criatividade, empenho e colaboração entre profissionais. Talvez, boa parte destes feitos, não teriam sido realizados em um formato exclusivamente presencial, já que os profissionais teriam que dedicar a outras tarefas atreladas à biblioteca escolar, como: catalogação, inventário, aquisição de materiais, desbaste do acervo, etc.

Dos respondentes, somente seis disseram que não realizaram nenhuma ação, seja porque a biblioteca foi fechada por ordem da diretoria, porque não teve o suporte necessário ou porque optaram por melhorar o acervo físico comprando livros, realizando o serviço de catalogação, classificação, organização das estantes, etc., para quando a biblioteca da escola voltasse a funcionar de maneira presencial e sem limitações.

Indagou-se como as mídias sociais ou demais plataformas foram utilizadas na mediação da leitura durante a pandemia, com objetivo de entender de forma mais profunda suas possibilidades e suas contribuições para o avanço da biblioteca escolar. As respostas demonstraram que é possível utilizar essas mídias e caminhos alternativos quando se trata de incentivar a leitura.

Temos *Ipads*⁴⁵ do projeto digital da escola, gravamos tudo e editamos nele. A concepção dos projetos são demandas das supervisões de ensino, do assessor de Eventos e/ou Biblioteca, conforme a inclinação de nosso público. Definida a ação trabalhamos com o setor de marketing da escola para desenvolver as peças (RESPOSTA FORMULÁRIO 64).

Tanto os debates quanto a votação da próxima leitura ocorrem pelo *Whatsapp*. (Votação porque sempre dou 3 opções de livros sobre algum tema em específico. Após a votação, o livro é encaminhado pelo e-mail e pelo pelo *whatsapp* (livros de domínio público)). Temos um prazo para ler (entre um mês e meio e 2 meses), e aí temos um dia específico para o debate, que dura um dia todo (pelo fato dos participantes estudarem/trabalharem em horários diferentes). Nesse meio tempo de leitura, como uns leem mais rápido e outros

⁴⁵ Dispositivos que são considerados um híbrido entre os smartphones e os notebooks, devido a sua portabilidade, funções e seus recursos.

mais devagar, sempre vou perguntando como está a leitura, dando dicas, incentivando a assistirem filmes e lerem matérias relacionadas à leitura atual/em andamento. (RESPOSTA FORMULÁRIO 1).

Nem todos os participantes responderam à questão em relação se há outra(s) possibilidade(s) de mediação de leitura fora do meio digital e que não envolva o uso direto do espaço físico da biblioteca. É necessário refletir sobre isso, pois em muitos locais, o acesso à internet e aparelhos eletrônicos é escasso ou inexistente. Dos 77 participantes, somente 69 pessoas responderam a esse questionamento.

Pelas respostas, pôde-se ver que muitos acharam a pergunta difícil e que não tinham ponderado sobre isto em outro momento. Certa insegurança foi transmitida nas respostas, sendo que 16 respondentes disseram que não veem possibilidade. Alguns não enxergam essa possibilidade de mediação de leitura a distância de maneira alguma e outros só veem a possibilidade de mediação a distância de forma virtual. Dos 53 respondentes que acham possível tal realização, algumas respostas se destacam: “Sim, assim como os PETs impressos são enviados aos alunos sem conexão com a Internet, livros também podem ser enviados” (RESPOSTA FORMULÁRIO2).

Sim. As Caixas Literárias Viajantes foram uma grande opção. São 18 famílias que participam desse projeto que acontece todo mês. É uma espécie de ciranda literária. Cada pessoa recebe e leva uma caixa para alguém todos os meses. Os livros são diversos. A maioria são infantis, mas contempla para todas as faixas etárias (RESPOSTA FORMULÁRIO 17).

Para Granados (2020), é imprescindível que a equipe deste setor estimule continuamente o interesse pela leitura, organizando programas e projetos de promoção da leitura que desenvolvam o prazer de ler para adquirir cultura e conhecimento. Faz-se necessário agir com criatividade, empenho e agilidade. Valendo-se de oportunidades que surgem a todo momento, pensando no usuário-leitor e em como sua formação não deve ser prejudicada por impossibilidade de contato presencial ou valer-se somente das mídias digitais.

3.1.6 Mediador como leitor

Sobre a sua relação pessoal com a leitura, todos os participantes se interessaram pela pergunta. Para auxiliar nas respostas, dei alguns exemplos de tipos de leitura – utilitária, informativa, de fruição. Mas as respostas não precisavam se ater aos exemplos dados. Julga-se necessário conhecer a relação de um mediador com a leitura, pois isso afeta diretamente o seu trabalho na formação do leitor. A grande maioria (60

participantes) alegou se relacionar com os três tipos de leitura dados no exemplo. A leitura de fruição (prazer/lazer) foi escolhida por cinco participantes, leitura informativa (para pesquisas) foi escolhida por quatro participantes e a leitura utilitária (para conhecimentos acerca do dia a dia) foi escolhida por cinco pessoas. Nosso gosto de leitura pode variar, e três respondentes disseram que sua relação com a leitura depende do momento. Mas uma resposta em específico chamou a atenção pelo seu significado na vida do respondente: “É vital, sem ela não existimos, somos o que o outro quer ser. O autoconhecimento começa quando você conhece a voz da sua mente e para isso precisamos de silêncio e leitura” (RESPOSTA FORMULÁRIO 28).

“Você se considera um leitor? Por quê?” Foi uma das perguntas destinadas aos profissionais que atuam na biblioteca escolar e que já se pressupõe que estão cercados de livros e outros materiais de leitura, ou seja, têm de forma privilegiada, acesso indiscriminado à leitura. Todos os participantes responderam a essa questão e somente quatro indicaram não serem leitores, por diversas razões. Aos que responderam “não”, uma resposta chamou a atenção: “Não, gostaria de ter mais tempo, embora seja um ledor” (RESPOSTA FORMULÁRIO 10).

O uso da palavra “ledor” se destacou, pois Perrotti (1999) chama a atenção para a diferenciação entre ledores e leitores, sendo que:

Os primeiros [ledores] seriam os sujeitos que se relacionam apenas mecanicamente com a linguagem, não se preocupando em atuar efetivamente sobre as significações e recriá-las. Os leitores, ao contrário, seriam seres em permanente busca de sentidos e saberes, já que reconhecem a linguagem como possibilidade e precariedade, como presença e ausência ao mesmo tempo (PERROTTI, 1999, p. 32).

Se se consideram leitores, 73 dos 77 respondentes disseram que sim. No entanto, alguns atrelaram essa característica à quantidade de livros lidos em certo período de tempo, parâmetro que vai de acordo com a 5ª edição do Retratos da Leitura no Brasil (2020) – Instituto Pró-livro –, que define como leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, 1 livro nos últimos 3 meses.

No entanto, mais do que a quantidade, se faz necessário exaltar a qualidade da leitura. Mesmo que o usuário-leitor leia poucos livros, a conexão, interpretação e o reconhecimento entre o leitor e o livro é mais preciosa. A leitura que acrescenta, que movimenta e que pode até transformar de acordo com suas vivências, é o que constrói bons leitores.

Outros motivos foram listados como razões pelas quais se consideram leitores: a relação com a profissão, o hábito frequente de leitura; o amor e prazer que sentem, os estudos, ao próprio ato de efetuar mediações, a ressignificações que constroem ao lerem.

Sim, pois a leitura para mim não é vista como uma obrigação, mas como algo que me proporcionar [sic] prazer, diversão, entretenimento, e principalmente que me possibilita uma visão de mundo mais ampla e crítica acerca das coisas que estão ao meu entorno (RESPOSTA FORMULÁRIO 50).

Sim, porque consigo aproveitar a leitura como forma de lazer, de expansão de as minhas percepções da vida e das relações. Não me obrigo a ter metas de leitura, mas aproveito ao máximo o que posso das leituras que desejo. E posso afirmar o quanto elas me modificam (RESPOSTA FORMULÁRIO 65).

Almeida Junior e Bortolin (2009) compreendem que o mediador de leitura tem que ser leitor, pois, ao defender algo como essencial, é necessário que se tenha propriedade e experiência na área dos gêneros textuais, conhecimento a respeito de autores e obras, ler muito e sempre, compartilhar com os usuários-leitores o que está lendo, o que possibilita efetividade na ação de mediar a leitura.

A criança, ou o jovem, que se identifique com uma pessoa que goste de ler, será influenciado favoravelmente, possibilitando o desenvolvimento de sua leitura.

3.1.7 A biblioteca escolar mediante a crise: erros e acertos

O mundo passou por grandes mudanças durante a pandemia da covid-19, em diversas esferas. Mediar a leitura de maneira construtiva e significativa, num período tão adverso, em meio à crise trazida pela onda da infecção do novo coronavírus não é tarefa fácil. As equipes das bibliotecas ao redor do mundo tiveram que agir com criatividade e agilidade para manter seus serviços e demonstrar sua importância na construção de uma sociedade que valoriza a leitura e o que ela pode proporcionar. Indagou-se então, qual(is) o(s) maior(res) desafio(s) em mediar a leitura durante a pandemia da covid-19. Todos os participantes responderam a essa indagação, mesmo que alguns não soubessem descrever as dificuldades ou que não tenham realizado ações de mediação. Os que conseguiram responder de forma clara sobre as dificuldades enfrentadas na mediação de leitura na pandemia, demonstraram diversos percalços: não saber manejar bem aparatos tecnológicos; editar vídeos; manter a atenção do usuário-leitor; aspectos psicológicos e emocionais; higienização constante de livros e demais

materiais; a falta de contato humano (presencial); conseguir atender a todos os públicos da escola; falta de apoio da direção e coordenação da escola; falhas sistêmicas; dificuldade dos alunos em acessar os conteúdos e materiais. Mas nem tudo foi só perrengue e reclamação: “Senti falta do contato físico, mas o clube de leitura *online* superou as expectativas, foi melhor do que os presenciais” (RESPOSTA FORMULÁRIO 47).

Em relação ao usuário-leitor (público-alvo) da biblioteca, também se questionou se tiveram dificuldade em usufruir dos serviços prestados durante a pandemia e em caso positivo, qual(is). Do total de participantes, 67 responderam a essa pergunta, sendo que 94,% dos respondentes disseram que seus usuários não apresentaram dificuldades. Aos que identificaram dificuldades por parte de seus usuários explanaram que foram limitações de caráter tecnológico, como falta de acesso à internet ou aparelho adequado; desatenção e desinteresse dos alunos; demora à adaptação ao formato remoto; aspectos psicológicos e emocionais; falta de supervisão de um adulto... Foi possível perceber em algumas respostas que a dificuldade foi parcial: em relação a um recorte do grupo que atendem, alguns usuários tinham facilidade em um processo da mediação de leitura, mas dificuldade em outras.

Sim, um pouco. Nem todos dispõem de boa internet pra pegar o sinal. Muitos dividem o computador/celular/*tablet* com irmãos e pais não podem acompanhar com facilidade as atividades. Os alunos com condições especiais como TDAH, DOWN e autismo têm dificuldade de concentração com a tela do celular lotada de sinais de zap [*WhatsApp*] entrando e ligações chegando. (RESPOSTA FORMULÁRIO 65).

A biblioteca escolar tem sido importante em diversos aspectos. Segundo Milanesi (1988), a biblioteca é um importante meio de obter e guardar registros para pesquisas e busca de conhecimento. Na escola, a biblioteca escolar é o setor que tem por função organizar, tratar e disseminar as informações, descobertas e avanços que possibilitam a construção do conhecimento, além de contribuir ativamente na formação leitora de crianças e jovens. Quem atua na biblioteca escolar sabe do valor da mesma. Questionou-se aos participantes da pesquisa, qual a importância que os mesmos atribuem à biblioteca escolar durante a pandemia, que trouxe inúmeras transformações. Todos os participantes se interessaram em dar sua contribuição em relação ao questionamento proposto. No total, quatro pessoas responderam de modo desfavorável e desanimador em relação à biblioteca na pandemia ou não responderam de forma satisfatória: “Não sei... Sem resposta” (RESPOSTA FORMULÁRIO 36). “Acho que a

biblioteca precisou ser deixada de lado devido às diversas demandas de reorganização de alun@s e profes” (RESPOSTA FORMULÁRIO 60). A grande maioria, 73 respondentes, atribuiu notabilidade e valor às bibliotecas escolares no período da pandemia, no ano 2021 – ano da aplicação do formulário eletrônico –, reconhecendo também, a importância do seu labor enquanto profissional atuante nesta instituição. Alguns deram até mais exemplos de tarefas que podem ser desempenhadas e que não exigem o encontro presencial:

Estimular a leitura, mostrar que a biblioteca não é somente atendimento no balcão para empréstimos e devoluções...é isso também, claro, mas vai muito além. Mostrar que mesmo com a situação em que estamos passando, a biblioteca continua firme e forte com suas funções, mas de uma forma um pouco diferente, adaptando seus serviços para melhor atender aos usuários. É aí que projetos de leitura entram em ação - eles são possíveis (e devem) ser trabalhados a distância, utilizando novas plataformas. (Falei do empréstimo e devolução - e na biblioteca onde atuo, renovações são feitas por e-mail e pelo *WhatsApp*; cadastros de novos alunos também, e todas as informações sobre empréstimos, horários de funcionamento, renovações *online*, acesso as apostilas digitais, etc. São passadas aos usuários tanto por e-mail quanto pelo *WhatsApp*). Além das readaptações (cadastros, renovações...) e dos projetos de leitura, a biblioteca também deve ofertar informações sobre a pandemia - relacionadas a saúde - vacinas, pesquisas desenvolvidas, etc. - quanto a questão do desemprego, e outras informações. É interessante criar, por exemplo, um boletim semanal ou mensal com informações (este boletim pode ser enviado para o e-mail dos alunos e funcionários da escola). O que estou fazendo na minha biblioteca também é, em algumas datas comemorativas (dia do livro, por exemplo), enviar por e-mail informações sobre a origem e curiosidades da data. Enfim, a biblioteca é/se mantém importante durante a pandemia como um espaço informativo; humanitário e lúdico. (RESPOSTA FORMULÁRIO 1).

A pandemia foi um momento difícil para todos, e vendo a quantidade de *fake news*, informações desenfreadas, a falta de contato deixou todo mundo mal. Ter a biblioteca, mesmo que distante, no cotidiano diferente dos alunos, trouxe um pouco de conforto. Ouvi de muitos alunos que o momento que tinham comigo, ajudavam a relaxar, dava um pouco de folga para os pais (hora da história é a hora do silêncio), eles sabiam que poderiam contar com a ajuda que a biblioteca sempre proporcionou, mesmo que de longe (RESPOSTA FORMULÁRIO 13).

Como já dito, a pandemia trouxe grandes desafios às bibliotecas escolares, mas muitos destes desafios trouxeram oportunidades e geraram ações que não se imaginava que poderiam ser concretizadas antes do distanciamento social. Sabe-se que a biblioteca escolar tem seu valor e importância social e durante a pandemia, muitos profissionais conseguiram comprovar isso.

3.2 A ENTREVISTA: conhecendo as(o) sujeitas(o) da pesquisa

Com o objetivo de aprofundar mais nos saberes construídos em torno das práticas de mediação de leitura, realizadas durante a pandemia da covid-19 nas bibliotecas escolares, tornou-se necessário efetuar entrevistas que pudessem fornecer um subsídio complementar aos questionários aplicados anteriormente. Entrevistaram-se quatro profissionais que responderam ao formulário, sendo dois profissionais que tiveram sucesso nas ações de mediação de leitura e outros dois que não obtiveram resultados satisfatórios.

Para contatar possíveis participantes para a entrevista, enviaram-se *e-mails* a cinco pessoas, identificadas por meio do formulário eletrônico. Essas pessoas foram pré-selecionadas de acordo com suas respostas do formulário, pois o preencheram de forma completa e com bastantes informações, além de serem de distintas regiões do país. Todos os participantes contatados responderam ao *e-mail* fornecendo o número de *WhatsApp* para um melhor desenrolar da conversa, para entender como funcionaria a entrevista. Durante esse processo, uma das possíveis participantes contatadas desistiu de participar da entrevista, não fornecendo um motivo para sua desistência. Os demais concordaram em participar de acordo com sua disponibilidade, resultando em quatro entrevistados.

A modalidade de entrevista escolhida foi a semiestruturada, que permite ao entrevistado fornecer sua posição sobre uma dada realidade. Este tipo de entrevista é flexível, pois apesar de ter um roteiro prévio, abre a possibilidade de perguntas e respostas complementares. O entrevistado e o entrevistador podem ter um diálogo mais dinâmico. Segundo Minayo (2001), a entrevista semiestruturada é uma forma de entrevista na qual o convidado pode discorrer livremente sobre um tema proposto ou uma questão formulada. O roteiro das entrevistas encontra-se no apêndice C.

A primeira entrevista foi realizada com uma profissional, que chamaremos de entrevistada número 1, a qual obteve sucesso nas ações de mediação de leitura, servindo assim, como piloto, no sentido de realizar ajustes ou não à proposta de roteiro. Após o processo de qualificação, seguiu-se para as próximas. A segunda entrevista também foi realizada com um profissional que obteve sucesso em ações de mediação do leitor durante a pandemia da covid-19, que chamaremos de entrevistado número 2.

As duas últimas entrevistas – entrevistada número 3 e número 4 – foram realizadas com profissionais que não obtiveram resultados satisfatórios em ações de mediação de leitura na biblioteca escolar, de acordo com as respostas do formulário eletrônico.

Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas na plataforma *Zoom*. As transcrições foram feitas através da escuta de seus conteúdos sem a utilização de nenhum recurso informatizado.

3.2.1 Perfil das(o) entrevistadas(o)

Como já dito, inicialmente, selecionou-se uma profissional atuante na biblioteca escolar que obteve êxito na mediação de leitura com vistas à formação do leitor. A entrevistada número 1 tem 30 anos, possui graduação em Biblioteconomia e atua há quase cinco anos em biblioteca escolar. Trabalha numa biblioteca de escola estadual que contém somente o Ensino Médio e Técnico. É graduada em Biblioteconomia há sete anos, mas, por aproximadamente dois anos, trabalhou em biblioteca universitária. Declara-se branca e trabalha na cidade de Anápolis, no interior do estado de Goiás, região Centro-oeste do Brasil. Durante a pandemia, criou um Clube de Leitura, que tem como título o nome de uma famosa escritora brasileira – não divulgaremos o nome do Clube de Leitura a fim de preservar a identidade da entrevistada e da instituição. O Clube de Leitura idealizado por ela tem como objetivos: Estimular a leitura, desenvolver o senso crítico, a troca de ideias e opiniões, o enriquecimento cultural, a melhoria da escrita, a ampliação do vocabulário, entre outras tantas vantagens que um Clube de Leitura pode proporcionar.

O entrevistado número 2 tem 41 anos, possui graduação em Biblioteconomia e pós-graduação *lato sensu* em Planejamento e Gestão de Unidades de Informação, trabalha há quase 13 anos em biblioteca escolar e atua em uma instituição federal. Se autodeclara negro e trabalha na cidade de Itapetinga, no interior do estado da Bahia, região Nordeste do Brasil. O participante declara que teve que se reinventar para atender às necessidades dos adolescentes – público atendido na biblioteca em que atua –, principalmente por acreditar que eles têm um forte apreço pela tecnologia. A ideia foi criar um clube do livro em ambiente virtual para atrelar a formação do leitor ao mundo tecnológico. Além do incentivo à leitura e à formação do leitor, o entrevistado se mostrou muito engajado em promover ações de treinamento e competência informacional⁴⁶, com foco na pesquisa. Para ele é imprescindível que a biblioteca seja

⁴⁶ É importante destacar que as ações promovidas na biblioteca escolar durante a pandemia, pelo entrevistado número 2, além dos objetivos voltados para a formação do leitor, visava também aprimorar habilidades direcionadas ao desenvolvimento de uma “competência informacional”. Cabe esclarecer que este conceito é um processo no qual o sujeito aprende a buscar, selecionar e analisar informações de que precisa para a tomada de decisão e produção de conhecimento. O indivíduo aprende a utilizar e se

um local plural que promova aprimoramento, cursos, palestras, com participação de outros profissionais, fazendo com que a biblioteca se estabeleça como um espaço multifuncional e durante a pandemia esse papel da biblioteca tornou-se ainda mais evidente no local em que este profissional atua.

Os entrevistados número 1 e número 2 se mostraram muito solícitos durante a entrevista individual, se empenhando nas respostas. Pareciam orgulhosos de seus feitos e queriam compartilhar as ações realizadas durante a pandemia para incentivar outros profissionais. Com muita presteza, compartilharam ricas informações e materiais que elucidaram aspectos importantes desta pesquisa e fornecendo aspectos visuais aos possíveis leitores desta dissertação.

Para melhor apreciação, há mais informações sobre o material produzido pelos entrevistados 1 e 2 durante as ações de mediação de leitura no Apêndice D deste trabalho.

A entrevistada número 3 tem 36 anos, é graduada em Biblioteconomia, tem pós-graduação *lato sensu* em Gestão de Arquivos e Biblioteca Escolar e atua há 4 anos em biblioteca escolar de uma instituição particular, cujo o público se estende da Educação Infantil ao Ensino Médio. Autodeclara-se negra e trabalha na cidade de São Paulo – SP, Sudeste do país. A bibliotecária selecionava livros com alguma temática que ela achava interessante e vídeos correspondentes ao tema já disponíveis no *YouTube*. As ações foram realizadas durante as aulas *online* em que alguns professores cediam espaço no Google Sala de Aula. Além disso, em parceria com a professora de inglês, promoveu uma exposição *online*. A entrevistada explica que pretendia dar um lugar de destaque à biblioteca, mas que por falta de apoio e por limitações no dia a dia, as ações foram mais simples do que gostaria. Ressalta ainda, que teve muitos bloqueios pessoais acarretados pela pandemia, todas as incertezas trouxeram prejuízos à sua saúde mental, o que influenciou em seu trabalho. Dessa forma, ela considera que as ações de mediação de leitura realizadas por ela, de acordo com suas próprias palavras, “poderiam ter sido melhores” e terem alcançados resultados mais significativos.

A entrevistada número 4 tem 37 anos, é formada em Biblioteconomia e cursa uma especialização em linguagem e formação de leitores. Trabalha há 3 anos em biblioteca escolar de uma instituição particular que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio. Autodeclara-se parda e atua em Boa Vista, no estado de Roraima, região

apropriar de múltiplas fontes de informação disponíveis no acervo da biblioteca nos mais variados suportes. (Granados, 2020).

Norte do Brasil. A participante indica que as ações de mediação de leitura surgiram a partir dos pedidos dos alunos e da direção da escola, não foi uma iniciativa própria. Ela lia clássicos literários (contos de fadas) para os alunos durante as aulas *online* de língua portuguesa, por meio do Google Sala de Aula. No entanto, a bibliotecária explica que se sentiu um pouco coagida a realizar as ações de formação do leitor na biblioteca num período tão difícil da história, pois tudo aconteceu muito rápido e ela não entendia bem aquele cenário. Teve que se adaptar e mudar a sua vida e seu trabalho, mas, no final, avalia que valeu a pena ter certo contato com as crianças, embora, por todas as questões por ela elencadas, as ações de incentivo à leitura não foram tão satisfatórias, de acordo com seus próprios parâmetros.

As entrevistadas número 3 e número 4 tiveram dificuldades decorrentes da pandemia, como a impossibilidade do contato presencial e aspectos pessoais de suas vidas. As duas participantes foram diligentes a responderem aos questionamentos que surgiram durante a entrevista individual. Os depoimentos dos quatro entrevistados mostraram o apogeu da biblioteca escolar em relação à mediação de leitura, utilizando as tecnologias, mas também suas fragilidades, fazendo-nos refletir sobre a função da biblioteca escolar e de seus profissionais.

Como informado anteriormente, optou-se pela entrevista semiestruturada e, no caso desta pesquisa, as entrevistas foram individuais, que é uma técnica de produção de dados bastante usual em pesquisas acadêmicas em Ciências Humanas.

Na abordagem qualitativa, a entrevista individual se refere a uma interação que se dá, em determinado contexto, entre duas pessoas – o entrevistador e o entrevistado – e que, de algum modo, é semidirigida, ou semiestruturada pelo primeiro (GASKELL, 2004).

Mas nem sempre se dá suficiente atenção aos efeitos que essa técnica pode causar na relação entre seus participantes. Esses efeitos, de acordo com Bourdieu⁴⁷(1999) *apud* Lopes e Cordeiro (2011), geram, quase sempre, uma “comunicação violenta”, exercida como um mecanismo de censura que impede entrevistadores e entrevistados de dizer certas coisas e os incitam a acentuar ou atenuar outras.

Nesta pesquisa, houve a percepção de que alguns dos entrevistados amenizaram as respostas dadas anteriormente no formulário eletrônico. No caso das entrevistadas número 3 e número 4, em suas respostas e percepções no formulário eletrônico, foram

⁴⁷ BOURDIEU, P. A. **Miséria do Mundo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

enfáticas em dizer que as ações de mediação de leitura empreendidas durante a pandemia, na biblioteca escolar, não haviam sido bem-sucedidas. Entretanto, durante a entrevista, por razões que não é possível afirmar com autoridade, as participantes atenuaram situações e indicaram ações em torno da formação do leitor que foram eficazes em certa medida.

O fato é que não se pode reconhecer com certeza se as entrevistadas tiveram percepções diferentes, em momentos diferentes – durante as respostas no formulário e durante a entrevista individual – em que, ao se depararem com as perguntas semiestruturadas da entrevista e seus desdobramentos, encararam as práticas de mediação de forma distinta ao percebido anteriormente ou se a postura da entrevistadora e/ou outros elementos, durante a entrevista as levou a mudar as respostas, no intuito de exaltar seu trabalho e “esconder imperfeições”.

Como dito anteriormente, as entrevistadas 3 e 4 não compartilharam nenhum material.

3.2.2 Conhecendo as ações de mediação de leitura dos participantes

Como dito, a entrevistada número 1 e o entrevistado número 2 demonstraram grande interesse em colaborar com a entrevista, empenhando-se nas respostas e no fornecimento de materiais adicionais que corroboram para muitas elucidações desta pesquisa. As entrevistadas número 3 e número 4 também demonstraram comprometimento durante as respostas, mas não forneceram materiais adicionais como fotos, panfletos, etc.

Pensando na importância da leitura e da formação do leitor no âmbito da biblioteca escolar, a entrevistada número 1 acredita que o espaço da biblioteca é indispensável para a formação do leitor. Para a participante não há como se formar um bom aluno, um bom cidadão, que pensa, que reflete, se ele não for leitor e se ele não tiver acesso aos livros, se não tiver o questionamento e não conhecer mais sobre si mesmo, sobre outras culturas e outros povos por meio dos livros. Ela acredita que tudo isso é muito difícil e complementa:

Mas a gente [da biblioteca] depende muito dos professores. Infelizmente tem professor que não traz muito o aluno na biblioteca, não incentiva muito a leitura. Tem outros que trazem a turma nova aqui, fala para fazer o cadastro, mas assim, acho que é um espaço indispensável, dos principais espaços da escola e dá pra trabalhar muita coisa junto com os alunos e com os professores. (ENTREVISTADA NÚMERO 1).

Pôde-se concluir que a bibliotecária acredita no potencial da biblioteca escolar em relação à formação do leitor, mas atribui esta tarefa à parceria bibliotecário (e toda a equipe) com o professor. Muitos estudiosos acreditam no sucesso da colaboração bibliotecário x professor e aqui, vale citar Silva (2003):

[...] cabe a esses dois profissionais — professor e bibliotecário — ler e fazer ler. Repetindo: cabe ler e fazer ler. Isso quer dizer que, para abraçar qualquer dessas duas profissões, o sujeito tem que ser leitor, encarnando em si as práticas de leitura como um valor absoluto e, por ter que fazer ler, tem que projetar e inculcar esse valor em todos os membros da sua comunidade através de projetos, programas e ações. [...] Quando os dois (professor e bibliotecário), atuando junto, construirão boas estradas para que o leitor efetivamente dialogue assiduamente com esse “mestre dos mestres” [livro], ou seja, com aquele que por si só ensina sem a intermediação de mais ninguém, então resultará desse processo a inserção da criança e do jovem num outro patamar sócio educacional, qual seja o patamar da independência e autonomia em leitura (SILVA, 2003, p. 92).

Quando questionados sobre como surgiu a ideia de fazer as mediações de leitura remotamente durante a pandemia da covid-19, a entrevistada número 1 explicou que já tinha a ideia de fazer um Clube de Leitura mesmo antes da pandemia, mas de forma presencial. Ela relata:

Mas o projeto presencial não foi prá [sic] frente devido à falta de tempo. Aí com a pandemia como reduziu muito as atividades, porque não dava prá [sic] ficar vindo aqui pra poder trabalhar, então diminuiu muito a quantidade de coisas a serem feitas e deu pra colocar [o projeto] em prática. A professora de português aqui é muito legal, ela gosta muito desses projetos. Então conversei com um superior, pedi o apoio total dele, conversei com a professora também, ela estimulou muito os alunos a participarem e foi assim que surgiu. (ENTREVISTADA NÚMERO 1).

O entrevistado número 2 acreditava que era importante continuar trabalhando e mostrando a importância da biblioteca, da leitura e do acesso informacional. Sendo assim, propôs, juntamente com sua equipe, um apanhado de ações promovidas pela biblioteca no ambiente virtual. A primeira ação foi a criação de um Clube do Livro, com a proposta de trabalhar por temáticas. Sugeria-se uma temática para discutir e, em seguida, selecionavam-se livros pertinentes a esta. Uma votação era proposta para escolha da obra e, após a seleção, todos faziam a leitura do livro. O encontro para discutir sobre obra e a temática era via *Google Meet*, sempre na última sexta-feira de cada mês. O mediador conduzia a discussão da obra apontando os pontos mais destacáveis percebidos pelos leitores. Às vezes traziam um convidado de fora para

mediar o debate acerca do livro, dependendo da temática. O entrevistado citou como exemplo a participação de um professor de filosofia.

Na mesma biblioteca, durante a pandemia, também aconteceu a semana do livro e da biblioteca, no mês de outubro. Promoveu-se uma palestra abordando a temática relacionada à *Fake News* em tempos de pandemia, além da oferta de curso e capacitação. O entrevistado número 2 explica:

A disseminação de informações falsas prejudica a população, pois muitos não pesquisam a fundo, acreditam no que falam, no que é divulgado em massa, principalmente nas redes sociais, o que gera credibilidade. Aí teve a palestra para incentivar o combate a *Fake News* e promover a importância de pesquisar a questão da confiabilidade da fonte, ver quem e o quê [sic] está por trás daquela notícia. Também teve capacitação em normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) com um minicurso de 3 horas de duração. O vídeo foi compartilhado no *YouTube* e teve mais de 200 visualizações. Essa ação alcançou muita gente por ficar disponível na internet com livre acesso. (ENTREVISTADO NÚMERO 2).

Observa-se, nesta experiência, que as mudanças acarretadas pelas medidas de segurança adotadas durante a pandemia da covid-19, com a inserção de atividades remotas, geraram oportunidades e grande alcance de usuários, que não eram possíveis ou inviáveis no formato presencial.

Como dito, os entrevistados número 1 e número 2 promoveram um Clube do Livro – ou de Leitura – virtual, algo que se tornou popular durante o período da pandemia⁴⁸, pois pôde estreitar a relação entre os leitores num momento tão peculiar, deixando o ato de ler menos solitário ao compartilhar a leitura com outras pessoas, mesmo a longas distâncias. O ambiente virtual de aprendizagem foi encarado por alguns como um lugar cansativo devido às horas à frente das telas. Todavia, os Clubes de Leitura puderam diversificar as atividades e apresentar textos da literatura de maneira mais lúdica. Além disso, as obras promoveram reflexões sobre a sociedade, sobre o comportamento humano, os papéis sociais, as mudanças históricas, etc. A discussão promovida nos Clubes de Leitura convidou seus participantes a utilizarem a leitura da palavra para interpretar e refletir sobre a leitura do mundo que nos cerca, inclusive sobre o período pandêmico que vivemos.

A entrevistada número 3 informou que a ideia de fazer as mediações de leitura remotamente durante a pandemia surgiu em conversa com a coordenação do colégio,

⁴⁸ AQUINO, N. R. M.; LIMA, E. K. V.; SANTOS, A. da S.; OLIVEIRA, M. M. do N., SOUZA, L. M. de. Clube da leitura virtual: relato de uma experiência interdisciplinar para desenvolvimento da leitura na escola pública. **Revista Tecnologias Educacionais Em Rede (ReTER)**, 2(2), e15/01–13.

para que os alunos não perdessem contato com a biblioteca. De acordo com a entrevistada, as ações foram realizadas da seguinte maneira:

Trabalhei da forma mais simples possível: selecionava livros do acervo com alguma temática interessante e vídeos correspondentes já disponíveis no *Youtube*. Após a leitura e apresentação do vídeo, deixava os alunos livres para questionamentos e ideias que poderiam surgir. Um dos temas foi a reciclagem. Em parceria com a professora de Inglês, criamos uma exposição *online*, com figuras, textos e vídeos de um mundo sustentável. Fazia a interação com eles durante aulas online no *Classroom*. (ENTREVISTADA NÚMERO 3).

Embora a escola em que a entrevistada número 3 trabalha tenha alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio, as ações foram realizadas com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois a proposta surgiu da coordenação deste segmento.

A entrevistada número 4 relata que as ações de mediação de leitura aconteciam durante as aulas remotas, junto à aula da professora de Língua Portuguesa, a pedido dos próprios alunos dos anos iniciais. A entrevistada expressa que:

Mesmo sendo complicado, já no ambiente normal de aula, juntar quem realmente tem o prazer de estar na biblioteca, fiquei bem contente que eles próprios vieram atrás de colocar isso dentro de suas aulas remotas. Nesse sentido eu deixava eles bem à vontade, eles escolhiam o que tínhamos como obra de leitura (...) deixava eles mesmo [sic] soltarem a imaginação, como seria o ponto de vista deles sobre a história lida. (ENTREVISTADA NÚMERO 4).

Foi solicitado a ela que detalhasse melhor sobre qual foi seu papel durante as ações. Ela relatou que propunha algumas opções de títulos literários e os alunos escolhiam algum livro dentre os títulos propostos. A bibliotecária lia para eles histórias clássicas de contos de fadas, muito conhecidas, como “Branca de Neve”, e deixava que eles falassem o que entendiam sobre a narrativa. Questionei o porquê propor que os alunos escolhessem estes clássicos literários e a mesma disse que, como eram amplamente divulgados, ficaria mais fácil de os alunos já conhecerem e ter algo para partilhar durante a ação de mediação de leitura, que acontecia na aula *online*, uma vez por semana. Segundo a entrevistada, as ações duraram pouco tempo, mas ela não soube dizer quantas semanas.

Um ponto interessante é que todos os entrevistados indicaram que houve a participação, ainda que indiretamente, de professores em algumas das ações de mediação. Seja convidando um professor para abordar sobre um tema em específico com relação ao livro selecionado para a prática mediadora, seja em uma parceria direta

para elaboração de atividades relacionando o livro com alguma temática, escolhida, ou até mesmo utilizando o horário da aula do docente para efetuar as ações de mediação de leitura. Isto demonstra que a biblioteca escolar está, também, vinculada à área de Educação. O corpo docente da escola é um grande parceiro da equipe da biblioteca escolar, unindo forças para promover de forma eficaz a mediação de leitura com objetivos à formação do leitor, além do aprendizado do aluno.

Fonseca e Spudeit (2016) afirmam que a parceria entre professores e bibliotecários nas escolas deve ser vista como algo de essencial importância, pois, a partir do trabalho em conjunto, subsidiados pelas tecnologias e recursos atuais, será possível propiciar condições favoráveis para o estudante e sua formação, possibilitando o acesso às informações relevantes e pertinentes sobre o mundo e a sociedade, vistos sob pontos de vista crítico e reflexivo.

Durante a entrevista, questionou-se a faixa-etária e se há alguma predominância no sexo dos usuários-leitores da biblioteca. A entrevistada número 1 explicou que atende adolescentes, a partir dos 15 anos, que estão cursando o ensino médio e cursos profissionalizantes e técnicos. Em relação à predominância de algum sexo, predomina-se do sexo masculino, tanto para as atividades remotas quanto para as atividades presenciais. O entrevistado número 2 recebe usuários entre 14 anos e 18 anos no Ensino Fundamental e Médio Integrado. Neste caso, predomina-se o público feminino.

No caso das entrevistas número 3 e 4, ambas trabalham com o público da Educação Infantil (a partir dos 2 anos) ao Ensino Médio (18 anos) e não há uma predominância de sexo.

Efetuar a mediação de leitura para públicos de idades distintas e realidades diferentes exige do mediador um grande conhecimento do seu público-alvo para possíveis adaptações. No caso desta pesquisa, as ações de incentivo à leitura tiveram mais sucesso e foram bem-sucedidas com o público jovem/adulto, que conseguiu, de certa forma, compreender com mais facilidade as mudanças trazidas pela pandemia e o distanciamento social e tentaram, da melhor forma possível, levar uma vida “normal”, adaptando-se – ou pelo menos se esforçando – melhor às atividades nas telas, inclusive, ações de leitura. A presente pesquisa não tem por objetivo adentrar neste viés, mas acredita-se que, para as crianças, entender mudanças tão bruscas, e ter que se adaptar a fazer coisas corriqueiras por meio de uma tela, tenha sido mais difícil; e participar de ações de mediação de leitura se enquadra neste caso. Este cenário pode ter influenciado os dados revelados pelos entrevistados.

Dando prosseguimento, os entrevistados discorreram sobre as ferramentas utilizadas para colocar em prática as estratégias de mediação mais usadas neste período de ensino a partir da biblioteca. No caso da entrevistada número 1, grande parte do trabalho foi realizado pelo aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, mas também se utilizou o e-mail, por meio dos quais enviava os livros aos alunos e algumas considerações iniciais como: informações básicas sobre o autor, sobre a obra, etc.

A entrevistada número 1 sugeriu, também, o *Telegram*⁴⁹, mas como funcionou bem com o *WhatsApp*, manteve-o, pois todos os interessados já o utilizavam e ele permitia um debate bem legal entre os participantes do Clube de Leitura, com troca de áudios, imagens, arquivos, etc. Nas palavras da entrevistada, “a gente consegue tudo pelo zap [*WhatsApp*]”.

Corroborando com esta afirmação, Souza (2020) disserta:

Não é incomum perceber comunidades escolares utilizando “naturalmente” o *WhatsApp* como dispositivo pedagógico e/ou administrativos em diversas escolas. Isso pode ser explicado por alguns aspectos, dentre eles, o potencial de usabilidade em diversos modelos de *smartphones* – mesmo aqueles de tecnologia mais simples; sua elevada popularidade – sobretudo, entre os adolescentes; disponibilização de *download* gratuito; uso gratuito ofertado por diversas operadoras de celular; uso intuitivo e de fácil compreensão; possibilidade não limitada de troca de mensagens, imagens, vídeos, documentos e áudios, instantaneamente etc. (SOUZA, 2020, p. 3).

Os participantes faziam considerações sobre a obra lida no *WhatsApp* e trocavam no grupo de Clube de Leitura. No Apêndice D é possível vislumbrar algumas análises, realizadas pelos usuários-leitores, dos livros indicados.

Os entrevistados número 1, número 2 e número 3 utilizaram também o *YouTube*. A primeira entrevistada postou um vídeo explicativo sobre como funcionaria o Clube de Leitura, ela acreditava que o vídeo deixaria os interessados com menos dúvidas. Já o segundo entrevistado promovia ações de formação do leitor na plataforma *Google Meet* e posteriormente, postava no *YouTube* todas as ações que foram gravadas para ter um alcance maior, além de promover cursos e capacitações pela plataforma de vídeo. A terceira entrevistada enviava aos alunos vídeos que já estavam disponíveis no *YouTube* e que tinha relação com a temática trabalhada nos livros propostos.

A terceira e a quarta entrevistadas utilizavam o *Google Sala de Aula* (*Classroom*). A entrevistada número 3 lia os livros que ela selecionava durante a aula

⁴⁹ O *Telegram* é um aplicativo de troca de mensagens que pode ser usado em celulares, *tablets* ou computadores.

online e enviava um vídeo pela mesma plataforma. Já a entrevistada número 4 utilizava o Google Sala de Aula para interagir com os alunos e ler a obra escolhida pelos alunos – após a bibliotecária indicar algumas opções de histórias. No caso das duas entrevistadas, esta ferramenta foi escolhida porque já era utilizada pela escola durante as aulas remotas. As entrevistadas “entravam” na aula em um horário previamente combinado com a professora e realizavam a ação.

Todos os entrevistados conseguiram manejar ferramentas gratuitas, disponíveis e acessíveis a uma grande parte da população, para realizar ações de mediação de leitura com incentivo à formação do leitor. Esses feitos são de grande importância para o avanço da biblioteca escolar no Brasil, que se acredita que não será mais a mesma no pós-pandemia.

Quando questionados sobre os maiores desafios enfrentados para a execução destes trabalhos, a entrevistada número 1 acredita que o maior desafio foi o desinteresse de muitos alunos. Ela afirma que muitos se interessaram, mas, em suas palavras, aqueles que são “ratinhos de biblioteca” – leitores e frequentadores assíduos do espaço da biblioteca. Ela ponderou que foi desafiante estimular os discentes que não têm tanto o hábito da leitura.

Como a entrevista é semiestruturada, possibilitando novos questionamentos, perguntou-se sobre os desafios enfrentados na execução das atividades de mediação no remoto, com alunos que não têm o hábito da leitura. A entrevistada ponderou que a dificuldade com este perfil de aluno é similar ao presencial, o que nos leva a inferir que este perfil demanda especial atenção, tanto no remoto quanto no presencial.

Para a entrevistada número 4, as dificuldades foram semelhantes: para ela era difícil prender a atenção dos alunos, diminuir a “falação fora de hora”, pois muitos não queriam falar sobre o livro, mas sim sobre outros assuntos. Para o entrevistado número 2, o maior desafio foi dominar as plataformas digitais:

Tivemos [a equipe da biblioteca] que estudar, reaprender como utilizar as plataformas para trazer e transformar em ferramenta de trabalho. Era complicado conhecer as funções, cadastrar participantes e palestrantes. Tinha que preocupar com a qualidade audiovisual, com a divulgação. Aprender uma nova forma de trabalhar foi desafiador, para chegar ao nosso usuário. O grande desafio foi operar essas ferramentas, pois até então não a utilizávamos, tudo era feito de forma presencial, em que o aluno procurava e demandava. Mas foi uma experiência exitosa que permitiu a troca com outros profissionais de diversas áreas, por meio dessas plataformas, para contribuir para a formação de nossos alunos e o incentivo à leitura. (ENTREVISTADO NÚMERO 2).

A fala dele vai ao encontro das abordagens de alguns estudos, como o de Santos e Fernandes Neto (2021). Os autores afirmam que nas instituições de ensino, com a mudança de rotina acarretada pela covid-19, os profissionais da educação começaram a ter muitas dificuldades com o uso das tecnologias, pois a inovação nos meios educacionais foi implantada de maneira muito rápida, deixando os professores e demais profissionais sem tempo para se especializar nesta nova modalidade de “ensino remoto”.

A dificuldade enfrentada pela entrevistada número 3 nesse período também tem relação com o uso das plataformas digitais, pois teve que dispor de um tempo maior para preparar as atividades. Outro desafio foi lidar com as expectativas dos usuários, alguns não achavam interessante ou não identificavam que a proposta tinha um viés pedagógico. Em sua percepção, muitos pensam que a bibliotecária "tem que contar histórias e ler livros". Isso a desanimou, e as atividades duraram menos de três meses.

A sua percepção é de que muitos veem a biblioteca escolar como um local simplesmente para guardar o livro e ler histórias, é que algo já foi abordado na literatura. Em seu trabalho, Rosa (2011) reconhece a biblioteca escolar no que se refere à importância de seus projetos de leitura. Sua pesquisa foi feita em escolas públicas, nas quais o trabalho era realizado por professores e não contava com bibliotecários. A autora reconhece a importância do trabalho destes profissionais e apontou dificuldades no tratamento da informação por não contar com a ajuda destes. É notória a condição instituída no cenário escolar da biblioteca e aos profissionais responsáveis por elas como leitores e isso é importante. Mas é sabido que o papel da biblioteca não se limita ao processo de leitura e não se deve abrir mão dele, mas deve ir além, estabelecendo na biblioteca escolar uma importante função pedagógica atrelada ao ensino-aprendizagem.

Questionou-se se a entrevistada não pensou em persistir e levar as ações adiante, tentando cativar o interesse dos alunos. Ela ficou uns segundos em silêncio e parecia refletir. Ponderou que, no período, já tinha muitos desafios trazidos pela pandemia, muito cansaço, muitas cobranças. Ademais, relatou não estar bem naquele período e tudo isso influenciou para que ela não prosseguisse com as atividades.

Diferentemente, na escola do entrevistado número 2, houve o apoio da coordenação pedagógica para a realização do trabalho. Seus superiores ofertaram grande suporte:

Teve muito apoio da coordenação porque o aluno teve que buscar informação na biblioteca digital/virtual. Aí a biblioteca deu treinamento para que pudessem usar também a biblioteca virtual. E os professores e a direção

apoiaram com todos os recursos solicitados. A instituição adquiriu mais uma biblioteca virtual e é um projeto que vai continuar pós-pandemia e tem trazido bons resultados, mesmo de forma tímida, pois ainda está “engatinhando”. (ENTREVISTADO NÚMERO 2).

Já para as entrevistadas número 1, número 3 e número 4, não houve um apoio propriamente dito, entretanto, um aval para realização das atividades. A coordenação deu autonomia para que conduzissem as ações da maneira como achavam melhor. Nas palavras da entrevistada número 1:

O meu superior é muito legal e ele costuma aprovar esses projetos. Mas por outro lado, vou ser bem sincera com você, também um dos motivos pelo qual foi aprovado, foi porque não gerou custo adicional para a escola. Não precisou que nenhum dinheiro saísse do "bolso" [orçamento] de ninguém. Porque pela minha experiência, se fosse um projeto que tivesse custos, dificilmente teria sido aprovado (ENTREVISTADA NÚMERO 1).

Ter o apoio da coordenação/direção da escola faz toda a diferença. A biblioteca precisa ser vista e reconhecida por aqueles que estão na gestão e que podem providenciar ou facilitar compra de equipamentos eletrônicos, livros digitais, mobilizar alunos e toda a comunidade escolar para usufruir dos serviços da biblioteca escolar. O reconhecimento da biblioteca escolar, por parte da equipe da escola, traz afirmação e pertencimento.

Se os usuários procuravam os serviços da biblioteca por conta própria ou para cumprir alguma atividade escolar, todos os entrevistados informaram que os usuários os procuram tanto por conta própria, quanto para cumprir alguma atividade escolar. Muitos vão à busca de livros literários que não estavam relacionados a alguma disciplina ou apostila, artigo ou norma para complementar o conteúdo ministrado em sala de aula, mesmo que o professor não tenha solicitado.

Sobre o engajamento dos usuários em relação às atividades propostas, as respostas foram diversas. Os entrevistados número 1 e número 2 garantiram que o resultado foi satisfatório, mas não a ponto de massificar o uso, pois ainda é preciso muita adaptação e costume ao uso das plataformas digitais por parte do usuário para estudo e leitura.

A entrevistada número 3, que, apesar de sinalizar, de acordo com as respostas do formulário eletrônico, que não teve sucesso na mediação de leitura durante a pandemia, na entrevista, ao refletir, avaliou o engajamento de forma positiva. Segundo ela, teve 80% de adesão nas atividades, mesmo que por pouco tempo. Muitos sentiram falta dos

empréstimos, que foi suspenso neste período pandêmico. Em suas palavras: “diante do ‘que deu para fazer’, ao final, ‘foi positivo’”.

Já a entrevistada número 4 declara que não teve sucesso. Em suas palavras: “de início tudo é muito empolgante, há bastante engajamento, mas com o tempo vai esfriando, começamos com cinco turmas, terminamos com uma. Poderia ter sido melhor”. (ENTREVISTADA NÚMERO 4).

Quando questionados sobre os efeitos das ações implementadas, nesse período, para os usuários, as respostas foram diversas. A entrevistada número 1 acredita que as ações foram muito positivas e fez toda a diferença para os usuários-leitores que participaram ativamente das ações, principalmente no Clube de Leitura, que, nas palavras da entrevistada, “gerou discussões incríveis! ”. O entrevistado número 2 se mostrou muito empolgado e dissertou:

Acredito que é algo que veio para ficar, essa nova forma de trabalhar, essa outra forma de disseminar. Uma vez que a gente ainda não tem previsão de retorno da modalidade totalmente presencial. Acredito que mesmo depois de passar a pandemia, vamos trabalhar de forma híbrida. Porque acaba diminuindo a barreira geográfica alcançando um maior número de pessoas sem que ela esteja presente naquele mesmo espaço. Algo que virá a contribuir muito, principalmente na questão de formação para o usuário e incentivo à leitura. Por que às vezes queremos promover um treinamento na biblioteca para o aluno estar utilizando os recursos de pesquisa ou serviços ou um bate-papo sobre um livro ou temática e nem todos têm disponibilidade de estar presente no espaço [da biblioteca] no momento. Muitas vezes quando você oferece alguma atividade, esta atividade ocorre de forma concomitante com as aulas e o aluno teria que optar pela aula do professor ou ir à biblioteca para adquirir este conhecimento, para se tornar um usuário fluente da informação com mais facilidade, com um olhar mais crítico, perspicaz. Então acredito que é algo que veio para ficar e contribuir. Vamos trabalhar das duas formas, acho produtivo e positivo que essas duas formas convivam de forma harmoniosa. (ENTREVISTADO NÚMERO 2).

Vale ressaltar que neste momento da entrevista, no estado da Bahia, local de atuação do entrevistado número 2, as instituições de ensino ainda não haviam retomado suas atividades de forma presencial e nem semipresencial.

As entrevistadas número 3 e número 4 não foram tão otimistas. As duas, apesar de algumas tentativas, não se adaptaram à nova forma de promover o acesso à informação e o incentivo à leitura. A entrevistada número 4 garante que pretende continuar lendo histórias para os usuários-leitores, mas no espaço da biblioteca e de forma presencial. Já a entrevistada número 3 diz:

Apesar dos nossos esforços para recuperar e não perder tanto o foco na aprendizagem e na formação do leitor, sinto que a maioria dos alunos, não se

deu bem com as ações propostas, porque fugia do que estavam acostumados e demoraram para se adequar. Quando se adequaram, retornamos ao presencial. Notei que os alunos exigiam atenção além das atividades, e tinham muitos problemas de concentração e entendimento. (ENTREVISTADA NÚMERO 3).

Até o momento da entrevista, no estado de São Paulo, local de atuação da entrevistada número 3, as instituições de ensino já haviam retomado suas atividades de forma presencial ou semipresencial (com rodízio⁵⁰).

Se pretendem continuar com as ações de formação do leitor de maneira *online* ou híbrida após o término da pandemia, as respostas foram diversas. A entrevistada número 1 explicou que o projeto se encerrou após o retorno das aulas presenciais:

Encerramos o projeto e tivemos a leitura de três livros, foi bom enquanto durou (risos). Mas eu pretendo retomar mais para frente, com um tipo de ação assim, um clube de leitura mesmo. Mas quero uma coisa presencial que desse para a gente se ver, olhar na cara do outro, pudesse se reunir, fazer um café.... Seria muito legal, eu adoro fazer algo assim. Mas por enquanto não, porque agora que retornou o presencial, retornou com tudo e estou muito atarefada. Não tenho tempo de pensar nesse tipo de ação por enquanto, mas pretendo mais para frente. (ENTREVISTADA NÚMERO 1).

Ela completou ainda que “voltou com a rotina normal anterior à pandemia”, mas além disso, também tem que higienizar muitos livros, cobrar livros perdidos, etc. Menciona que o serviço administrativo da biblioteca está consumindo muito tempo, contudo, ainda envia e-mail com sugestões de leitura, curiosidades sobre datas comemorativas e que os alunos e docentes estão utilizando o espaço. Ou seja, de certa forma, ainda acontecem algumas ações de incentivo à leitura de forma híbrida.

A entrevistada número 3 informa que até o momento a escola que atua aderiu o formato híbrido⁵¹, pois alguns alunos têm laudo que não lhes permitem o retorno ao presencial, então, estes alunos e aqueles que não puderam, ou optaram, por não retornar ao modo presencial, continuam tendo atividades remotas. Para os discentes que comparecem presencialmente, as aulas têm ocorrido em sala de aula e, por enquanto, os alunos não têm frequentado a biblioteca. A bibliotecária tem feito outros serviços internos, como catalogar, organizar o acervo, etc. Mas, quando todos retornarem de forma presencial, seu objetivo é continuar as atividades de incentivo à leitura no espaço da biblioteca. O discurso da entrevistada número 4 foi parecido. Em suas palavras:

⁵⁰ Sistema em que parte dos alunos frequenta a escola de forma presencial e os outros fazem as lições em casa.

⁵¹ Metodologia que combina a aprendizagem presencial e remota.

No momento ainda não pensei em continuar, pois estou montando novamente a biblioteca, que foi desativada e desmontada durante o período mais rígido da pandemia. Tem muitos livros que ainda não tinham sido trabalhados e hoje quero fazer isso de forma presencial, quando for possível (ENTREVISTADA NÚMERO 4).

O entrevistado número 2 garantiu que, se depender dele, continuará as atividades de forma híbrida, pois entende que trouxe muitos benefícios. Ele disserta:

Tem muito a contribuir na formação do leitor e entre os profissionais, porque compartilha mais experiências, diminuirá as barreiras depois dessa pandemia. A troca já tem sido mais constante. Na instituição em que eu trabalho somos 17 bibliotecas e os responsáveis por cada uma não trabalha mais de forma isolada. A atividade que um colega faz na biblioteca de outro campus pode ser acessada por um aluno do meu campus, mesmo estando em cidades diferentes. Antes de trabalhar de forma remota, não era possível essa integração porque as atividades eram presenciais e cada biblioteca seguia seu modelo. Hoje, trabalhando de forma remota, utilizando as redes sociais, *YouTube*, *Google Meet* e outras plataformas aí, nós conseguimos quebrar essas barreiras geográficas e dar novas possibilidades de aprendizagem e incentivo à leitura por meio dessas plataformas, então acredito que é algo que nós vamos continuar, sim, principalmente no que depender de mim e com certeza a análise que nós temos, enquanto bibliotecários da instituição, é que isso contribuiu para a formação e aproximação da biblioteca com seus usuários. (ENTREVISTADO NÚMERO 2).

Coadunando com o pensamento do entrevistado número 2, Curti e Wellichan (2021) dissertam que para aproveitar o espaço aberto pelas ferramentas tecnológicas na pandemia, bibliotecários de várias localidades aderiram às conversas *online*, com sugestões de leituras, resenhas de livros, dicas de pesquisa, etc. As autoras acreditam que tais ações desenvolvidas no período pandêmico com uso da tecnologia também deve ser uma prática a ser adotada no período pós-pandemia, devido à praticidade de troca e compartilhamento de informações.

Se os profissionais atuantes na biblioteca escolar se empenharem e agirem com criatividade, será sim possível valer-se dos recursos que foram utilizados durante a pandemia, fazendo do espaço da biblioteca um local tecnológico, possibilitando o alcance a mais usuários e facilitando diferentes maneiras de efetuar a mediação de leitura.

Sobre a preferência por algum tipo de obra, a entrevistada número 1 demonstrou espanto, pois, em suas palavras:

Por incrível que pareça e isso foi surpresa para mim também, os usuários têm preferido livros de autoajuda. Atualmente [período em que retomou-se as atividades presenciais] eles têm procurado muitos livros sobre depressão, ansiedade, livros do psiquiatra Augusto Cury, livros similares, neste estilo de autoajuda mesmo (ENTREVISTADA NÚMERO 1).

Arguiu-se sobre os motivos dessa procura causar surpresa e, após um momento de reflexão, a participante disse que este tipo de livro não saía muito antes da pandemia, mas não soube responder o motivo do aumento do empréstimo. Apesar de a entrevistada não ter uma explicação muito clara sobre a crescente busca pelos livros de autoajuda, sabemos que, em decorrência do isolamento social e da pandemia, muitos se viram diante da necessidade de cuidar da mente, acalmar angústias que surgiram em detrimento do período⁵².

Já o entrevistado número 2 trouxe outra perspectiva interessante:

O que a gente percebe quando se fala de leitura é que há um maior envolvimento por obras mais curtas, o quantitativo de páginas influencia. Mas quanto mais a gente traz uma leitura mais voltada para a realidade deles (o contexto) a participação, o entendimento a opinião é maior. Então, quando se fala mais de aspectos do cotidiano e se traz uma análise de contos ou poesia, por exemplo, a gente percebe que há um envolvimento maior, uma maior participação. Quando fala em romances, uma história mais longa, com mais personagens, um pouco mais extensa, não tem tanto envolvimento, não tem essa participação mais ampla, exceto em casos que a leitura traga algo de similar à realidade deles. Por exemplo, quando eu trabalhei a obra do “Falcão: meninos do tráfico” que fala dos meninos do tráfico, mesmo sendo mais extensa, tendo um enredo mais complexo, mas é algo que faz parte da realidade deles, então houve uma participação muito maior, muita troca, muita interferência. (ENTREVISTADO NÚMERO 2).

Isso corrobora com o pensador Paulo Freire (2009). A leitura pode fazer parte da vida das pessoas, sendo apresentada de uma forma ampla, sobretudo aprender a ler o mundo e compreender o significado das coisas. Paulo Freire afirma que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2009), com isto, quer dizer que apoiar na realidade vivida do indivíduo é a base para qualquer construção de conhecimento, é a base para debates com consistência e participação plena.

As entrevistadas número 3 e número 4 foram mais sucintas. Citaram a literatura infantojuvenil e brasileira, clássicos (contos de fadas) e o famoso livro juvenil “Diário de um banana”, do autor Jeff Kinney.

A variedade nas respostas nos faz perceber a importância de ter um acervo atualizado e diversificado, adequado para atender às necessidades do usuário-leitor da biblioteca.

Perguntou-se qual o maior ensinamento que a situação de pandemia deixou em termos de formação do leitor. Após uma pausa silenciosa, a entrevistada número 1 respondeu:

⁵²Sant’ana G, Silva CD, Vasconcelos. **Espiritualidade e a pandemia da COVID-19: um estudo bibliográfico**. Com. Ciências Saúde, 2020.

Não foi um ensinamento, mas foi algo que eu senti: questão de pertencimento. Como as pessoas querem pertencer a um grupo, como elas gostam de ter por perto pessoas que têm gosto similar, que gostam de livros, que gostam de leitura.... Aqui, inicialmente, o projeto era só para os alunos que estão fazendo a disciplina de português. Mas eu enviei um e-mail para todo mundo, porque a gente tem uma caixa direta que pega o e-mail de todos, seja estudante, funcionário ou que deixou seu contato na instituição por algum motivo, para saber mais informações sobre algum curso ou algo do tipo, mesmo que nem tenha estudado ou trabalhado aqui. Eu mandei a mensagem sobre o clube de leitura para todo mundo e aí muita gente recebeu esse e-mail. Então, até dona de casas, por exemplo, participaram com a gente do Clube de Leitura, achei isso muito legal, ter gente de fora da escola. E, com essa percepção, é algo que, quando eu retomar o projeto, mais para frente, pretendo fazer não só com os alunos, mas também com a comunidade externa. Eu quero um grupo bem grande, envolver todo mundo, além dos muros da escola, e aí eu achei muito legal essa questão, essa ideia de pertencimento. (ENTREVISTADA NÚMERO 1).

A reflexão trazida pela entrevistada número 1 expõe a importância da biblioteca escolar não somente para alunos e professores, mas para toda a comunidade. Para formar uma comunidade leitora, faz-se necessário agir em conjunto, de forma cooperada e integrada com o objetivo de promoção do avanço dos indicadores de proficiência leitora e educacional. Neste sentido, Fontelles (2021) argumenta:

A biblioteca em escola aberta à comunidade é uma estratégia inteligente e necessária, porque garante o contato cotidiano com livros, leitoras(es) e leituras à comunidade escolar ao longo de toda a jornada acadêmica, assegurando sustentabilidade para a constituição de cultura leitora. Ao mesmo tempo oferece oportunidade para que familiares e membros da comunidade local tenham acesso assegurado aos livros e possam, ao mesmo tempo, atuar como parceiros da escola na formação leitora de crianças e jovens e serem, eles mesmos, atendidos por política pública de leitura. Há muitos lugares neste País, mesmo centros urbanos, em que a escola é o único lugar de acesso à cultura e à educação. Uma ação integrada escola/comunidade é uma forma inteligente de viabilizar e agilizar a oferta pública de livros e leituras. (FONTELLES, 2021, *online*).

Propor atividades na biblioteca escolar, de forma remota ou híbrida, pode ser um facilitador para que toda a comunidade possa se envolver, já que facilita o acesso de muitos em atividades de leitura. A capacidade das bibliotecas de promover a leitura depende diretamente da diversidade de serviços que ela dispõe. Seu uso será cada vez mais intenso, quando melhor for a qualidade dos serviços prestados para viabilizar a leitura.

O entrevistado número 2 partilhou suas percepções. Em suas palavras:

Acho que o maior ensinamento na formação do leitor nesse período é que é possível transpor as barreiras. Porque dentro do projeto que nós trabalhamos, por exemplo, teve uma participante que era aluna de instituição federal, mas que não era especificamente aluna nossa. Veio uma leitora do [estado] do

Pará participar das discussões do grupo. Transpor essas barreiras geográficas, permite acessar pontos de vistas bem diferentes que cada leitor traz consigo, de conhecimento, de vivência, uma leitura além daquela que está nos livros. Então, essa interpretação nos permite refletir sobre todo processo de uma maneira mais ampla que não fica, de certa forma, uma leitura alicerçada por uma única visão. Isso colaborou muito para a gente entender esse processo de leitura, essa formação e entender também que o leitor não é uma tábua rasa, ele traz consigo outros conhecimentos que contribui no processo de leitura e na formação desse indivíduo. (ENTREVISTADO NÚMERO 2).

Os apontamentos do entrevistado número 2 indica uma possibilidade real de que a leitura pode ser compartilhada com mais pessoas, além do universo da escola e as novas tecnologias são facilitadoras deste processo.

Retomando o estudo de Gnisci (2019), que retrata o universo dos *booktubers* e as redes de leitores que se formam a partir da comunicação virtual e apontam para uma “tecnossocialidade”, que pode ser definida como a forma que as novas tecnologias promovem a socialização das pessoas.

A autora dá destaque à construção de um leitor, que associa vídeos sobre leitura a checagem de e-mails, respostas de mensagens instantâneas e atualização dos últimos conteúdos de suas redes sociais. O protagonismo de jovens que sugerem obras literárias, que compartilham percepções de leitura e escrevem livros nos propõe importantes reflexões sobre a formação de uma cultura visual contemporânea com grande influência das tecnologias digitais nos cotidianos da pessoa comum.

Além disso, percebe-se que os leitores apontam como estão se relacionando com o que estão lendo a partir dos canais do *YouTube*, gerando uma interação eficaz. Tal perspectiva de conversar com o *booktuber* pelos comentários nos vídeos pode apresentar uma importante aproximação entre o leitor, o livro e outros leitores, aproximação tão marcante historicamente, principalmente devido aos distanciamentos entre eles, seja por questões econômicas, geográficas ou culturais.

A entrevistada número 3 pediu para desabafar, em suas palavras, “colocar para fora”:

Pessoalmente eu tive bloqueio de leitura ano passado e me preocupei em não deixar transparecer aos alunos. Eu não tive opção de *home office*⁵³ e só retornamos às aulas no começo deste ano. Senti uma defasagem enorme, pois ano passado não tiveram contato comigo ou com a biblioteca e este ano o acesso foi limitado para evitar muita circulação. O que mais aprendi foi a ter paciência e a lidar com cada um no seu tempo. (ENTREVISTADA NÚMERO 3).

⁵³ *Home office* ou escritório em casa, também chamado de trabalho remoto, trabalho à distância ou teletrabalho.

A participante número 4 partilhou um aspecto pessoal da sua vida que se relaciona com o profissional. Suas palavras foram:

É até engraçado falar, mas meu maior aprendizado é a paciência. Eu entrei para biblioteca da escola ainda no final da minha gravidez, então entrei de licença maternidade logo no início da pandemia. Fiquei quase 1 ano fora, e só tinha trabalhado em biblioteca escolar, na época da faculdade. Então, foi uma realidade diferente, pois atuei 12 anos na biblioteca universitária que é do mesmo grupo da biblioteca escolar que trabalho hoje. Então o choque de ter que me adequar aos pequenos foi muito abrupto para mim, mas amo crianças, são verdadeiras. Isso me fez querer ajudá-las, oferecer o que elas buscavam. Muitas vezes elas mesmas me passavam segurança. (ENTREVISTADA NÚMERO 4).

A educação em tempos de pandemia da covid-19 tem se tornado um desafio para todos os cidadãos. A privação das relações interpessoais de modo presencial e toda a adequação que precisou ser feita em pouco tempo, afetou grande parte da população em várias esferas: sociais, econômicas, pessoais, biológicas, etc. As falas acima deixaram transparecer as dificuldades e os percalços que pessoas do mundo inteiro enfrentaram e ainda enfrentam.

Segundo estudo recente realizado por Gamonal Limcaoco et al. (2020), na Espanha, Colômbia e Filipinas, com 40 pessoas, observou-se preocupação excessiva com a questão do isolamento social, a privação do contato humano, a drástica mudança de rotina e sobre os riscos de contaminação por meio do covid-19. O estudo de caráter investigativo demonstrou que as dinâmicas de comportamento do ser humano perante a existência do novo coronavírus, relacionadas à saúde mental, também têm indicado o aumento de quadros como ansiedade, estresse, medo, insegurança em diferentes países.

O processo de readequação ainda é árduo, mas de acordo com a fala das entrevistadas, tentando manter a calma e paciência, boas adequações podem gerar boas ações.

Ainda refletindo sobre os ensinamentos que a pandemia deixou em termos de formação do leitor, a entrevistada número 1 dissertou acerca da importância da biblioteca se constituir em um espaço democrático. Acredita que a biblioteca, independentemente de ser uma biblioteca escolar, universitária, etc., ela tem o papel de acolher a todos, de ser uma casa para todo mundo, receber todos os leitores.

Ao final, solicitou-se que os entrevistados partilhassem alguma informação extra ou algum material que tenham produzido durante as práticas de mediação. Os entrevistados número 1 e 2 compartilharam materiais sobre o Clube de Leitura e as

capacitações promovidas e, como já dito, tais materiais encontram-se no Apêndice D desta dissertação.

Para melhor apreciação do perfil dos quatro entrevistados, propõe-se um quadro sintético com os dados mais relevantes dos sujeitos:

QUADRO 5 - Dados mais relevante dos sujeitos da entrevista

Entrevistada número 1	Entrevistado número 2	Entrevistada número 3	Entrevistada número 4
Declarou ter tido sucesso nas ações de mediação de leitura na pandemia.	Declarou ter tido sucesso nas ações de mediação de leitura na pandemia.	Declarou não ter tido sucesso nas ações de mediação de leitura na pandemia.	Declarou não ter tido sucesso nas ações de mediação de leitura na pandemia.
Atua em instituição estadual.	Atua em instituição federal.	Atua em instituição particular.	Atua em instituição particular.
É do Centro-Oeste do Brasil.	É do Nordeste do Brasil.	É do Sudeste do Brasil.	É do Norte do Brasil.
Realizou um Clube de Leitura.	Realizou um Clube do livro, palestras e minicursos.	Realizou leitura de livros e disponibilizou vídeos.	Realizou a leitura de livros.
Público-alvo: adolescentes e adultos	Público-alvo: adolescentes e adultos.	Público-alvo: crianças dos anos iniciais.	Público-alvo: crianças dos anos iniciais.
A mídia mais utilizada foi o WhatsApp.	As mídias mais utilizadas foram <i>Google Meet</i> e <i>Youtube</i> .	As mídias mais utilizadas foram o <i>Google Sala de Aula</i> e o <i>YouTube</i> .	A mídia mais utilizada foi o <i>Google Sala de Aula</i> .
Compartilhou material adicional, disponível no Apêndice D desta dissertação.	Compartilhou material adicional, disponível no Apêndice D desta dissertação.	Não compartilhou nenhum material adicional.	Não compartilhou nenhum material adicional.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos nos formulários e nas entrevistas.

Mesmo que as entrevistadas número 3 e número 4 tenham considerado insatisfatórias as ações realizadas por elas com vistas à formação do leitor, é possível aferir que o que foi feito é válido, utilizando o acervo da biblioteca ou buscando itens disponíveis na internet, como no *YouTube*, por exemplo. O que as participantes deixaram transparecer, foi que a dificuldade em superar a barreira física condicionada ao formato presencial foi maior do que reconhecer as inúmeras possibilidades em se mediar leitura e contribuir para a formação do leitor independentemente do formato.

Os Clubes de Leitura propostos pelos entrevistados número 1 e número 2 foram uma ideia genial e muito bem aplicada neste contexto pandêmico. A leitura é algo prazeroso, mas, muitas vezes, pode se tornar um ato solitário, sobretudo na pandemia em que o isolamento social se fez necessário. A mediação de leitura por meio do clube de livro, demonstrou-se benéfica e possível de ser realizada no cenário presencial ou remoto, contribuindo para a formação do leitor autônomo, pensante, crítico, capaz de formular opiniões, transformando a si mesmo e contexto.

A pesquisa veio confirmar que a tecnologia se mostrou como uma importante aliada, ao trazer possibilidades e múltiplos recursos para a elaboração de novas estratégias e metodologias, para a difusão da leitura com vistas à formação do leitor e demais trabalhos realizados nas bibliotecas escolares brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação buscou-se investigar *a mediação de leitura realizada no ambiente da biblioteca escolar durante a pandemia de covid-19, com vistas à formação do sujeito leitor*. Verificou-se que muitas bibliotecas se adequaram ao momento pandêmico, criando ou aprimorando seus canais virtuais para prosseguir realizando práticas de mediação de leitura, devido ao distanciamento social compulsório.

Metodologicamente, foi empreendida uma pesquisa de caráter quanti-qualitativa. Este tipo de pesquisa foi fundamental para a compreensão das ações realizadas pelos profissionais atuantes na biblioteca, pois permitiu liberdade para sondar as questões propostas. Como técnica de coleta de dados, aplicou-se um questionário eletrônico semiestruturado, posteriormente, empregou-se entrevistas individuais, semiestruturadas, com quatro profissionais que responderam ao formulário.

Em relação à aplicação do questionário semiestruturado, obteve-se 77 respostas e julga-se que este instrumento metodológico se configurou como uma escolha acertada, pois os participantes, em sua maioria, forneceram respostas satisfatórias que permitiram que conhecêssemos de “perto” os seus trabalhos na biblioteca escolar durante a pandemia da covid-19. Aferiu-se ainda que em relação à função dentro da biblioteca escolar dos participantes, 80,3% são bibliotecários.

O formulário eletrônico permitiu que suas respostas elucidassem os objetivos propostos nesta pesquisa, como: de acordo com as pessoas alcançadas na pesquisa, dentre os 77 respondentes do questionário, a região Sudeste do Brasil é a região em que ocorreu mais ações de mediação de leitura tendo a biblioteca escolar como protagonista, obtendo 16,5% das respostas, seguido pela região Nordeste com 13,2%. Permitiu ainda aferir que a grande maioria dos respondentes atua em instituição privada, sendo eles 60,5% do total.

A pandemia do novo coronavírus impediu que inúmeras ações presenciais acontecessem, não só revelou problemas, mas também os diversos esforços que as bibliotecas estão fazendo para desenvolver serviços de emergência com suporte no ambiente digital. As principais protagonistas têm sido as redes sociais, que servem como canais de transmissão de informações e acesso a diferentes práticas e possibilidades de contato com a leitura e a literatura, como: contação de história, bate-papo *online* com escritores, transmissão virtual de teatro de fantoche, criação de história narrada a partir de imagens, narrativas literárias em formato oral, saraus de poesias,

clube de leitura, debates, etc. Elas também possibilitaram a interação e o incentivo à participação de seus usuários-leitores. Além disso, uma alternativa para pessoas que carecem de aparatos tecnológicos e de internet é o empréstimo de livros físicos com todos os protocolos de segurança e higiene fornecidos por algumas bibliotecas. Os resultados da pesquisa revelaram o potencial em se reconhecer a biblioteca escolar como um ambiente inovador, que vai muito além da guarda e tratamento do acervo.

As ações de mediação de leitura com vistas à formação do leitor foram manejadas de diversas formas, mas os meios para concretização mais citados nas respostas dos formulários foram: *WhatsApp, Instagram, Facebook, YouTube, E-mail*, seguido por outras mídias. Isso comprova a versatilidade a gama de opções do qual temos acesso para realizar atividades de mediação de leitura em formato remoto. Além disso, 70 participantes – num total de 77 – acreditam ser possível a formação de leitores críticos, mesmo de forma remota.

A entrevista individual com profissionais com quatro respondentes do questionário, sendo dois profissionais que tiveram sucesso nas ações de mediação de leitura e outros dois que não obtiveram resultados satisfatórios durante a pandemia da covid-19, foi de extrema importância, sobretudo, pelo uso da entrevista semiestruturada, que possibilitou novos desdobramentos. Os entrevistados número 1 e número 2 declaram nas respostas do questionário que tiveram sucesso nas ações de mediação de leitura, já as entrevistadas número 3 e número 4 não tiveram êxito.

Pelas experiências que a entrevistada número 1 indicou, pôde-se aferir que as ações de mediação de leitura foram importantes na democratização do espaço da biblioteca, bem como uma forma de acolhimento aos usuários-leitores no período em que o contato social feito de forma presencial não era possível. Percebeu-se que algumas das dificuldades em relação à formação do leitor são similares no formato presencial e remoto e que as ações realizadas durante o período pandêmico podem continuar de forma presencial, desde que haja um bom planejamento e organização. A participante realizou um Clube de Leitura virtual, em que as discussões e envio de material aconteceram principalmente pelo *WhatsApp*. O entrevistado número 2 também promoveu um Clube do Livro, com a proposta de trabalhar por temáticas. O encontro para discutir sobre obra e a temática era via *Google Meet* e posteriormente anexada ao *YouTube*. Além do incentivo à leitura e a formação do leitor, o entrevistado se mostrou muito engajado em empreender ações de treinamento e competência informacional, pois promovia palestras, cursos, etc., também por canais virtuais. Algo que chamou atenção,

é que os dois entrevistados apontaram que houve participantes de outras localidades, que não eram alunos das instituições em que trabalham, demonstrando assim, que a mediação e o incentivo à leitura extrapolam o ambiente escolar, beneficiando toda comunidade interessada. Os clubes da leitura permitem a participação ativa dos alunos a eventos de leitura e, no caso do ambiente digital, pessoas de qualquer localidade podem participar. No apêndice D é possível acessar a alguns dos materiais produzidos pelos participantes durante as ações de mediação de leitura.

As entrevistadas número 3 e número 4 tiveram problemas trazidos pela pandemia, pois se sentiram sobrecarregadas com a mudança de rotina e com as atividades que, de repente, tiveram que exercer, como ficar em frente a uma câmera. Mas, mesmo diante dos percalços, a entrevistada número 3 relatou que tentou fazer “tarefas simples”, selecionando livros que ela julgava interessante, de acordo com temáticas e buscando vídeos que falassem sobre o livro ou sobre o tema no *YouTube*. Após a apresentação do vídeo, a bibliotecária deixava os alunos livres para questionamentos e ideias que poderiam surgir. Promoveu também uma exposição *online*, sobre reciclagem, em parceria com uma professora.

Já a entrevistada número 4 realizava leituras de histórias clássicas de contos de fadas muito conhecidas e deixava que eles falassem sobre o que entendiam sobre a narrativa. As atividades aconteciam na aula *online* de Língua Portuguesa. Posteriormente, ela fazia algumas publicações no *Instagram*, apresentando a obra lida. Durante as entrevistas individuais, foi possível aferir que as entrevistadas número 3 e número 4 acreditam que não tiveram sucesso durante as ações por estas terem durado pouco tempo e pelas dificuldades que tiveram em relação à pandemia, seja dificuldade para ler ou questões de caráter pessoal. Mesmo que as participantes tenham considerado os resultados insatisfatórios, foi possível aferir que, considerando as dificuldades relatadas, o que foi realizado por elas é acertado, utilizando o acervo da biblioteca ou buscando itens disponíveis na internet.

Com a pesquisa, foi possível perceber que, mesmo com dificuldades, tendo que se adaptar aos protocolos exigidos durante a pandemia, a vontade dos mediadores em compartilhar o conhecimento, manter a biblioteca viva, investir na formação de leitores críticos, autônomos e atuantes foi maior. Acredita-se no potencial da biblioteca escolar e na importância em difundir a leitura, ação que é imprescindível, pois de acordo com as reflexões de teóricos mencionados neste trabalho, conclui-se que a leitura tem poder de despertar o leitor para novos aspectos da vida que ainda não tinha pensado. Desperta

para o contexto em que vive e para o entendimento de si e do outro. O leitor torna-se progressivamente mais capacitado para se autonomizar cultural e civicamente.

Os resultados obtidos foram interpretados à luz do referencial teórico, o qual foi decisivo para se compreender a importância de práticas de leitura nas bibliotecas escolares com o objetivo de alcançar a formação do leitor, que pode ir além do espaço físico. Para afirmar a biblioteca escolar como local que tenha autoridade em promover tais ações, reconhece-se a necessidade de planejamento, colaboração de professores e da coordenação da escola, além de subsídios para o manejo de ferramentas, como as digitais, que possam colaborar para aperfeiçoamento do profissional atuante na biblioteca escolar como mediador de leitura.

As adaptações das quais a biblioteca precisou passar no período pandêmico é de extrema importância, para que continue a atender demandas necessárias relacionadas à tecnologia. Vive-se hoje numa sociedade global cada vez mais complexa, em que as mudanças sociais são aceleradas, o uso intensivo das novas tecnologias e a necessidade premente de conhecimentos que transmitam às pessoas a necessária adaptabilidade, a criatividade, a capacidade de crítica, a capacidade de inovação e a reação positiva face ao inesperado (SABINO, 2008).

A biblioteca escolar tem se mostrado instrumento dinâmico e interativo, facilitando aos alunos o acesso a livros, mesmo no período em que o contato presencial não era possível. Por meio das ações de mediação de leitura empreendidas na biblioteca escolar, seus usuários conhecem o mundo fantástico do saber, das descobertas, dos sonhos, do imaginário, além de desenvolver ou aprimorar o vocabulário, a comunicação, a consciência de mundo, para a solução de problemas e dos deveres de classe, ou, ainda, o de incrementar as pesquisas referenciando-as, utilizando mais de um livro, sintetizando, criticando e colocando em voga múltiplas interpretações inerentes ao texto.

Ao se debruçar na leitura dos estudos selecionados e refletir sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, foi possível constatar que surgem muitas possibilidades a serem exploradas, relacionando as práticas de leitura, a atuação laboral de profissionais da biblioteca escolar, o próprio espaço, a formação do leitor e o meio digital, fazendo que pesquisas como estas sejam necessárias e de total relevância. O campo de pesquisa ainda apresenta muitas lacunas. Essa escassez convoca os estudiosos a refletirem e a investigarem, sobre as experiências em práticas de leitura para a formação do leitor durante o período pandêmico e quais são as contribuições para a educação.

Acredita-se que a biblioteca escolar no Brasil não é mais a mesma após 2020, ano em que a covid-19 se alastrou. A pandemia evidenciou a necessidade de se investir em aparatos tecnológicos para a prestação de serviços na biblioteca. Os profissionais atuantes neste setor tiveram que se reinventar e se aprimorar para continuarem exercendo seus ofícios. Toda mudança acarretada pela pandemia e o distanciamento social deixará sua marca, um rastro. Este marco na história também fará parte da reconstrução, do avanço e da evolução das bibliotecas escolares brasileiras.

Esta pesquisa abre caminho para outras investigações e possibilidades como averiguar a situação das bibliotecas escolares no período pós-pandemia – ou no período em que o distanciamento social não é mais obrigatório – no que concerne à prestação de serviços, construção do ensino-aprendizagem e, claro, em relação à mediação de leitura com vistas à formação do leitor. Ademais, analisar se estas operam em formato exclusivamente presencial após a reabertura das bibliotecas ou se ações de promoção de leitura acontecem de forma híbrida, semipresencial ou, até mesmo, remota, dando continuidade aos feitos realizados no período de distanciamento social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Flávia Ferreira. **Mediação e leitura na biblioteca escolar: estudos de casos múltiplos**. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

ABREU, Márcia. **Diferentes formas de Ler**. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm> Acesso em fev.2022.

AGUIAR, Vera Teixeira de. et al. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 205-218.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, T. E. da. (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008.

AQUINO, N. R. M.; LIMA, E. K. V.; SANTOS, A. da S.; OLIVEIRA, M. M. do N., SOUZA, L. M. de. Clube da leitura virtual: relato de uma experiência interdisciplinar para desenvolvimento da leitura na escola pública. **Revista Tecnologias Educacionais Em Rede (ReTER)**, 2(2), e15/01–13.

BARBOSA, Eduardo F. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. Educativa: Instituto de Pesquisa e Inovações Educacionais. **[boletim informativo da internet]**, 2008. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf>. Acesso em: ago. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARI, Valéria A.; BISPO, Isis C. G.; SANTOS, Melânia L. A biblioteca escolar como espaço de lazer cultural e formação do leitor. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 5, n. Especial, p. 58-65, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/114067>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BARROS, Aidin de Jesus Paes; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v.2, n.1, p. 41-54, 2003.

BLANCO, Nancy. Bibliotecas, libros y lecturas a traves del COVID-19. **Library Research Institute**, n. 43, 2020.

BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura**: a voz do bibliotecário lendo ou narrando. 2010. 233f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

BORTOLIN, S.; JUNIOR, O. F. A. Mediação da literatura para leitores-ouvintes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 1, p. 207-226, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/34503>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **A leitura**: uma prática cultural. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 229-254.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017

BRASIL. Ministério da Educação, INEP. **Censo da Educação Básica 2020**: notas estatísticas. Brasília, DF, 2021. Resumo Técnico.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BREJO, Janayna Alves. O conto que as caixas contam: uma metodologia lúdica para contar histórias. **Linha Mestra**, n.45p.346-357. set/dez 2021

BRITTO, Luiz Percival Leme B. O papel da biblioteca na formação do leitor. In: Biblioteca escolar: que espaço é esse? **Boletim Salto para o Futuro**. Ano XXI Boletim 14 - Outubro 2011

BUTLEN, Max. A leitura: “uma prática cultural polimorfa”. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.33, n.65, p.13-34, 2015.

BUTLEN, Max. **Entrevista com Max Butlen, especialista em políticas de leitura**. [Entrevista concedida a] Victória Martins. Escola de Comunicação e Artes (ECA) – Universidade de São Paulo. São Paulo, abr/2017.

BUTLEN, Max. Políticas de leitura, práticas de leitura e formação de professores. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 19, n. 27, p. 19-43, jan./abr. 2016.

BUTLEN, Max. Para novas cooperações entre escolas e bibliotecas: retorno aos objetivos e missões. **Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, SP, v. 21, n. 22, p. 32-41, jan./abr. 2012

CAMPELLO, Bernadete Santos. et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMPELLO, Bernadete. et al. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: Parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAMPELLO, B. D. S.; BARBOSA, R. R.; PROENÇA, S. G. Bibliotecas escolares no Brasil: uma análise dos dados estatísticos do instituto nacional de estudos e pesquisas

educacionais. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 11 No 3, n. 3, p. 609-624, 2018.

CAMPELLO, B. S. et al. Universalização de bibliotecas nas escolas: reflexos da lei 12.244. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.10, n.2, p.39-58, ago. 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/13609> Acesso em: 19 fev. 2018.

CANEN, Ana. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação & política**, v.25, no2, p.091-107, 2007.

CARDOSO, Aline Casagrande Rosso. **O papel da biblioteca escolar na formação de leitores na Rede Pública Municipal de Criciúma (SC)**. 2015. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2015.

CHARTIER, Roger. **As aventuras do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CORSI, Solange da Silva. **A escola, a biblioteca e a livraria: espaços de encontro do jovem com a leitura literária**. 2010. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

CUETO, Marcos. Covid-19 e a corrida pela vacina. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n.3, p. 715-717, Set. 2020.

CURTI, Beatriz S.; WELLICHAN, Danielle da S. P. Leitura na pandemia: ações possíveis de incentivo e prática para os pequenos leitores. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.26, n. 1, p. 1-17, jan./abr., 2021.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS – IFLA. **A COVID-19 e o Setor de Bibliotecas em Termos Mundiais**. 2020. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/hq/topics/libraries-development/documents/covid19_and_the_global_library_field-pt.pdf. Acesso em: 09 dez. 2020.

FONSECA, Ane; SPUDEIT, Daniela. O trabalho cooperativo entre bibliotecários e professores para o desenvolvimento da competência em informação: criação de um programa voltado para alunos do ensino médio. **Bibl. Esc. em R.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 36-63, 2016.

FONSECA, Diego L. de Souza. O streaming e a virtualização dos serviços de informação: uma análise sobre a adaptação das bibliotecas frente à pandemia de Covid-19. **Revista ACB**, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 1-20, jul. 2021.

FONTELLES, Christine Castilho. Biblioteca em escola aberta à comunidade: por que te quero? **Biblioo Cultura Informacional**. Disponível em:

<<https://biblioo.info/biblioteca-em-escola-aberta-a-comunidade-por-que-te-quer/>>.
Acesso em mai.2022.

FRANCISQUETE, Juliana. A importância da mediação na aquisição da leitura. **VI Congresso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología**. Buenos Aires, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FROTA, M. G. C.; HORTA, M. C. S.; SILVA, R. L. D. R. L. E.; BOZI, L. L. D. Informação sobre a covid-19 em comunidades periféricas. **Revista Fontes Documentais**, v. 3, p. 239-245, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/151122>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GAMONAL LIMCAOCO, Rosario S.; MONTERO MATEOS, Enrique; FERNÁNDEZ, Juan M.; RONCERO, Carlos. Anxiety, worry and perceived stress in the world due to the COVID-19 pandemic, March 2020. Preliminary results. **MedRxiv preprint**, 2020.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 64-89.

GNISCI, Vanessa Monteiro Ramos. Redes de leitura e diálogo entre *booktubers* e seus seguidores. Trabalho apresentado no GT 16 – Educação e comunicação. **Anais da 39ª Reunião Científica da ANPED**. Niterói, Outubro de 2019. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_6_11>. Acesso em: 03 fev. 2021.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995

GRANADOS, Arlete I. Menezes Leal. A leitura e a formação do leitor no âmbito da biblioteca escolar: um mapeamento nos anais do CONEDU entre 2014 a 2019. **Anais do VII Conedu**. Campina Grande, outubro de 2020.

GUIDA, Rosemarilany Barbosa. **A mediação da leitura literária na biblioteca escolar: uma experiência com alunos de 5º ano do CEPAE/UFG**. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 35-45, ago. 2005.

IFLA (2020c). ¿Cómo las bibliotecas pueden extender sus servicios durante las cuarentenas? [**Archivo de video**]. <https://www.youtube.com/watch?v=3ovn5x3SacY>

INDALÉCIO, Anderson Bençal; CAMPOS, Dougla Aparecido de. **Reflexões Sobre o Educar em um Mundo Nativo Digital**. Votuporanga-SP. Fundação Educacional de Votuporanga, 2016.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5 ed. Itaú Cultural, set./2020.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola república velha: Bilac e a literatura escolar na república velha**. Porto Alegre: Globo, 1982. 176p.

LAKATOS, Eva. M.; MARCONI, Marina A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LANZI, Lucirene A. C.; VIDOTTI, Silvana A. B. G.; FERNEDA, Edberto. **A biblioteca escolar e a geração nativos digitais: construindo novas relações**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

LAROVERE, Andrea Del; PERES, Selma Martines. Experiências de leitura de alunos no contexto escolar e extraescolar. Trabalho apresentado no GT 10 – Alfabetização, leitura e Escrita. **Anais da 37ª Reunião Científica da ANPED**. Florianópolis, Outubro de 2015. Disponível em: < <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT10-3963.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

LETRAMENTO DIGITAL. In: **Glossário CEALE**. Belo Horizonte: FAE UFMG. Disponível em: < <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>>. Acesso em 01 set. 2021.

LOPES, Felipe T. P.; CORDEIRO, Mariana P. Entrevistas individuais e grupos focais: alguns cuidados ético-metodológicos. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 123, ago. 2011.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert. **Bibliotecas universitárias, seus serviços e produtos: transposição de um modelo teórico de avaliação para um instrumento operacional**. 2014. 61 f. Relatório De Pesquisa Desenvolvida Durante Estágio Pós-Doutoral, Na Universidad De Salamanca, Espanha.

MARTELETO, Regina; COUZINET, Viviane. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares inter cruzados. **R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.7, n.2, Jun., 2013

MATOS, Rosângela da Luz; PINHO, Fabiola Chafin Gomes de. Práticas de leitura nos anos finais do ensino fundamental. Trabalho apresentado no GT 14 – Sociologia da Educação. **Anais da 39ª Reunião Científica da ANPED**. Niterói, Outubro de 2019. Disponível em: < http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_6_11>. Acesso em: 28 nov. 2020.

MEDIADORES DE LEITURA In: **Glossário CEALE**. Belo Horizonte: FAE UFMG. Disponível em: < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>>. Acesso em 18 out. 2021.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense. 1988. 94 p. (Coleção primeiros passos).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOTOYAMA, Juliane Francischeti Martins. **Bebeteca**: engatinhando entre livros. 2020. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2020.

NOVAIS, Carlos M. D.; FREITAS, Odiley de A. Leitura e internet: a formação do leitor navegador pela escola. **Revista educação e cultura em debate**. V 1, N. 1, jul - dez. 2015.

OLIVEIRA, J. B. A.; GOMES, M. ;BARCELLOS, T. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. [online], v. 28, n. 108, p. 555-578, 2020.

PAIVA, Raquel M. Vilela; DUARTE, Adriana Bogliolo S. O bibliotecário escolar diante dos nativos digitais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp. CBBB 2017.

PAIVA, Raquel Miranda Vilela. **A Biblioteca Escolar e os Nativos Digitais**. 2018. 181f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2018.

PARREIRAS, Ninfa. O papel da biblioteca na formação do leitor literário. In: Biblioteca escolar: que espaço é esse? **Boletim Salto para o Futuro**. Ano XXI Boletim 14 - Outubro 2011.

PASINI, C.G.D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L.H.C. A Educação híbrida em tempos de pandemia:algumas considerações. Texto para discussão. Universidade Federal de Santa Maria. 2020.

PAULINO, Graça. **Algumas especificidades da leitura literária**. In: PAIVA, A. et al. (orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAULINO, Graça.; COSSON, R. (orgs.). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: FALE UFMG, 2004.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PAULINO, Graça. **Das Leituras ao Letramento Literário**. Belo Horizonte: FaE/UFMG e Pelotas: EDGUFPEl, 2010.

PAULINO, M. G. R. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista da Faced/UFBA**, Salvador, n.5, p.56, 2001.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento Cultural, Infância e Leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

PERROTTI, Edmir. Leitores, leitores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor). In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 31-40.

PETIT, M. O papel do Mediador. In: **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. 2ªed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michéle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PIRES, Michelle Claudino; ACCORSI, Ana Maria Bueno. Formação do leitor literário como missão da biblioteca escolar: contribuições da teoria da estética da recepção. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 3, p. 193-209, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/100158>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

QUEIROZ, Solange Palhano de. **Práticas de leitura da biblioteca de uma escola do campo: possibilidades, limites e contradições**. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro- Oeste, Guarapuava, 2015.

QUISPE-FARFÁN, G. A. Las bibliotecas públicas peruanas frente a la crisis de la covid-19: servicios, reflexiones y desafíos. **Revista Interamericana de Bibliotecología (Colombia)**, v. 43, 2020.

REIS, Magali dos; ALVES, Vânia Noronha. Leitura, Informação, Lazer e Ludicidade nas Bibliotecas Escolares: Contribuições da Biblioteca Mário de Andrade/SP. **Educação em Foco**, ano 19 - n. 29 - set/dez. 2016 - p. 215-234.

ROSA, Ester C. de S. A professora na biblioteca escolar: identidade e práticas de ensino na formação de leitores. Trabalho apresentado no GT 10 – Alfabetização, leitura e Escrita. **Anais da 34ª Reunião Científica da ANPEd**. Natal, Outubro de 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT10/GT10-388%20int.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SABINO, Maria Manuela do Carmo de. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.º 45/5 – mar. 2008.

SALA, Fabiana; LOPES, Fernando Cruz; SANCHES, Gisele Aparecida Ribeiro; BRITO, Tânia Regina de. Bibliotecas universitárias em um cenário de crise: mediação da informação nas redes sociais durante a pandemia de COVID19. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 10-32, jan./jun. 2020.

SANT'ANA G, Silva CD, Vasconcelos. Espiritualidade e a pandemia da COVID-19: um estudo bibliográfico. **Com. Ciências Saúde**, 2020.

SANTOS, E. D. J. D.; SILVA, A. N.; SOUSA, J. S. Bibliotecas universitárias públicas federais do estado da Bahia. **Revista Fontes Documentais**, v. 3, p. 95-101, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/151014>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SANTOS, Marcos P.; LOPES, Jurema R. Desafios da biblioteca diante das redes sociais no processo de formação de leitores. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 303-317, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3668>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

SANTOS, Maria E. S.; BEZERRA, Keutre G. C. S.; FONTES, Francicleide C. O.; OLIVEIRA, Kaiza M. A. SAMPAIO, Maria L. P. Saberes docentes e o bibliotecário escolar. **Anais do II Conedu**. Campina Grande, outubro de 2015.

SANTOS, Weber Miranda; FERNANDES NETO, Izidorio Paz. Os desafios do ensino remoto em tempos pandêmicos: o uso das tecnologias digitais como recurso pedagógico. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista v. 10, n. 15, 2021.

SILVA, Alzira Karla Araújo da; BEUTTENMÜLLER, Zailton Frederico. O serviço de referência online nas bibliotecas virtuais da região Nordeste. Enc. **BIBLI: R. eletrônica de Bibl. Ci. Inform.**, Florianópolis, n. 20, 2º semestre de 2005.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. **Perspectiva**. Florianópolis, v.17, n. 31, p. 11 - 19, jan./jun. 1999.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. Democratização da leitura: uma forma de despertar leitores. In: _____. **Conferências sobre leitura: trilogia pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2003. p.15-37.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 1995.

SILVA, Fernanda. C. L.; SANTOS, Camila. P.; FURTADO, Fernanda. R. N. Projetos de leitura e escrita: parcerias, (in)formação e encantamento. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 24, n. 2, p. 468-482, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/120786>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

SILVA, Jonathas L. Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.16, n.2, p. 489-517, jul./dez., 2011.

SILVA, Rovilson. José da. Formar leitores na escola: o projeto pedagógico, a biblioteca escolar e a mediação. **Informação & Informação**, v. 20, n. 3, p. 487-506, 2015. Disponível em: <[10.5433/1981-8920.2015v20n3p487](http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/105433)>. Acesso em: 6 fev. 2021.

SILVA, Santuza Amorim. Letramento literário: experiências da formação inicial. **Educação Em Foco**, Belo Horizonte, 12 (13), 101–118, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na Cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOUSA, Andréia Vaz Cunha de; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. O ensino da leitura e a nova BNCC: as implicações na formação de leitores. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.6, p. 64729-64741 jun. 2021.

SOUSA, Cirlene Cristina & MAÇANEIRO, Marcial. Jovens, **Mediatização da Leitura e Narrativas de Sentido**: Implicações para a Escola. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e153786.pdf>>. Acesso em 24 nov. 2020.

SOUZA, Ágata Nelza Gomes de. A utilização do aplicativo de mensagens WhatsApp como recurso promotor de acolhimento e de incentivo à leitura em tempos de pandemia. **Anais do CIET:EnPED:2020**, São Carlos, ago. 2020.

SOUZA, Renata. J.; HERNANDES, Elianeth D. K.; BALSAN, S. F. S. Espaços de formação do leitor: a leitura na sala de aula e na biblioteca escolar. **Textura**, v.37, n.35, p.37-57, set./dez. 2015. Disponível em: < [www.periodicos.ulbra.br](http://www.periodicos.ulbra.br/index.php) > index.php>. Acesso em 27 nov. 2020.

TRAVASSOS, Sônia Maria Milone de Freitas. O lugar da sala de leitura e da biblioteca na escola. Trabalho apresentado no GT 10 – Alfabetização, leitura e Escrita. **Anais da 39ª Reunião Científica da ANPED**. Niterói, outubro de 2019. Disponível em: < http://39.reuniao.anped.org.br/category/trabalho/?grupo_trabalho=gt10-alfabetizacao>. Acesso em: 02 fev. 2021.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro; ROCHA, Ednéia Silva Santos. As bibliotecas diante de uma pandemia: atuação e planejamento devido a covid-19. Revista **ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 493-508, ago./dez., 2020.

YOSHIDA, S. Quebra de padrões, modelos de ensino híbrido e as heranças da pandemia para a Educação. **Nova Escola**, 2021.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: 1988. 146p.

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE.

Para a participação na pesquisa é necessário ler e estar de acordo com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE.

Eu, Arlete Inocência Menezes Leal Granados, aluna do curso de pós-graduação Stricto Sensu em Educação - Mestrado Acadêmico em Educação e Formação Humana – da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, portador(a) do RG MG xxxxxxx, endereço institucional - R. Paraíba, 29 – Santa Efigênia, Belo Horizonte - MG, 30130-140, sendo meu telefone de contato (31)xxxxxxx, vou desenvolver uma pesquisa cujo título é: “A mediação de leitura na biblioteca escolar durante a pandemia da COVID-19”, cujo objetivo deste estudo é de Investigar as estratégias e ações em mediação de leitura adotadas para a formação do leitor, empreendidas no espaço da biblioteca escolar no período da pandemia da COVID-19. Para a realização deste estudo adotaremos os seguintes procedimentos: Faz-se necessário uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa. Inicialmente, será realizada uma busca bibliográfica, em artigos, teses e dissertações. Num segundo momento, será desenvolvida uma triagem em redes sociais, como *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*, com o intuito de sermos conduzidos até os profissionais atuantes nas bibliotecas escolares brasileiras. Propõe-se ainda uma pesquisa exploratória, com o uso da abordagem quali-quanti. Então, se empregará a aplicação de um questionário por meio de um formulário eletrônico semiestruturado. Os questionários conterão perguntas abertas e fechadas, direcionadas aos profissionais atuantes na biblioteca escolar. Em seguida, será realizada uma análise dos dados coletados. Após análise, será organizado o quantitativo das bibliotecas escolares, encontradas na pesquisa, que efetuaram ações de mediação de leitura, separadas por cada região brasileira. Após esta etapa, far-se-á a seleção de dois ou três profissionais para a realização de uma entrevista semiestruturada por meio de aplicativo de mensagens instantâneas. A pesquisa respeitará todas as exigências da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Gostaria de convidá-lo(a) a colaborar de forma VOLUNTÁRIA com esta pesquisa. Para participar deste estudo o(a) Sr(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira; os benefícios desta pesquisa consistem em: vislumbrar as ações realizadas pela equipe da biblioteca escolar durante a pandemia da COVID-19; Identificar quais são as ações de mediação e incentivo à leitura, nas bibliotecas escolares averiguadas, que podem incentivar a apropriação da informação e a formação do leitor; Detectar quais meios, mídias e redes sociais são mais utilizadas no ambiente digital para a mediação de leitura; Compreender o perfil dos principais usuários-leitores que usufruíram das ações de mediação de leitura desenvolvidas pelos profissionais das bibliotecas escolares e vislumbrar quais regiões do Brasil desenvolveram mais ações de mediação de leitura no formato remoto durante a pandemia da COVID-19. A participação na pesquisa não oferece nenhum risco nas dimensões psíquica, moral, intelectual, social e cultural do participante. No entanto, caso você sinta desconforto com as perguntas, dificuldade ou desinteresse poderá interromper sua participação na pesquisa. Seus dados serão protegidos e sua identidade será preservada. Você terá acesso aos resultados da pesquisa, assim como a esclarecimentos sobre as etapas da pesquisa e sobre o tratamento e armazenamento dos dados. O(A) será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo

pesquisador. Não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão e que possa ser mais vantajoso do que o usado nesta pesquisa. Eu, Arlete Inocência Menezes Leal Granados, como responsável pela condução desta pesquisa, tratarei os seus dados com o devido profissionalismo e sigilo, garantindo a segurança da sua privacidade. O(A) Sr(a) tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, e caso seja solicitado, darei todas as informações que o(a) Sr(a) quiser saber. O(A) Sr(a) também poderá consultar a qualquer momento o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, responsável pela a autorização para a realização deste estudo. Não existirão despesas ou compensações pessoais para nenhum participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas, se necessário. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados deverão ser veiculados por meio de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Em anexo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida, esse termo de consentimento será impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao(à) Sr(a). Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo A mediação de leitura na biblioteca escolar durante a pandemia da COVID-19, com o objetivo de Investigar as estratégias e ações em mediação de leitura adotadas para a formação do leitor, empreendidas no espaço da biblioteca escolar no período da pandemia da COVID-19. Eu tirei todas as minhas dúvidas sobre o estudo e minha forma de participação com o(a) pesquisador (a) Arlete Inocência Menezes Leal Granados, responsável pelo mesmo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade, os riscos e benefícios e a garantia de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também, que minha participação é isenta de despesas ou gratificações e que tenho garantia do acesso aos resultados, onde os meus dados apenas serão divulgados com a minha autorização. Concordo voluntariamente em participar deste estudo sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido anteriormente ao estudo. Com relação a dúvida de natureza ética relacionadas a esta pesquisa, você poderá contatar também o Comitê de Ética em pesquisa da UEMG pelos números (31) 39168747 / (31) 39168639, e-mail: cep.reitoria@uemg.br. O endereço é: Rodovia Papa João Paulo II,4143 – Ed. Minas- 8o Andar - Cidade Administrativa Tancredo Neves / Bairro Serra Verde –Belo Horizonte/MG. **DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Nome Arlete Inocência Menezes Leal Granados Endereço: UEMG- Rua Paraíba, 232, Funcionários, Belo Horizonte - Email: arleteimlg@gmail.com

APÊNDICE B: Questionário de pesquisa – a mediação de leitura na biblioteca escolar durante a pandemia da covid-19

Olá caro (a) participante! O objetivo deste estudo é de: Investigar as estratégias e ações em mediação de leitura adotadas para a formação do leitor, empreendidas no espaço da biblioteca escolar no período da pandemia da COVID-19. Os riscos de danos à dimensão, psíquica, moral, intelectual, social e cultural do participante são mínimos, caso o participante sinta desconforto com as perguntas, dificuldade ou desinteresse poderá interromper sua participação na pesquisa. Seus dados serão protegidos e sua identidade será preservada. O participante receberá acesso aos resultados da pesquisa, assim como a esclarecimentos sobre as etapas da pesquisa e sobre o tratamento e armazenamento dos dados. Participando da pesquisa em questão, os sujeitos contribuirão para os seguintes benefícios: vislumbrar as ações realizadas pela equipe da biblioteca escolar durante a pandemia da COVID-19; Identificar quais são as ações de mediação e incentivo à leitura, nas bibliotecas escolares averiguadas, que podem incentivar a apropriação da informação e a formação do leitor; Detectar quais meios, mídias e redes sociais são mais utilizadas no ambiente digital para a mediação de leitura; Compreender o perfil dos principais usuários-leitores que usufruíram das ações de mediação de leitura desenvolvidas pelos profissionais das bibliotecas escolares e vislumbrar quais regiões do Brasil desenvolveram mais ações de mediação de leitura no formato remoto durante a pandemia da COVID-19.

1 – Nome: _____

2 - E-mail: _____

3 - Confirma trabalhar em biblioteca escolar?

() Sim, confirmo.

4 – Você é:

() Bibliotecário

() Professor(a) de biblioteca

() Professor(a) remanejado(a) para a biblioteca

() Auxiliar de biblioteca

() Outro _____

5- Caso seja professor, qual sua formação acadêmica?

6- Você trabalha em biblioteca de uma escola:

() Privada

() Estadual

() Municipal

() Federal

7 - Em qual cidade e estado você atua?

8- O que você entende por mediação e incentivo à leitura?

9 - Para você, o que é leitura e qual sua importância?

10 - É possível formar leitores críticos durante a pandemia e quem é esse leitor?

11 - Qual(ais) projeto(s) a equipe da biblioteca desenvolveu de maneira remota durante a pandemia da COVID-19?

12 - Qual(ais) mídia(s) sociais você mais utiliza no ambiente digital para a mediação de leitura? (Marque todas que se aplicam).

- () Instagram
- () Facebook

- () Youtube
- () Whatsapp
- () Twitter
- () E-mail
- () Outro _____

13 - Como tal(is) meios digitais são utilizados para realizar ações de mediação de leitura?

14 - Como o atendimento presencial na biblioteca escolar não é possível durante a pandemia da COVID-19, você acredita que há outra(s) possibilidade(s) de mediação de leitura fora do meio digital? Se sim, qual(is)?

15 - Qual a sua relação com a leitura (É utilitária? É informativa? É de fruição?)

16 - Você se considera um leitor? Por quê?

17 - Qual(is) o(s) maior(res) desafio(s) em mediar a leitura durante a pandemia da COVID-19?

18 - O usuário-leitor (público-alvo) da biblioteca escolar em que você atua teve/tem dificuldades em usufruir das ações de mediação de leitura no período da pandemia? Se sim, qual(is)?

19 - Você percebeu resistência do usuário-leitor em não poder ler/utilizar livros e outros itens impressos (não ter acesso ao papel)?

- Sim
- Não
- Não sei/Não posso responder

20 - Para você, qual a importância da biblioteca escolar durante a pandemia?

APÊNDICE C: Roteiro de entrevista

- 1) Há quanto tempo atua em biblioteca escolar?
- 2) Como se por que surgiu a ideia de fazer as mediações de leitura remotamente durante a pandemia da COVID-19?
- 3) Conte (descreva) sobre as ações que você implementou na biblioteca para fomentar a leitura e a formação do leitor na biblioteca neste período de ensino remoto.
- 4) Quais foram os maiores desafios que enfrentou para colocar em prática as suas ações?
- 5) Como foi o envolvimento da coordenação ou direção da escola nas ações realizadas pela biblioteca durante a pandemia?
- 6) Qual é a sua avaliação sobre o engajamento dos usuários em relação às atividades propostas?
- 7) Os usuários procuravam os serviços da biblioteca por conta própria ou para cumprir alguma atividade escolar?
- 8) Como você analisa os efeitos das ações implementadas, nesse período, para os usuários?
- 9) Pretende continuar com as ações de formação do leitor de maneira *online* ou híbrida após o término da pandemia? Por quê?
- 10) Qual a faixa etária dos usuários-leitores da biblioteca escolar na qual você trabalha?
- 11) Há uma predominância em relação a algum sexo para uso das atividades remotas da biblioteca? Se sim, qual?
- 12) Há alguma preferência por algum tipo de obra? Se sim, qual?
- 13) Qual o maior ensinamento que a pandemia te deixou em termos de formação do leitor?
- 14) Poderia partilhar alguma informação extra ou algum material que tenha produzido durante as práticas de mediação?

APÊNDICE D: Material disponibilizado pela entrevistada número 1 e pelo entrevistado número 2

CLUBE DE LEITURA BIBLIOTECA

O Clube de Leitura tem como objetivos: Estimular a leitura, desenvolver o senso crítico, a troca de ideias e opiniões, o enriquecimento cultural, a melhoria da escrita, a ampliação do vocabulário, entre outras tantas vantagens que um Clube de Leitura pode proporcionar.

1. Informações sobre o Clube: 1.1 Poderão se inscrever toda a comunidade interna: Alunos, professores e outros funcionários. Os alunos podem ser de qualquer curso.

1.2 A participação no Clube não é obrigatória. Não faz parte da disciplina de português/literatura. É uma atividade extracurricular.

1.3 Não terá limites de participantes. Caso seja necessário, dividiremos em grupos (via sorteio).

1.4 Não haverá encontros presenciais. Os debates serão via WhatsApp ou Telegram. A escolha da plataforma será definida levando em consideração a quantidade de inscritos/participantes.

1.5 Além do grupo no WhatsApp/Telegram, também teremos interação por e-mail, onde será encaminhado o livro por anexo.

1.6 Haverá a leitura de quatro livros durante o ano (dois para o primeiro semestre e dois para o segundo semestre). A quantidade reduzida de leituras ao longo do ano se dá em função dos participantes terem outras leituras obrigatórias de seus cursos. Acreditamos que 4 livros, 2 por semestre, é viável.

1.7 A escolha das obras será por votação. A bibliotecária/mediadora dará 3 opções de obras. A que tiver maior votação será a escolhida para leitura e debate. Com exceção da 1ª obra/1ª leitura do clube, que já será pré-selecionada pela mediadora.

1.8 As obras serão de gêneros variados: Suspense; romance; ficção; thriller psicológico, fantasia, etc.

1.9 Todos os livros serão digitais, disponíveis gratuitamente em sites como o Domínio Público e similares. Dessa forma, os participantes não precisam comprar os livros (a menos que queiram).

1.10 A 1ª leitura do Clube se inicia em março. A última leitura e debate se encerra em novembro de 2021. Dessa forma, os participantes do Clube terão de 1 mês e meio a 2 meses para a leitura de cada livro, de acordo com o cronograma abaixo:

Leitura do 1º livro: março (a partir do início, no dia 10/03) até 29 de abril (29/04)

Debate do 1º livro: 30 de abril (30/04)

Leitura do 2º livro: 01 de maio (01/05) até 29 de junho (29/06)

Debate do 2º livro: 30 de junho (30/06)

Leitura do 3º livro: 1º de julho (01/07) até 31 de agosto (31/08)

Debate do 3º livro: 01 de setembro (01/09)

Leitura do 4º livro: 02 de setembro (02/09) até 31 de outubro (31/10)

Debate do 4º livro: 01 de novembro (01/11)

• As datas podem sofrer alterações, caso haja necessidade.

1.11 Os debates terão duração de 1 hora, e acontecerão somente uma vez por turma, no horário em que todos/a maioria tiver disponibilidade. Caso alguém não consiga

participar, poderá ler os comentários dos colegas e contribuir com sua opinião no horário que puder, mas deverá ser no dia marcado para o debate. Nos debates, serão aceitas opiniões por escrito e áudios...da forma que melhor convier para os participantes. Poderão postar links/sites e outras informações sobre o assunto, para enriquecer nosso debate.

1.12 Respeito aos colegas e as opiniões diferentes da sua. Um dos motivos é justamente trocar ideias e conhecer outros pontos de vista e opiniões de acordo com vivências de cada um, de forma a enriquecer nossas experiências. Palavras de baixo calão não serão permitidas.

Inscrições: 01 de fevereiro até 05 de março.

Início Clube: 10 de março.

Inscrições deverão ser feitas com o preenchimento do formulário abaixo, e envio para o e-mail: xxxxx@xxxxx.com.br até o dia 05 de março.

Qualquer dúvida, podem entrar em contato por e-mail (o acima indicado) ou pelo WhatsApp: (00)0000-0000

Mediadora do Clube: Bibliotecária

FIGURA 1 - Convite Clube de Leitura



Informações:

ou

(whatsapp)

Mediadora do Clube:

Bibliotecária -

Fonte: Disponibilizado pela entrevistada número 1.

FIGURA 2 - Informativo Clube de Leitura

Informativo Clube de Leitura



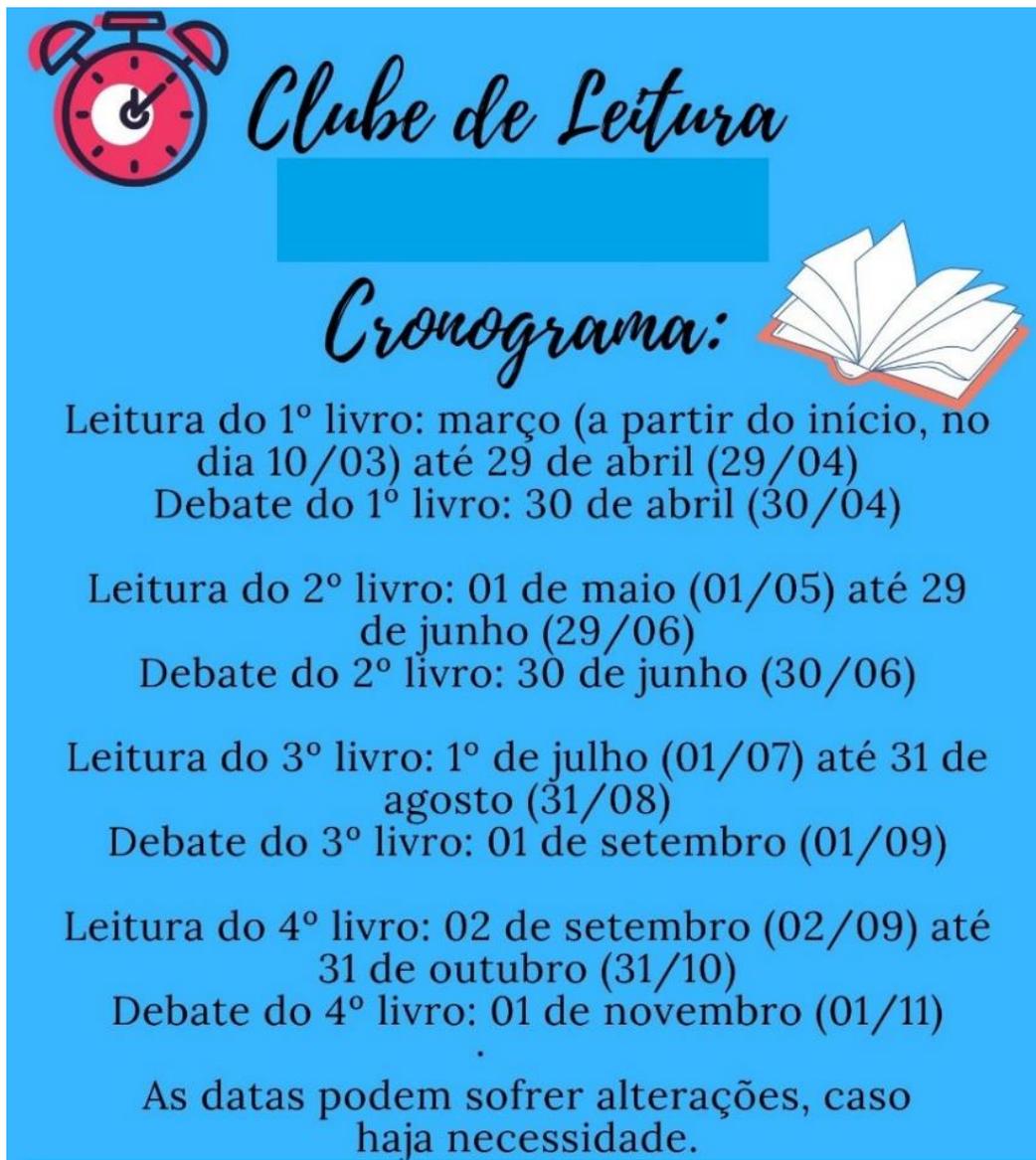
Informamos que o Clube de Leitura terá a data de início mantida, pois não tem encontros presenciais. As atividades foram planejadas para ser 100% online. Lembrem-se: As inscrições vão até o dia 05, sexta-feira

Bibliotecária -



Fonte: Disponibilizado pela entrevistada número 1.

FIGURA 3 - Cronograma Clube de Leitura



Fonte: Disponibilizado pela entrevistada número 1.

FIGURA 4 - Questões discutidas no Clube de Leitura

Clube de Leitura (Leitura finalizada: Frankenstein)

Algumas questões discutidas:



Vocês acham que o conceito/significado de ética e de moral estão banalizados?



Se já naquela época (cerca de 200 anos atrás) o conhecimento era uma arma tão poderosa, e hoje em dia então, com o tanto de informações e o fácil acesso a elas?



Como estariam representados o bem e o mal nesta obra? É possível dizer que o monstro ou o criador são exclusivamente bons ou maus? Ou há uma "oscilação" (ora os personagens são bons e ora são maus?)

Fonte: Disponibilizado pela entrevistada número 1.

FIGURA 5 - Alguns comentários dos leitores

Clube de Leitura

(Leitura finalizada: Frankenstein)

Alguns comentários dos leitores:



Infelizmente a ética e moral são raros hoje em dia. Quanto ao livro, podemos verificar que o limite foi ultrapassado, e apesar de ser uma ficção o que Frankenstein fez para realizar sua obra, fiquei em muitos momentos com dó do monstro criado, ele não pediu para isso acontecer e passou por situações dolorosas.



Uma das coisas que mais gostei foi a capacidade dele de enfrentar o medo e ir atrás do "monstro" que ele havia criado. E que se pararmos pra analisar não se trata de um monstro mas sim do próprio ser humano. E ao mesmo tempo me coloquei no lugar do "monstro" e vi que ele sofreu muito por ter ganhado vida e ser largado por quem o criou..



Deus quando criou o homem o fez a sua imagem e semelhança, dotado de tamanha beleza. Ou seja era como diz na Sagrada Escritura a boca fala o que o coração está cheio. Então Deus estava cheio de beleza e de amor que nos criou seres tão perfeitos e belos. Victor quando cria Frankstein o faz então a sua imagem e semelhança ou seja se a criatura e horrorosa o criador e pior do que a criatura.



O livro foi escrito há aproximadamente 200 anos, é uma obra atemporal, pois traz temas tão antigos e tão atuais, vinculados a questão da existência humana. Reflete sobre os limites da arma mais poderosa do homem: O conhecimento.

Fonte: Disponibilizado pela entrevistada número 1.

FIGURA 6 - Alguns comentários dos leitores 2

Clube de Leitura (Leitura finalizada: Frankenstein)

*Alguns comentários
dos leitores:*

 Pela ótica de Victor, vejo muita culpa e arrependimento de seus atos infames. Pela ótica do “monstro” vejo solidão e curiosidade, além, de claro, querer se encaixar e se encontrar em um mundo que, sabidamente, não é o seu. Eu fiquei muito consternada com a criatura que, ao mesmo tempo estava assustada com a realização do que é estar vivo e de continuar a viver.

 Nesse livro podemos perceber como a exclusão e a violência pode mudar uma pessoa. A criação de Frankenstein foi abandonada. O monstro sempre foi tratado com violência e ele se via num total abandono. Ele disse " eu era bom e compreensivo. Foi a desgraça que me converteu em demônio".

 Após ler o livro e analisar com alguma coisa atual na sociedade, consigo fazer uma analogia à busca incessante que as pessoas tem de se mostrarem perfeitas ou belas nas redes sociais. Um exemplo disso são inúmeras pessoas perderem suas vidas em cirurgias plásticas como lipoaspiração, aplicação de silicone, harmonização facial, etc.. tudo isso devido à busca por querer parecer com alguma celebridade, ou simplesmente por alguém em algum lugar dizer que existe um padrão de beleza e quem estiver fora daquilo não se "encaixa". Seriam esses os mesmos sentimentos que o "Monstro Frankenstein" teria sentido ao ver o desprezo de seu criados e que não era igual a todas as outras pessoas. - Até que ponto hoje em dia uma pessoa mantém seus conceitos de certo e errado para tentar se inserir nesses novos padrões estéticos? Acho que cada um é bonito da sua maneira pois fomos criados a imagem e semelhança de Deus, e Deus é perfeito.

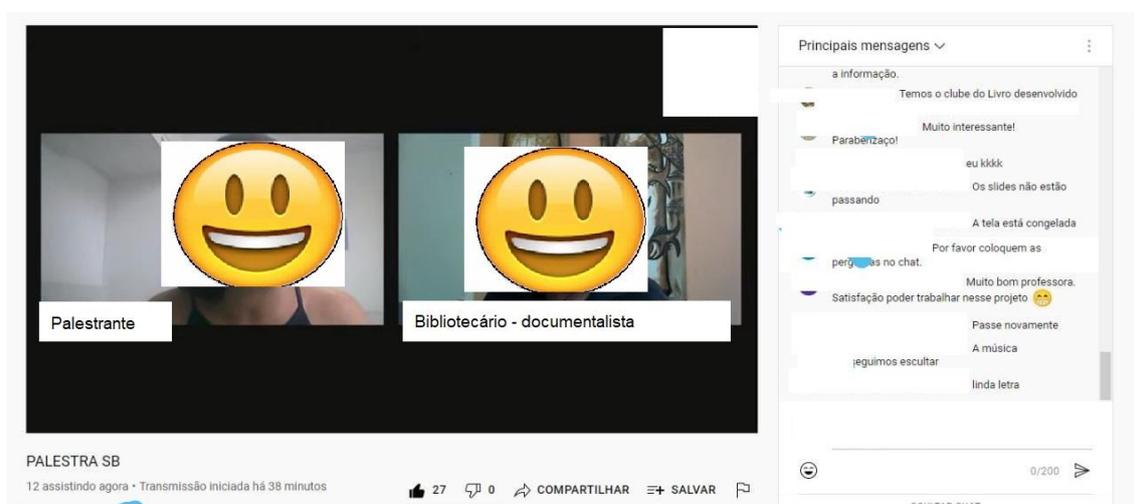
Fonte: Disponibilizado pela entrevistada número 1.

FIGURA 7 - Palestra na semana da Biblioteca



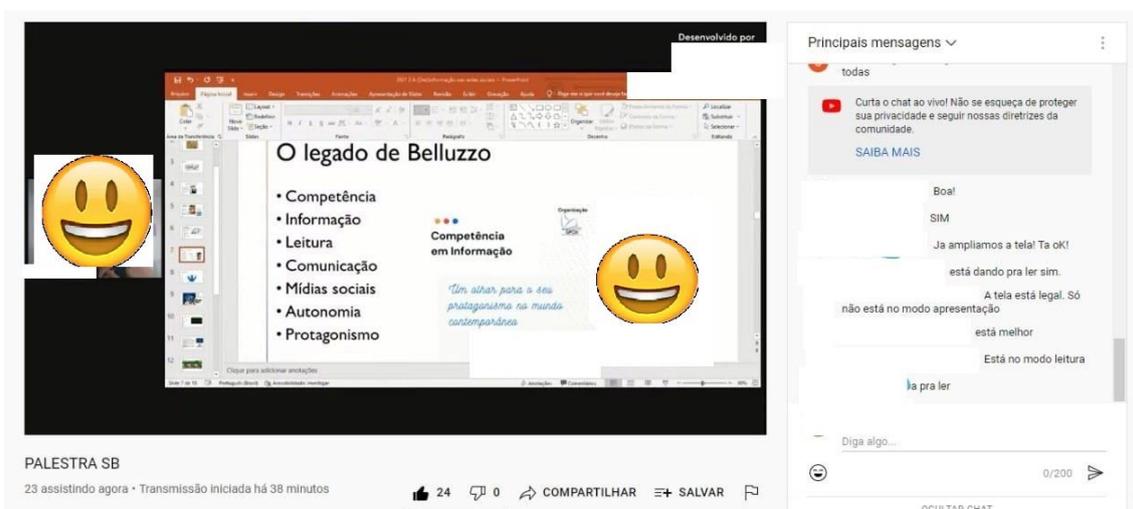
Fonte: Disponibilizado pelo entrevistado número 2.

FIGURA 8 - Minicurso no YouTube



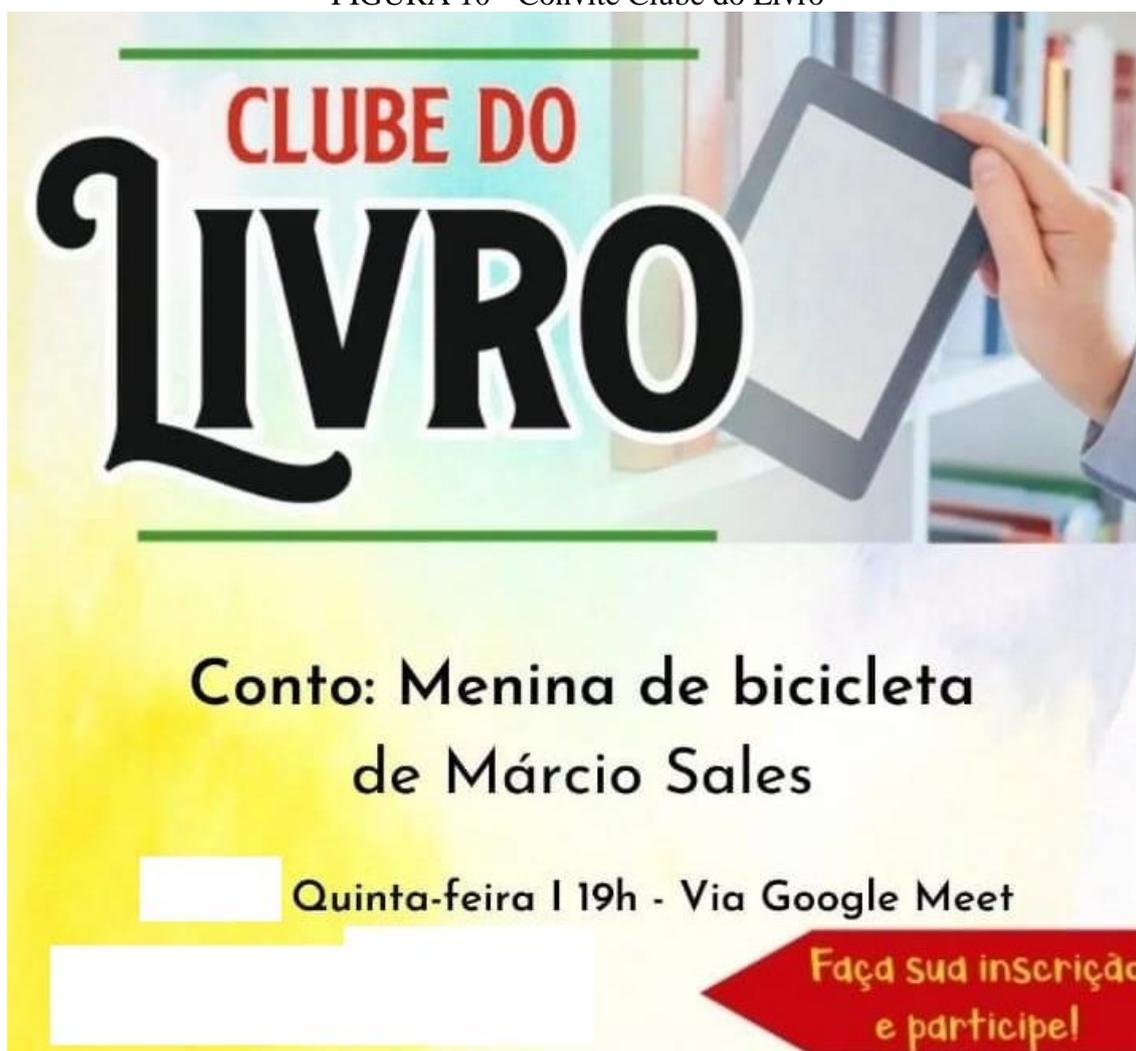
Fonte: Disponibilizado pelo entrevistado número 2.

FIGURA 9 - Print da palestra síncrona no *YouTube*



Fonte: Disponibilizado pelo entrevistado número 2.

FIGURA 10 - Convite Clube do Livro



Fonte: Disponibilizado pelo entrevistado número 2.